



PAULA  
FRASSINETTI

## **Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino  
Básico

### **Educar, Pesquisar e Entusiasmar: em busca de soluções personalizadas**

**Mestranda:** Ângela Catarina Silva Alexandre

**Orientadoras:** Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves

Mestre Maria Ivone Couto Monforte das Neves

**Porto**

**Fevereiro, 2014**



PAULA  
FRASSINETTI

## **Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino  
Básico

### **Educar, Pesquisar e Entusiasmar: em busca de soluções personalizadas**

**Mestranda:** Ângela Catarina Silva Alexandre

**Orientadoras:** Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves

Mestre Maria Ivone Couto Monforte das Neves

**Porto**

**Fevereiro, 2014**

## RESUMO

Durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino básico, foi realizado um estágio profissionalizante nestas duas valências com o objetivo de vivenciar e compreender a intervenção pedagógica de um profissional de educação.

No decorrer desta experiência pedagógica, foi essencial compreender-se a funcionalidade das instituições, bem como o trabalho que as equipas pedagógicas desenvolviam. As observações ao grupo/ turma foram constantes com o objetivo de se planear, agir e avaliar de forma a ir ao encontro das necessidades, interesses, motivações e características de cada criança.

Toda a intervenção educativa foi uma excelente oportunidade de aplicar os conhecimentos que se tinha vindo adquirir anteriormente no processo de formação, concretizando-se várias pesquisas de forma a articular a teoria com a prática. Analisou-se ainda os documentos da Instituição, fez-se pesquisas bibliográficas, registos de observação, análise de conteúdo, reflexões e avaliações.

O ensinar, pesquisar e entusiasmar, como o título do relatório indica, permitiu que ao longo de toda a ação, a estagiária criasse momentos de aprendizagens entusiastas para que as crianças se sentissem motivadas e com o intuito de as incentivar a pesquisar e serem elas mesmas a ir à descoberta; tal é descrito no presente documento.

**Palavras- chave:** Educação Pré- Escolar, 1ºCiclo do Ensino Básico, Criança/ Aluno, Intervenção Educativa, Trabalho de Projeto, Envolvimento Parental

# ABSTRACT

During the Masters in Preschool Education and Teaching of the 1st cycle of basic education, was realized a vocational stage was performed in these two valences in order to experience and understand the pedagogical intervention of a professional education.

During this pedagogical learning experience, was essential understand the functionality of the institutions as well as the work that pedagogical teams developed. The observations of the group / class were constant in order to plan, act and evaluate in order to meet the needs, interests, motivations and characteristics of each child.

All the educational intervention was an excellent opportunity to apply the knowledge that had been acquired earlier in the training process, putting up several searches in articulating the theory with practice. It was also analyzed the documents of the institution, made up bibliographic research, records of observation, content analysis, reflections and evaluations.

Theach, research and enthusiasm, as the report title indicates, allowed throughout the action, the intern created moments of enthusiastic learning for children to feel motivated and in order to encourage them to be themselves and search to go to the discovery, as described in this document.

Key-words: Preschool, Primary School, Education, Children, Educational Intervention, Project Work, Parental Involvement

# AGRADECIMENTOS

Ao fim de quatro anos e meio termina, assim, uma das etapas mais importantes da minha vida. Ao longo deste tempo, várias foram as pessoas que me ajudaram, apoiaram e me incentivaram a seguir em frente e a lutar pelo meu sonho e objetivo: a construção da minha profissionalização. Por tal, é minha obrigação agradecer a todos aqueles que estiveram ao meu lado nesta caminhada, contribuindo para que este desafio fosse de facto possível e concretizado.

Assim sendo, irei deixar aqui os meus sinceros agradecimentos àqueles que me acompanharam e apoiaram ao longo desta caminhada.

À Mestre Maria Ivone Couto Monforte das Neves e à Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves pelo apoio incondicional que me deram, pela disponibilidade, pelas aprendizagens significativas, pela partilha de conhecimento que me transmitiram, por acreditarem nas minhas potencialidades e por todas as palavras de carinho que tiveram comigo.

À minha querida educadora cooperante e amiga, Maria das Dores Lumini e à auxiliar de educação e amiga Manuela Fernandes, que ao longo de todo este percurso, me ensinaram, deram, ajudaram, incentivaram e fizeram-me crescer quer a nível pessoal, quer ao nível profissional; acima de tudo ensinaram-me o que é ser uma grande Profissional de Educação.

Às professoras cooperantes, Ana Sofia Borges e Susana, agradeço pelo apoio, e pela coragem e saber que me transmitiram ao longo destes quatro meses.

Aos meus pais e à minha irmã, que sempre me apoiaram, ajudaram, incentivaram, e transmitiram-me força. Mas especialmente à minha mãe, que foi sem dúvida, a pessoa que mais acreditou em mim, que mais me ajudou (devido à facilidade e à paixão que tem por esta área de educação) e que mais lutou para que este sonho se tornasse realidade. Este seria também o sonho dela e como tal, o seu maior desejo seria a filha conseguir concretizá-lo.

Ao meu par pedagógico e amiga Filipa Machado, que sempre estive do meu lado e juntas vivenciamos momentos de angústia e conquistas.

Ao Ivan, pelo amor, carinho e pela paciência que teve comigo, pela força que me transmitiu quando já não me sentia motivada.

Às amigas especiais, Joana Santos, Paula Teixeira, Rita Leitão, Joana Pires, Liliana Barros, Ana Carvalho e Ivone Mendes por estarem sempre do meu lado; pela ajuda, apoio e pelos sorrisos nos momentos mais complicados.

Ao meu primo João Moreno, que passou noites e noites a formatar o meu relatório, pela paciência que teve comigo quando colocava a mão no relatório e desformatava tudo.

Por último, quero agradecer a todos os meninos e meninas que levo no coração que durante oito meses coloriram os meus dias; a todos/as eles/as: muito obrigada.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	11
I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	13
1.1 O valor de Educar e Ensinar.....	13
1.2 Princípios orientadores da prática profissional.....	21
II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	30
2.1 Tipo de Estudo.....	30
2.2 Participantes do estudo.....	31
2.3 Instrumentos e Procedimentos.....	31
III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA.....	34
3.1 Contexto Organizacional.....	34
3.1.1 As Instituições.....	34
Caracterização física da Instituição.....	36
Funcionamento das Instituições.....	37
Os recursos materiais.....	38
3.1.2 Caracterização teórico-real dos grupos.....	38
3.2 Intervenção nos contextos.....	46
3.2.2 Planificar.....	48
3.2.3 Agir.....	50
3.2.4 Avaliar.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	68
ANEXOS.....	CD

# ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I- Registo de Incidente Crítico

Anexo II- Registo Check-List

Anexo III- Perguntas Entrevista

Anexo IV- Respostas Entrevista

Anexo V- Reflexão “Expectativas” 1º CEB

Anexo VI- Grelha de Autoavaliação

Anexo VII- Quadro Rotinas

Anexo VIII- Reflexão “Tempo”

Anexo IX- Planta da Sala E.P.E

Anexo X- Reflexão “Espaço”

Anexo XI- Registo de Incidente Crítico

Anexo XII- Registo Fotográfico

Anexo XIII- Registo de Incidente Crítico

Anexo XIV- Registo de Incidente Crítico

Anexo XV- Registo Fotográfico

Anexo XVI- Registo Portfólio Criança

Anexo XVII- Registo Fotográfico

Anexo XVIII- Exemplo de avaliação

Anexo XIX- Registo Fotográfico

Anexo XX- Registo Check-list

Anexo XXI- Registo Fotográfico

Anexo XXII- Registo Fotográfico

Anexo XXIII- Registo Incidente Crítico

Anexo XXIV- Registo Fotográfico

Anexo XXV- Registo Fotográfico

Anexo XXVI- Gráfico

Anexo XXVII- Gráfico



Anexo XXVIII- Gráfico

Anexo XXIX- Gráfico

Anexo XXX- Gráfico

Anexo XXXI- Registo Descrição Diária

Anexo XXXII- Reflexão Semanal 1º CEB

Anexo XXXIII- Quadro de Avaliação EPE

Anexo XXXIV- Registo Fotográfico

Anexo XXXV- Exemplo Planificação EPE

Anexo XXXVI- Rede Curricular

Anexo XXXVII- Exemplo Planificação 1ºCEB

Anexo XXXVIII- Exemplo Planificação 1ºCEB

Anexo XXXIX- Registo do Projeto

Anexo XL- Registo de Comentário

Anexo XLI- Registo Fotográfico

Anexo XLII- Registo Projeto

Anexo XLIII- Trabalho Envolvimento Parental

Anexo XLIV- Descrição de Atividade EPE

Anexo XLV- Comentários Pais

Anexo XLVI- Descrição de Atividade

Anexo XLVII-Registo Fotográfico

Anexo XLVIII- Descrição de Atividade

Anexo XLIX- Descrição de Atividade

Anexo L- Registo Projeto

Anexo LI- Registo Projeto

Anexo LII- Descrição de Atividade

Anexo LIII- Descrição de Atividade

Anexo LIV- Exemplo Planificação

Anexo LV- Registo Projeto

Anexo LVI- Grelha de Avaliação do Projeto

Anexo LVII- Registo Fotográfico

Anexo LVIII- Registo Fotográfico  
Anexo LIX- Registo Fotográfico  
Anexo LX- Registo Fotográfico  
Anexo LXI- Reflexão Semanal  
Anexo LXII- Registo Fotográfico  
Anexo LXIII- Registo Fotográfico  
Anexo LXIV- Registo Fotográfico  
Anexo LXV- Registo Descrição Diária  
Anexo LXVI- Registo Check-List  
Anexo LXVII- Exemplo avaliação Formativa  
Anexo LXVIII- Exemplo Autoavaliação  
Anexo LXIX- Avaliação Semanal EPE  
Anexo LXX- Avaliação Semanal 1ºCEB  
Anexo LXXI- Registo Portfólio Criança

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EPE- Educação Pré-Escolar

1ºCEB- 1º Ciclo do Ensino Básico

PE- Projeto Educativo

ME- Ministério da Educação

## INTRODUÇÃO

O relatório de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. O presente relatório exige uma reflexão sobre a vivência nas valências de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, durante os estágios profissionalizantes, orientados pela, Mestre Ivone Neves e pela Doutora Daniela Gonçalves. Este presente relatório irá focar as vivências e toda a experiência educativa em contexto de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

O estágio profissionalizante teve como principal objetivo proporcionar uma experiência pedagógica para compreender o papel de uma educadora/ professora numa sala de Educação Pré-Escolar (EPE) e numa sala de 1ºCiclo de Ensino Básico (1ºCEB). A duração do estágio foi vivida ao longo de quatro meses em ambos os estágios, com a colaboração de vinte cinco crianças, na EPE e no 1ºCEB com a colaboração de vinte e seis crianças. Desta forma, vivenciou-se de perto toda a prática educativa de uma educadora de infância e de uma professora de 1ºCEB, possibilitando a compreensão próxima da rotina diária destes dois grupos de crianças. As instituições onde decorreram os estágios profissionalizantes eram ambas de cariz Público e situam-se no Distrito do Porto.

As experiências dos estágios profissionalizantes tiveram como objetivos principais: perceber as características do contexto educativo em EPE e no 1ºCEB, transversalmente com análise dos documentos das instituições cooperantes, assim como administração e gestão e atuação em conformidade com os mesmos; aplicar, de forma integral, os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa, aplicar estratégias e métodos adequados ao grupo de crianças em questão, de modo a promover situações de desenvolvimento e aprendizagem e fundamentar a observação e colaboração articulando a teoria com a prática. É fundamental observar, planificar, agir e avaliar a intervenção educativa, assim como participar em situações de envolvimento parental; todos estes aspetos foram vivenciados e observados, nas práticas educativas, e serão abordados neste relatório de estágio.

No decorrer deste relatório, primeiramente, aborda-se o enquadramento teórico, onde se apresenta uma reflexão sobre as perspetivas teóricas relativamente ao contexto da EPE e do 1ºCEB, o qual sustenta toda a prática pedagógica. Refere-se ainda neste ponto, o valor de “educar”, “a prática do educador/ professor”, “a

importância do professor investigador”, os “Modelos pedagógicos”, a “Participação ativa da criança”, o “Trabalho de projeto” e, para finalizar, o “envolvimento parental”.

No que concerne a Metodologia de Investigação, apresenta-se o tipo de estudo/ abordagem, assim como os participantes que fizeram parte do estudo, os instrumentos e procedimentos utilizados e por fim a análise dos dados recolhidos.

O Contexto Organizacional é outro aspeto que se aborda seguidamente, e este foca-se primeiramente nos contextos educativos, como: as instituições em questão, a caracterização física das instituições, o funcionamento das instituições, os recursos materiais, a caracterização dos grupos e a caracterização sócio- familiar dos grupos, numa segunda abordagem foca-se a intervenção, onde está descrito todo o trabalho desenvolvido e sempre apoiado de aspetos fundamentais da intervenção educativa como observar, planear, agir e avaliar.

Para finalizar, apresenta-se as considerações finais, onde se remete a autoavaliação, as experiências vivenciadas, as dificuldades encontradas, a importância destes estágios, enquanto futura profissional e estratégias adotar para uma intervenção educativa bem sucedida.

# I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Ao longo deste capítulo irá realizar-se um enquadramento teórico, onde serão evidenciados as teorias públicas que sustentaram esta experiência de estágio profissionalizante.

## 1.1 O valor de Educar e Ensinar

A educação é o primeiro pilar na construção do ser humano e do comportamento deste na sociedade. De acordo com Laborinho Lúcio, a ação educativa deverá ser um processo de libertação do indivíduo: “reconhecendo-o como sujeito, lhe proporciona instrumentos de pensamento e de cultura que lhe permitem agir como autor do seu tempo cultural e humano.” (Laborinho Lúcio, 2007:51)

Educar é um conceito complexo, repleto de diversos significados por vários teóricos. No entanto, um profissional de educação necessita de conhecer e compreender o seu sentido polissémico, para, posteriormente, possuir e ir construindo a sua própria prática educativa.

Para Cabanas “(...) é também determinante do processo, para que saibamos o que fazer com ele e, também, o que devemos fazer com ele: os fins educacionais.” (2002:61)

A prática educativa é algo que pode e deve encontrar-se em permanente alteração, procurando estar adequada aos diferentes contextos educativos. Desta forma, pode-se considerar que a formação de um profissional de educação nunca termina; é realizada ao longo da vida, no sentido de estar adequado aos novos contextos educativos, às novas adversidades, fruto de uma sociedade moderna, em constante modificação.

Ao compreender esta realidade, ao longo deste presente relatório será realçado o facto de se educar numa perspetiva investigativa, de pesquisa permanente e, motivacional, com a finalidade de encontrar soluções personalizadas face aos problemas que vão surgindo na caminhada de um educador/professor.

Desta forma, preconizamos como fundamental educar numa perspetiva investigativa. O educar/professor pode e deve ser o investigador da sua própria intervenção educativa, tendo como objetivo melhorar a qualidade do seu ensino, estando, conseqüentemente, adequado ao contexto, no qual está inserido, adotando as melhores estratégias, proporcionando múltiplas aprendizagens.

Na contemporaneidade, educar é cada vez mais um grande desafio para o educador/ professor, tendo em conta que a educação tem vindo a sofrer mudanças que são reflexo das alterações sociais, bem como o facto do sistema educacional estar “aberto” a todos os outros sistemas: político, económico, religioso, entre outros.

Portanto, hodiernamente, cada vez mais se solicita aos profissionais da educação o rigor científico a par da compreensão e integração da complexidade e diversidade social. No que concerne a educação, defende-se que a criança seja um ser ativo e o sujeito da ação, de forma a promover nestes valores, tais como a autonomia, a responsabilidade e a interiorização de direitos e deveres, para que desta forma se compreenda como um cidadão democrático na sociedade. Tal como salienta Savater (2010:15),

“ (...)o facto de cada um de nos ser capaz de ensinar alguma coisa (ou de ser até mesmo inevitável que ensine alguma coisa a alguém ao longo da sua vida) não quer dizer que seja quem for seja capaz de ensinar seja o que for. A instituição educativa aparece quando o que há para ensinar é um saber científico, não simplesmente empírico e tradicional, como as matemáticas superiores, a astronomia ou a gramática.”

Tendo em conta o âmbito deste percurso, a educação pré-escolar tem vindo a sofrer mudanças com o passar dos anos, visto que no passado não era dado o devido valor a esta valência, pois era entendida apenas como um local de brincadeira e não de aprendizagem, onde as crianças passavam o seu tempo. Contudo, “nem tudo se pode aprender em casa ou na rua, como creem alguns espontaneístas precipitados” (Savater, 2010:15)

Há que realçar a mudança no entendimento: defende-se que a educação pré-escolar é a primeira etapa na construção de educação do ser humano; defende-se então que esta etapa da educação é crucial na formação do indivíduo como pessoa e ser social. Segundo a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, esta defende que a educação pré-escolar é: “a primeira etapa da educação básica no processo da educação ao longo da vida (...) favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. (Lei- Quadro nº5/97, de 10 de Fevereiro, Ministério da Educação).

Consideramos então que é fundamental que todas as crianças tenham oportunidade e acesso a esta, para que aprendam, criem o seu próprio conhecimento e recebam valores que as formem como bons cidadãos, de forma a respeitarem e a ser respeitadas, para assim, aprenderem a viver numa sociedade possuindo um papel fulcral na mesma.

“Diríamos, simplificando excessivamente, que ao mesmo tempo que à escola se pede que integre de fora para dentro, a complexidade e a diversidade sociais, também se lhe demandam que, de dentro para fora, eduque para a vida numa sociedade complexa e marcada pela diversidade” (Laborinho Lúcio,2008:53).

De acordo com Laborinho Lúcio, a escola tem o dever de aceitar e integrar todos os indivíduos, não fazendo diferenciação de classes sociais, etnias ou necessidades educativas especiais, devendo ainda adotar uma prática e uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais de cada criança. Desta forma, a escola está a promover a complexidade e diversidade junto dos indivíduos, desenvolvendo nestes a compreensão e aceitação da diferença, preparando/ formando assim seres com uma mentalidade aberta para intervir numa sociedade diversificada.

“Cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória (...). É também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem de sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória.” (ME, 1997:28)

Com esta experiência de construção da profissionalidade, considera-se vantajoso que exista uma estreita articulação entre as duas valências – EPE e 1º CEB - , tendo como objetivo o sucesso da criança e, posteriormente, como aluno. Por tal, cabe ao educador e ao professor trabalhar em equipa criando condições favoráveis para que a criança se sinta segura e confiante na transição que se pretende que seja ecológica. Desta forma, ambos os profissionais podem e devem potencializar esses momentos de transição, no sentido de se realizarem diversas atividades pontuais, como a visita à nova escola, momentos passados na escola com os futuros colegas e adultos, conversas informais com o futuro professor e ainda a apresentação de trabalhos e/ou projetos de ambas as salas. Estes profissionais poderão valorizar esta articulação promovendo atividades conjuntas que valorizem o currículo nos dois níveis educativos, recorrendo ao trabalho cooperativo entre as crianças.

Por sua vez, o professor do 1ºCEB, estabelecendo simultaneamente uma articulação, deve ter em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os seus erros ou limitações, na construção das aprendizagens significativas e diversificadas que levarão ao sucesso global do aluno.

“Antes de ser educada, não há na criança uma personalidade própria que a educação possa submeter, mas apenas uma série de disposições genéricas, fruto do acaso biológico: será através da aprendizagem (não só da submissão a ela, mas também da revolta contra ela e da inovação a partir dela) que se forjará uma identidade irrepitível. (Savater, 2010:13)

Vejamos, a título ilustrativo, o caso do educador de infância.

“Na educação pré-escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (ME; Decreto- Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto, Ministério da Educação)

Segundo as Orientações Curriculares da EPE estas definem o educador como “construtor, o gestor do currículo, no âmbito do projeto educativo do estabelecimento ou do conjunto de estabelecimentos. O educador deve construir esse currículo com a equipa pedagógica, escutando os saberes das crianças e as suas famílias, os desejos da comunidade e, também as solicitações de outros níveis educativos.” (ME:1997:8)

No que concerne o 1ºCEB “ o professor do 1º ciclo do ensino básico desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem do aluno.” (ME; Decreto-Lei nº241/2001, 30 de agosto).

Assim, pode-se afirmar, que o educador/professor deve ir de encontro às necessidades das crianças, devendo adaptar-se a estas e agir em função das suas necessidades, de forma a dar resposta às mesmas. O educador/professor deve ainda dar voz ativa à criança estimulando-a assim, a uma participação ativa e fazer com que esta demonstre os seus saberes/ conhecimentos. Preconizamos a seguinte conceção: o docente não é apenas um transmissor de conhecimentos científicos, na medida em que tem também a função e o dever de transmitir à criança valores como a amizade, o respeito pelo outro, aceitação de diferenças, entre outros e também fazer com que a criança perceba que é detentora de direitos e deveres.

“Porque educar e crer na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que a anima, no haver coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, factos...) que podem ser sabidos e que merecem sê-lo, na possibilidade de nos podermos— nos, os homens — melhorar uns aos outros por intermedio do conhecimento.” (Savater, 2010:12)

Segundo a Lei-Quadro nº 5 de 1997 de 10 de Fevereiro do ME, esta defende que os objetivos pedagógicos devem “promover o desenvolvimento pessoal e social



da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania”, ou seja, cabe ao educador promover na criança valores que a eduquem para ser um cidadão com direitos, deveres e responsabilidades, capaz de saber viver em democracia. A Lei-Quadro nº 5 de 1997 defende ainda que se deve “ Despertar a curiosidade e o pensamento crítico”, assim, o educador deve fomentar o gosto pela curiosidade e pensamento crítico na criança, formando esta num ser autónomo e detentor de espírito crítico.

A Lei-Quadro nº5 de 1997 de 10 de Fevereiro, refere que se deve “ Proceder à despistagem de inaptações, deficiências, ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança”, ou seja, o educador deve ser capaz de identificar eventuais dificuldades demonstradas pela criança, e deve eficazmente responder a estas de forma a encontrar solução ou estratégias. Caso seja uma situação que não seja da sua competência deve encaminhá-la a profissionais especialistas.

Para que o educador seja capaz de responder a todos estes princípios pedagógicos, deve orientar-se através de uma observação minuciosa à criança, planear previamente e de acordo com as necessidades e interesses da mesma, agir de acordo com aquilo que planeou e de acordo com aquilo que acha necessário alterar, se assim se justificar, e no final avaliar toda a intenção pedagógica e os resultados obtidos.

No que diz respeito ao professor do 1.ºCEB, este deve cumprir as exigências profissionais que lhe estão atribuídas, através do Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de agosto. Dessas mesmas exigências, podem-se salientar: “Desenvolvimento das aprendizagens, mobilizando, integradamente, saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem”; “Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens”; e, “promove a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1.º ciclo com as da educação pré-escolar e as do 2.º ciclo”, entre outras.

Cabe, então, ao professor estar atento a todo o processo de aprendizagem, à medida que observe, planifique, organize, atue e avalie em conformidade com as necessidades e características de cada criança.

Pode-se também constatar que existe um certo paralelismo entre os dois documentos que regem as duas valências, permitindo um trabalho de continuidade entre os dois níveis, salvaguardando, contudo, as características intrínsecas às idades das crianças abrangidas por cada nível educativo, como defende a autora Célia Serra (2004:84).

Após a análise às práticas destes dois profissionais de educação, pode-se concluir que ambos atuam com a finalidade de seguirem um processo: observar, planificar, agir, refletir, pesquisar e avaliar a sua prática pedagógica, sempre com o intuito de criar atividades diversificadas e significativas, adequando as suas práticas, metodologias, estratégias e formas de motivação, tendo em conta o grupo em que está inserida. Desta forma, alerta-se para o fato do professor educar, pesquisar, motivar, refletir constantemente, de forma a não cair na monotonia, proporcionando assim o entusiasmo perante a sua turma, e procurando soluções personalizadas.

Surge então a necessidade de motivar e entusiasmar as crianças/os alunos.

“Motivação é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustém uma actividade progressiva, que canaliza essa actividade para um dado sentido. Assim, pode designar-se por motivação tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta. Pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades.” (Balancho,2005:17)

De acordo com esta perspetiva, a motivação é um dos fatores fulcrais na aprendizagem das crianças, pois estas, ao sentirem-se motivadas, conseguem ter razões pelas quais querem e desejam aprender. As crianças motivadas são facilmente “influenciadas” ao longo da sua aprendizagem, mostram um interesse constante e a vontade de querer saber mais.

Segundo Burochovitch, “muitas disciplinas, conteúdos e atividades são percebidos pelos alunos como maçantes e sem apelo afetivo, pelo método com que são tratados, pela contingência da rotina que impregna todo o processo ao longo de cada ano escolar” (2010:22). A motivação tem então como principal objetivo despertar o interesse pelas atividades de aprendizagem e, conseqüentemente, quebrar a rotina, “para suavizar o caráter de obrigatoriedade das tarefas, para combater o tédio e para corrigir a aridez de certos conteúdos.” (Burochovitch, 2010: 23) Pode-se afirmar que os resultados da motivação, de um modo geral, serão benéficos:

“Os desafios percebidos como difíceis, porém em grau acessível, são, por sua própria natureza, incentivos para o esforço. Esse caráter motivacional deriva do facto de que todo verdadeiro desafio excita e motiva a mente. Além disso, a superação de um desafio, através do esforço pessoal, gera no aluno emoções positivas de satisfação, realização e até orgulho” (Burochovitch, 2010:20).

O professor não deve ser apenas um profissional que limita a sua ação pelo currículo, mas sim deve estar aberto, a imprevistos que possam surgir no espaço educativo, pois deve ser capaz de arranjar estratégias, soluções para dar respostas a situações inesperadas. O professor-investigador é visto como um investigador da ação, inovador, observador participante e capaz de proporcionar estratégias adequadas a situações imprevistas.

Segundo Alarcão, o educador/professor deve “instituir o currículo, vivenciando-o e co-constituindo-o com os seus colegas e os seus alunos, no respeito, é certo, pelos princípios e objetivos” (2001:15). O educador/professor deve seguir-se por este pressuposto, contudo deve, ser capaz de investigar para contornar obstáculos/situações inesperadas de forma a adequar a sua prática a estas. A investigação surge para proporcionar um desenvolvimento de qualidade do ensino e do processo de aprendizagem, o que permite que as inovações sejam feitas através do educador, este deve pesquisar para que na sua prática possa agir em conformidade com esta.

Este processo de investigação/pesquisa por parte do educador/professor deve ser um processo contínuo e sistemático, podendo influenciar, beneficemente, a planificação que realiza, a forma como executa as atividades, adotando as melhores estratégias, recursos, formas de motivação, entre outros. O ato reflexivo pode também ser incutido nas próprias crianças, pelo educador/professor, sobre a forma como estas executam as atividades e pelo próprio processo de aprendizagem.

Através deste pensamento reflexivo sistemático e contínuo e desta pesquisa constante, investiga-se para o sucesso da ação educativa.

“Todos os professores já terão vivido experiências onde a fluidez estivesse presente - quando, por exemplo, o professor e os alunos estão tão absorvidos no ensino e na aprendizagem que nem se dão conta de que já passou meia hora. É o que os outros descrevem como um ensino poderoso, quando o desejo de aprender é mobilizado e mantido, quando a totalidade dos eus físicos, emocionais e intelectuais dos que se encontram na sala de aula são estimulados e exaltados pela experiência. É a antítese de «ensinar-como-habitualmente este» e ocorre quando os professores estão no auge da sua criatividade, quando eles: estão abertos a novas ideias e novas situações, incentivando a criação de desafios, tanto em relação a eles próprios como em relação à sua visão do mundo,” (Christopher Day, 2004:128)

É fundamental que um profissional de educação se dedique à sua prática e esteja aberto a novas formas e novos métodos de ensinar, pois não pode nunca cair no que já é monótono, ou mesmo no que é o ensino tradicional, deve sempre pesquisar, para assim criar novos desafios e formas diversificadas eficazes na aprendizagem dos seus alunos. O professor deve conseguir estar verdadeiramente

motivado ao longo da sua prática, para que assim se mostre entusiasmado e possa entusiasmar, pois quando este gosta realmente daquilo que ensina consegue facilmente transmiti-lo aos seus alunos e estes ficarão com toda a certeza mais entusiasmados e empenhados.

Como defende Azcue “esse entusiasmo e essa dedicação são facilmente contagiosos. Como diz o antigo provérbio, «o professor medíocre conta, o bom professor explica, o professor superior demonstra e o professor brilhante entusiasma.» (2012:26)

Tal como salienta Balancho (2005:41),

“para satisfazer os objectivos da escola, o ensino, com vista a uma educação integral, deverá ser concebido como “ um ensino de iniciativa”, que analise o real global e desenvolva a criatividade. O papel do educador consistirá, assim, em estimular e praticar a criatividade, em vez de reprimir, sistematicamente em nome da disciplina e dos preconceitos.”

É fundamental que um profissional de educação seja criativo, na forma como ensina ou mesmo na forma como arranja estratégias para ensinar, pois como se tem vindo a falar anteriormente, alunos motivados, mostram-se muito mais empenhados e percetivos a tudo aquilo que se ensina, pois cabe ao professor incentivar, pesquisar, criar e acima de tudo entusiasmar os seus alunos para que estes desejem aprender.

Para um educador/ professor investigar a sua prática pedagógica é inerente adotar uma postura reflexiva sobre a mesma.

Ivone Neves afirma que “ser professor reflexivo significa ser um profissional que reflete sobre o que é, e o que realiza, o que sabe e o que ainda procura, encontrando-se em permanente atenção às situações e contextos em que interage.” (2007:132) Ainda na mesma linha defende que o professor deve sempre refletir sobre a sua prática, tendo em conta aquilo que fez, como fez e perceber se existem limitações e consequentemente formas de intervenção para melhorar a sua intervenção educativa.

Ser profissional reflexivo é ser capaz de analisar, criticar e questionar o que fez, quando fez, como fez, com o efeito de pensar e repensar sobre a sua intervenção educativa, modificando comportamentos, atitudes, estratégias, atividades, ou seja, propondo outras formas de atuação, no contexto em que se encontra inserido. Um documento imprescindível para essa mesma reflexão, contínua e permanente, é o portfólio do educador/professor, denominado Portfólio Reflexivo, porque através deste instrumento, o profissional de educação pode observar a evolução existente, quer em relação ao processo, quer em relação ao produto (rendimento) e, refletir sobre os mesmos.

“O conceito de comunidade de aprendizagem (e/ou um espaço reflexivo) envolve a necessidade de um espaço educacional onde os participantes se sintam pertencentes à comunidade, onde possam debater ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros, pensar com autonomia, explorando alguns pressupostos e possam, também, trazer para as suas vidas a percepção do que é descobrir, inventar, analisar e criticar coletivamente.” (Gonçalves, 2010:3).

De acordo com esta teoria pública, pode-se concluir que o ato reflexivo é essencial para o profissional de educação, a vários níveis, visto que é no espaço reflexivo que o professor se analisa, expondo as suas ideias, auxilia e enriquece-se com as ideias dos outros, para que em equipa sejam capazes de realizar novas descobertas e críticas construtivas, que tenham em vista encontrar soluções personalizadas para, assim, atingir o sucesso na aprendizagem.

## **1.2 Princípios orientadores da prática profissional**

Atualmente, é dada à criança voz ativa, na participação ao longo do seu próprio desenvolvimento, uma vez que o educador/professor deve ser capaz de proporcionar à criança momentos de participação ativa e de tomadas de decisões. O educador/professor deve ter sempre em conta o grau de conhecimento e competências que a criança já adquiriu, para que na sua ação não proponha atividades/ experiências que não sejam adequadas à mesma. Cabe ao educador/professor ouvir a criança e partir dos seus interesses e necessidades, para que aja em conformidade com as mesmas. Os modelos utilizados durante a intervenção educativa foram: o modelo High/Scope e o Trabalho de Projeto, na valência de Educação Pré-Escolar e, os modelos pedagógicos (pedagogia diretiva, pedagogia não diretiva e pedagogia relacional), adotados na valência do 1.ºCEB.

O modelo High/Scope defende que a criança tenha um papel fulcral na participação de toda ação educativa, isto é, que participe na planificação, na execução, e na reflexão, pois esta só aprende através da ação/ experimentação. A criança neste modelo é vista como um ser ativo no percurso da sua aprendizagem, é capaz de fazer as suas próprias descobertas. Desta forma o educador deverá proporcionar atividades/ momentos que permitam à criança intervir livremente, sendo esta o centro da ação. Assim a criança sente-se estimulada a participar e mais segura nas suas ações

“Através da aprendizagem pela ação- viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.” (Hohmann & Weikart, 2011:5)

De acordo com esta teoria pública, pode-se afirmar que o facto da criança participar e vivenciar situações de aprendizagem, faz com que tenha uma visão mais ampla do mundo que a rodeia e possa agir em conformidade com o mesmo. O modelo High/ Scope remete ainda para a importância da organização do espaço, este deve estar organizado por áreas e estas devem estar devidamente identificadas, cada uma das áreas deve dispor de diversos materiais e em abundância. É de salientar que os espaços da sala devem estar de acordo com os interesses e necessidades da criança, para que possa desenvolver a sua aprendizagem de forma significativa. Assim as rotinas também são um dos pilares importantes na pedagogia High Scope, pois esta diz que a rotina diária deve ser sempre que possível estável.

É fundamental que em qualquer Jardim de Infância existam horários fixos que façam parte da rotina, pois são momentos que para a criança são cruciais para que perceba os acontecimentos pelos quais vai passar ao longo do seu dia- a- dia no Jardim. O educador deve criar e desenvolver estratégias para que a criança se sinta bem, segura e compreenda acontecimentos e atribua significado aos mesmos.

Os horários das rotinas devem-se manter fixos sempre que possível, embora caso seja necessário o educador pode e deve alterar o horário das mesmas, sendo sempre que necessário flexível, nunca esquecendo que qualquer momento da rotina deve fazer sentido para a criança. Percebe-se então que a Modelo High/ Scope promove o papel ativo da criança ao longo de todo o seu processo de aprendizagem, devendo o educador proporcionar situações desafiantes para a criança no decorrer deste desafio.

A motivação é um fator essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois é uma das principais razões que faz mover a criança/o aluno, uma vez que esta se torna mais “entusiasmada” e empenhada na construção do seu conhecimento. Cabe ao educador/professor, arranjar estratégias motivacionais, cujo seu objetivo, é fazer com que as crianças/alunos sejam um organismo ativo e participativo dentro da sala de aula, para que estas desempenhem as atividades propostas com entusiasmo e dedicação. Desta forma, a motivação está sempre relacionada com um objetivo, uma meta a atingir, o que suscita a curiosidade da criança/ aluno, como podemos concluir com a seguinte afirmação: “a motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade

progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido.” (Balancho e Coelho, 1996:3)

No que diz respeito à motivação, esta deve estar sempre presente na planificação e consequente execução das atividades, procurando o seu êxito. Deste modo, todas as atividades planejadas devem motivar os alunos. No entanto, existem atividades que, ou por possuírem uma imensa densidade de conteúdos, ou por serem de difícil compreensão, necessitam de mais estratégias motivacionais, como a utilização de jogos didáticos, dispositivos pedagógicos, apresentações de diferentes suportes tecnológicos, entre outros; tal ideia é defendida na seguinte citação:

“Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência deve estar motivado, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente dependentes de motivação, como suporte, lazer, brinquedo, ou trabalho profissional.” (Bzuneck, 2000:10)

Um bom professor é aquele que constantemente motiva os seus alunos e faz com que estes participem ativamente no seu processo de aprendizagem. Nunca poderá fingir o seu entusiasmo, pois esse tem que ser verdadeiro e sentido, uma vez que, só assim conseguirá entusiasmar os outros. O professor de excelência é aquele que essencialmente gosta e sabe aquilo que ensina, pois, segundo várias perspetivas, dar aulas é fácil, difícil é conseguir que os alunos aprendam e gostem de aprender. Para haver bons alunos, é essencial que primeiro haja bons professores, pois só assim haverá um bom começo.

“Os bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, os professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas o seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação”. (Cury, 2004:70)

O papel da criança não foi desde sempre, visto como uma mais-valia, no processo de aprendizagem, ou seja, no passado o contributo da criança não era valorizado. O papel do professor é que era visto como maioritário, e o único capaz de ensinar e transmitir conhecimento, tendo a criança apenas o papel de recetor de informação e capacidade de reproduzir o que lhe foi transmitido.

Atualmente, é defendido em contexto EPE, uma aprendizagem ativa, na qual a criança é o centro da ação e participa ativamente no seu processo de aprendizagem.

“Através da aprendizagem pela ação – viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significados através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.” (Hohmann & Weikart, 2011:5)



A aprendizagem ativa é atualmente, incutida desde cedo nas crianças, estas são motivadas para explorar o mundo, partir à descoberta do conhecimento, pesquisar, investigar e relacionar os objetos e pessoas à sua volta. Durante todo este processo a criança recolhe informação, e constrói um conhecimento sobre o mundo que a rodeia.

Na aprendizagem ativa é essencial que a criança experimente e manipule os materiais, pois é a partir deste contacto direto que esta expande o seu processo de aprendizagem, e é por isso fundamental estimular esta ação na criança. Segundo Piaget, “o conhecimento não provém, nem dos objetos, nem da criança, mas sim das interações entre a criança e os objetos.” (Jean Piaget, citado por Hohmann & Weikart, 2011:19)

Para existir uma aprendizagem ativa é essencial ter-se em conta cinco componente como: materiais, manipulação, a escolha, a linguagem e o apoio do adulto.

No que concerne os materiais, o ambiente educativo deve dispor de diversos tipos de materiais e de um grande número para que todas as crianças possam ter acesso a eles, é ainda de salientar que estes devem estar ao alcance da criança, de modo a esta poder utilizar autonomamente e sempre que queira. Ao dar à criança os materiais necessários para que esta os possa manusear, estamos a incentivar o desenvolvimento sensório – motor e a criança fica mais motivada e encorajada na realização das suas atividades.

Relativamente à manipulação, esta relaciona-se com o fato da criança manusear os materiais, e explorar assim os objetos, aprendendo para que servem e poder colocar na prática todo o conhecimento que adquiriu anteriormente. É necessário que a criança seja capaz de manusear sempre quer os materiais, quer os objetos, pois só assim poderá compreender a sua dinâmica e partir à descoberta, para que crie o seu próprio conhecimento através da sua aprendizagem. A criança deve ser capaz de ter opinião, e escolher aquilo que quer fazer ou o material com que quer trabalhar, numa aprendizagem ativa cabe ao educador estimular esta autonomia na criança, pois só assim a irá incentivar e encorajar a ser ela a ter confiança na decisão das suas escolhas. O adulto tem um papel fulcral em toda esta aprendizagem ativa, pois deve encontrar estratégias, para estimular e incentivar a criança em todo o processo de aprendizagem, deve dar voz ativa a esta. Shannon Lockhart (2011), suportado Jillian Rodd (1996), as crianças que desenvolvem relações de confiança com o adulto aprendem.

“that the world in which they live is a safe and friendly place and that the people who care for them can be trusted to meet their needs promptly, responsively and



consistently. If infants learn that they are valued, cared for and respected as significant members of the group, they will have a strong foundation from which to confidently explore and learn about the world.” (Shannon Lockhart, 2011:9)

Durante toda a prática pedagógica no contexto da EPE, o modelo utilizado foi o trabalho por projeto.

O trabalho de projeto é cada vez mais frequente no trabalho em contexto Jardim de Infância. E a questão é “O que é um projeto?” (...) é um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo.” (Katz, 1997:3) Esta incentiva a criança nas suas aprendizagens através da ação e tem um papel fulcral e ativo ao longo das suas aprendizagens.

Acredita-se que o trabalho de projeto pode e deve desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de construção do conhecimento da criança, o projeto pode ter diferentes tempos de duração, isto é, pode durar apenas uma semana, um mês ou um ano inteiro, dependendo do interesse e empenho das crianças.

A abordagem de Projeto insere-se no currículo da educação pré- escolar e pode mesmo abranger uma grande parte do currículo ou então direcionar apenas alguns dias para este trabalho, consoante os interesses das crianças e educadores.

Concetualmente o trabalho de projeto está dividido em quatro fases. Numa primeira fase a de definição do problema, é feita a escolha do tema, este deve ir de encontro aos interesses das crianças, poderá surgir de dúvidas, de objetos ou até mesmo de descobertas que estas queiram fazer, neste etapa é essencial que o educador tenha um papel de mediador, no sentido de apoiar a decisão das crianças, ajuda-las a manter um diálogo e a tomar consciência daquilo que querem levar a cabo. Numa segunda fase a de planificação, o educador deve orientar as crianças para que estas percebam o fio condutor das aprendizagens e do trabalho que querem desenvolver, como afirma Vasconcelos “define-se o que se vai fazer, por onde se vai começar, como se vai fazer; dividem-se tarefas: quem faz o quê.” (2012:15)

O educador deve dar sempre voz ativa à criança, na medida, em que esta participe autonomamente e seja o centro da ação, deve ainda fazer com que a planificação seja sempre flexível, capaz de ser alterada e modificada sempre que assim se justifique e surjam novas vontades, ideias ou mesmo necessidades. A terceira fase a de execução, é a fase onde a criança experimenta, faz e vivência as aprendizagens propriamente ditas. Por último e não menos importante segue-se a quarta fase a de divulgação/ avaliação, esta última fase, permite que as crianças e a educadora apresentem à comunidade todo o trabalho desenvolvido durante o projeto,

e as competências adquiridas. É de realçar a importância nesta fase, para a avaliação, pois é também nesta que se deve refletir ou até mesmo utilizar instrumentos de avaliação, para se compreender o desenvolvimento e as aprendizagens adquiridas ao longo de todo o trabalho de projeto.

No trabalho de projeto, a criança tem um papel impulsionador nas suas aprendizagens, através de descobertas, interesses e questões que vai colocando e assim percebe o que quer descobrir e no que têm dúvidas para solucionar problemas, cabe ao grupo de crianças escolher um tema que vá de encontro aos problemas, dúvidas ou curiosidades sobre um determinado assunto, o educador tem um papel de mediador e orientador para que possa ajudar esta no seu desenvolvimento e construção do seu conhecimento, o educador terá a função de intermediário ao longo de todo o processo de forma a ajudar a criança a se consciencializar sobre o que pretende conhecer/ aprender de forma a desenvolver competências de aprendizagem e ainda impulsionar momentos de desenvolvimento emocional, moral e estético à criança.

O projeto deve ir de encontro aos interesses e necessidades da criança, estas devem desenvolver a sua mente, as suas ideias e criar o seu próprio conhecimento. O projeto lúdico vivenciado por diferentes grupos pode desenvolver variados resultados de acordo com os seus contextos, vivências, idades e níveis de desenvolvimento.

Segundo Malpique e Santos, após assumida a metodologia do projeto sobre um determinado tema, este deve impulsionar num grupo a participação de todos de modo a criar momentos de pesquisa, planificação e dar resposta aos problemas encontrados (1989:140).

O trabalho de projeto pode, então, ser considerado uma abordagem pedagógica centrada em problemas, ou “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico.” (Katz,1997:2) ou, melhor ainda, “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (Leite, Malpique e Santos, 1989:140).

No trabalho de projeto, cabe à educadora incentivar as crianças e estimular-las a querer saber mais sobre um determinado tema/ assunto, este tipo de trabalho é muito importante pois deste modo as crianças desenvolvem relações interpessoais à medida que um projeto se desenvolve.

O projeto lúdico serve ainda para que os mais novos se sintam mais seguros e capazes de ir à descoberta de novas aprendizagens e diferentes saberes, é de

salientar que aqui privilegia-se a interação das crianças, materiais, objetos e situações no ambiente, deforma a que tenha um significado para o grupo, este tipo de trabalho permite ainda que ao longo das fases do desenvolvimento de um projeto podem e devem ser desenvolvidas diferentes áreas de conteúdo e articula-las sempre que possível nas atividades que façam parte do projeto.

Durante a experiência no 1ºCEB, várias foram as pedagogias utilizadas na ação educativa da estagiária. Pode-se afirmar que existem três diferentes formas de representar a relação ensino/aprendizagem escolar: a pedagogia diretiva, a pedagogia não diretiva e a pedagogia relacional.

A primeira pedagogia apresentada é a pedagogia diretiva, na qual o professor é o centro de todo o processo de ensino-aprendizagem, isto é, é ele que comanda tudo o que se desenrola na sala de aula, não dando oportunidade aos alunos de exporem as suas dúvidas, os seus interesses, não lhes proporcionando voz ativa. O professor é visto, nesta pedagogia, como a fonte do saber e o transmissor de conhecimentos, considerando que os alunos não possuem capacidades e competências necessárias para a construção do seu próprio saber. Segundo Becker “o indivíduo, ao nascer, nada tem em termos de conhecimento: é uma folha de papel em branco; é tabula rasa. É assim o sujeito na visão epistemológica desse professor: uma folha em branco.” (2008:2)

De seguida, encontra-se a pedagogia não diretiva, na qual o aluno é o centro de todo o processo de ensino/aprendizagem, sendo o professor um facilitador, mediador das suas aprendizagens, como defende Carl Rogers (citado por Becker 2008). De acordo com Becker, o aluno já traz um saber que ele precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo.” (2008:7) Ou seja, o professor não diretivo defende que o aluno aprende por si, sendo responsável pelas decisões que toma na sala de aula. O papel deste professor é auxiliar o aluno na construção do conhecimento, aproveitando o saber que o aluno já tem anteriormente, como cita Freire “o aluno precisa aprender o que o professor tem a ensinar (conteúdos da cultura formalizada, por exemplo); isto desafiará a intencionalidade de sua consciência.” (1979:9)

Por último, pode ser também utilizada a pedagogia relacional, na qual o aluno e o professor trabalham mutuamente para a construção do conhecimento. Becker defende que: “O professor não acredita no ensino em seu sentido convencional ou tradicional, pois não acredita que um conhecimento (conteúdo) e uma condição prévia de conhecimento (estrutura) possa transitar, por força do ensino, da cabeça do professor

para a cabeça do aluno.” (2008:7) Isto é, quer o professor, quer o aluno, participam equilibradamente no seu processo de ensino-aprendizagem, não se sobrepondo o papel do professor ao papel do aluno e vice-versa. Para reforçar esta ideia, “o professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar. Nesta relação, professor e alunos avançam no tempo. As relações de sala de aula, de cristalizadas - com toda a dose de monotonia que as caracteriza - passam a ser fluídas.” (Freire, citado por Becker, 2008:9)

Todos os modelos pedagógicos podem e devem ser utilizados, equilibradamente, não existindo um único modelo ideal. No entanto, é imprescindível a consideração pelos interesses, motivações, conhecimentos prévios e competências das crianças/alunos.

Durante o estágio, o envolvimento parental foi uma prática defendida e reveladora na EPE e também no 1ºCEB, pois pensa-se que todo o trabalho realizado teve o merecido sucesso, devido a participação dos pais no trabalho realizado na sala. Por tal, considera-se que o envolvimento parental foi uma mais valia durante toda a ação educativa. De acordo com Cardona (2008:246), “conceber as instituições educativas como espaços abertos às comunidades onde estão inseridas é uma necessidade sobre a qual muito se tem falado nos últimos anos.” Ora, existe uma maior preocupação em envolver os encarregados de educação no ambiente escolar do seu educando, de forma a fomentar a participação e a relação entre toda a comunidade educativa.

“Os docentes sempre sonharam, e sonham ainda, com pais que sejam auxiliares dóceis do processo da escolarização”. (Perrenoud, 2002:120) A forma como a escola se relaciona com a família e a família com a escola tem vindo a ser alvo de grandes mudanças, pois existe cada vez mais uma maior preocupação com esta parceria/ envolvimento. “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre dois sistemas” (ME,1997:43)

Existem estudos que dizem que uma maior proximidade entre a família e a escola, assim como o envolvimento parental no percurso escolar dos seus educandos, aumenta a probabilidade do sucesso dos alunos. É importante tornar a escola num espaço aberto, de modo a que o ensino seja mais rico e potenciador do sucesso futuro das crianças.

Alguns autores consideram que o envolvimento dos pais/ encarregados de educação na vida escolar dos alunos, deve ser definido pela escola, ou seja, é a

escola e os professores que determinam o que deve ser e como deve ser o envolvimento parental na escola. Muitas vezes, o que acontece é que a escola em vez de atrair os pais para a vida escolar dos filhos, afasta-os.

“Os docentes sonham às vezes em voltar à idade de ouro, o tempo em que os pais não intervinham na profissão do docente, mas tinham suficiente autoridade e respeito para manter firmemente as suas exigências. Melhor seria fazer o luto desse passado, mais ou menos mitificado, e construir verdadeiras parcerias.” (Perrenoud, 2002:121)

O papel do professor na escola tem vindo a alterar-se ao longo dos anos. Antigamente, os professores eram vistos como alguém com um estatuto intocável e inquestionável. Ao mesmo tempo, as famílias não tinham permissão para intervir no espaço escolar. Atualmente, a situação alterou-se em vários sentidos. Se por um lado os professores perderam o estatuto intocável e cada vez mais estão descredibilizados na sociedade, os pais são cada vez mais, chamados a intervir na educação dos filhos.

Contudo, em diversas situações os professores, face a este aumento de responsabilidade dos pais na educação, sentem-se ameaçados e tendem a adotar estratégias que não ponham em causa a sua autonomia, por "falta de confiança e deferência para com a autoridade da escola como instituição e o professor como especialista são dois fatores que, claramente, funcionam como travão à iniciativa dos pais" (Davies, 1989:72).

Cabe ao educador/ professor dar o primeiro passo na relação estreita entre escola família, pois este, ao mostrar-se seguro daquilo que faz, desenvolve ou ensina é fundamental para que se sinta seguro e passe então a dar o primeiro passo, assim como procurar os pais para participação no Jardim de Infância, pois nos dias que correm os pais estão cada vez mais “ausentes” devido a vários fatores, e estas iniciativas de articulação faz com que os pais, o educador e as crianças todos juntos façam um bom trabalho desenvolvendo várias competências para ambas as partes.

## II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Ao longo deste capítulo, demonstra-se questões relacionadas com a investigação levada a cabo durante a prática pedagógica. Assim sendo, este capítulo encontra-se dividido em três partes: primeiramente, aborda-se o tipo de estudo utilizado em campo; segue-se a identificação dos participantes do estudo e, por fim, os instrumentos de recolha e tratamento de dados.

### 2.1 Tipo de Estudo

O estágio profissionalizante realizado nas valências de EPE e 1º CEB teve como finalidade vivenciar a prática pedagógica e potenciar o desenvolvimento e a construção da profissionalidade.

Pode-se, então, afirmar que um tipo de estudo introduzido numa investigação qualitativa, tem características naturais, pois os dados recolhidos são situações “reais”. Ora, os métodos utilizados são naturalistas e intensivos, pois as observações às crianças devem ser diretas e no campo, para que não haja alterações de comportamentos e para que a investigação seja de facto credível.

Segundo Bogdan e Biklen pensam que é “o método mais adequado para o trabalho de investigação em educação pois manifesta mais interesse no processo do que no produto, sendo a recolha de dados feita no ambiente natural através de entrevistas, notas de campo, fotografias, entre outros”. (2010:47)

Como tal, durante toda a intervenção educativa teve-se como objetivo observar, agir e avaliar as crianças e o contexto para assim adequar a mesma às características dos contextos e dos grupos em questão. De acordo com as observações realizadas, foi possível verificar as necessidades, curiosidades, características, vontades e dificuldades das crianças, para assim se poder intervir sempre com uma intencionalidade educativa.

Esta investigação para além de permitir conhecer os contextos educativos e intervir de acordo com os mesmos, serviu também para a aquisição de saberes teóricos, éticos, deontológicos e práticos, que contribui para uma melhor articulação entre a teoria e a prática.

Como defende Yin “Um caso exploratório (...) pode tratar do tema ou do problema que está sob exploração, dos métodos exploratórios, das descobertas feitas a partir da exploração e das conclusões (para pesquisa adicional)”.(2005:183).

De acordo com a linha de pensamento de Yin, um estudo caso serve para se descobrir ou conhecer bem uma realidade, uma situação ou mesmo um contexto.

## **2.2 Participantes do estudo**

Os participantes para o estudo desta investigação foram dois grupos, sendo um deles, referente à EPE e outro referente ao 1º CEB. O grupo pertencente à EPE era composto por vinte e cinco crianças, sendo catorze delas rapazes e onze raparigas, e com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos. O grupo de crianças reside na sua maioria na região do Porto, e este pertence a famílias de classe média/ baixas. As habilitações dos pais são médias/ altas embora exista um número significativo de pais desempregados, neste grupo de crianças não foi constatado nenhuma delas com necessidades educativas especiais, embora haja uma criança com bastantes dificuldades ao nível da aprendizagem.

No que concerne o grupo do 1ºCEB este é composto por vinte e seis crianças, sendo catorze delas raparigas e doze rapazes. O grupo na sua maioria reside na região do Porto nos arredores da escola. As suas famílias são de classe média/ alta, tendo na sua maioria salários acima da média. Neste grupo, existe uma criança com necessidades educativas especiais, que depende mesmo de um adulto para aprender. Para esta amostra também fez parte a educadora cooperante, a professora cooperante, a auxiliar de educação no contexto de EPE e o par pedagógico no caso do 1ºCEB.

## **2.3 Instrumentos e Procedimentos**

Para esta investigação, foi necessário percorrer diferentes e várias etapas, ao longo deste processo. Inicialmente, abordou-se alguns teóricos no sentido de se justificar o tema da pesquisa efetuada. Durante o estudo realizado foi essencial fazer uma análise documental tendo por base os documentos que fazem parte das Instituições como o Regulamento Interno, Projeto Educativo, Projeto Curricular de turma e Plano Anual de atividades para se compreender a especificidade e os ideais



defendidos pelas instituições. A análise das fichas de anamnese das crianças, conduziram a uma caracterização e a um conhecimento do meio sócio-familiar dos grupos e das crianças. Estas informações foram essenciais para se construir, no caso da educação pré-escolar, um portfólio reflexivo e um caderno de registos, que serviu de apoio durante toda a intervenção pedagógica, para assim planificar e agir corretamente.

Após a leitura dos documentos acima referidos foi também indispensável recorrer a instrumentos de observação para que se fizesse uma recolha de informações fundamentais para este estudo.

A observação é a “componente inseparável de toda a atividade de conhecimento, é um processo básico da ciência.” (Cristina Parente, 2002:166)

É através da observação direta, no qual, vivenciamos, que se pode retirar informações necessárias para o desenrolar de todo o trabalho realizado, assim como também é fundamental ter-se em conta todos os saberes apreendidos para se realizar uma prática adequada ao contexto. Durante toda a prática pedagógica o método mais utilizado foi a observação direta, e foram vários os instrumentos de observação utilizados mais propriamente na EPE como: Incidentes críticos (ver anexo I), Registo Contínuo, check-list (ver anexo-II) e descrição diária, estes foram sempre aproveitados durante a prática, e foram cruciais para uma intervenção adequada ao grupo em questão, ao qual, permitiu planear com intencionalidade. Ideia de observador participante.

“A observação implica e pressupõe um trabalho de análise das principais componentes de uma percepção, e um trabalho de relação e/ou integração dessas mesmas componentes; o observador transforma uma percepção num processo mental que não é uma simples reprodução dos elementos percebidos.” (Parente, 2002:170).

O instrumento utilizado para a recolha de dados na EPE foi a entrevista (ver anexo-III), para esta, foi necessário a construção de um guião (ver anexo-IV), onde foram elaboradas as perguntas para a entrevista de acordo com identificação pessoal, a realização de leituras efetuadas, das observações feitas em contexto sala, expectativas. O guião da entrevista foi realizado tendo como base a entrevista semiestruturada, uma vez que esta, permite criar um diálogo com o entrevistado de forma a obter mais informações e esclarecer eventuais dúvidas nas respostas dadas.

A entrevista foi feita à educadora cooperante da sala dos quatro anos, com o objetivo de perceber as estratégias adotadas pela mesma, para a promoção do envolvimento parental na sua sala.



“ As entrevistas exploratórias têm como função principal revelar determinados aspetos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (Quivy & Campenhoudt, 2008:69)

No estágio do 1ºCEB utilizou-se também vários instrumentos de registos, para que assim se percebesse o contexto e o grupo em questão. Para tal, foram realizadas diferentes reflexões escritas (ver anexo- V), grelhas de auto- avaliação (ver anexo- VI), conversas informais com a professora cooperante onde eram analisadas as aprendizagens dos alunos, o comportamento, assim como as dificuldades e limitações dos mesmos, procedeu-se ainda a uma observação pormenorizada no sentido de compreender as características do grupo. Estas observações, reflexões e grelhas de acompanhamento tiveram como finalidade observar e analisar para posteriormente atuar adequadamente e de acordo com as características de cada criança, para assim combater eventuais problemas/ dificuldades.

Outros instrumentos essenciais utilizados no processo de investigação durante todo o período de estágio profissionalizante realizado foram: as orientações tutoriais, ao nível das duas valências de ensino, estes eram momentos mediados pelo supervisor pedagógico, com o objetivo de refletir, conjuntamente com o grupo de estagiárias, sobre o trabalho desenvolvido e a desenvolver, orientando-as para a prática pedagógica mais adequada e assertiva.

Na linha de pensamento de Idália Sá-Chaves, o portfólio reflexivo “trata-se de um processo que visa conhecer-se para poder tornar-se, através do esforço próprio, da consciência clara e da coragem maior. E trata-se também de refletir metacognitivamente para, como conhecimento emergente dessa reflexão, poder intervir praxicamente nos contextos e em si próprio estimulando a hipótese de devir.” (2009:22)

De acordo com a citação acima referida pode-se afirmar que durante os dois estágios tornou-se essencial construir um portfólio reflexivo que consistia em reflexões semanais, que permitiam refletir sobre a prática pedagógica, ao nível do desenvolvimento pessoal, indicando pontos fortes, dificuldades/limitações, constrangimentos, mais-valias, e, ainda estratégias para futuras práticas educativas.

Os registos fotográficos foram também instrumentos utilizados com bastante regularidade, na medida em que serviam como registo das evidências sobre as atividades/ momentos significativos, bem como os materiais e recursos pedagógicos utilizados ao longo dos dois estágios.

No estágio profissional em EPE como no 1ºCEB analisou-se os documentos de cada uma das instituições, pois só assim se pôde agir em conformidade com os

mesmos e respeitando os seus ideários. Os instrumentos utilizados em ambas as valências, permitiu que se ajustasse a prática aos contextos nos quais estávamos inseridos, pois só através de uma análise e tratamento de dados se pode começar agir no sentido de melhorar a qualidade da ação, como por exemplo ao nível das planificações, realizações de atividades, avaliações.

## **III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA**

No decorrer deste capítulo apresenta-se uma reflexão sobre a caracterização do contexto educativo onde decorreu toda a prática pedagógica. A caracterização do contexto educativo deve ser analisada antes da intervenção educativa, pois esta tem como finalidade conhecermos os ideários, os valores e as práticas pedagógicas preconizadas pela instituição, para, desta forma, atuarmos em conformidade com a missão.

### **3.1 Contexto Organizacional**

#### **3.1.1 As Instituições**

As Instituições onde decorreram os estágios profissionalizantes da educação pré-escolar e 1º CEB são de cariz público e situam-se no Distrito do Porto, embora as realidades das duas instituições sejam muito distintas. Enquanto a instituição onde decorreu o estágio do pré-escolar está inserida numa região de baixa qualificação das famílias, onde o desemprego, os baixos recursos económicos e as famílias destruídas são problemas que afetam o percurso escolar dos alunos deste agrupamento. Por outro lado, a instituição onde decorreu o estágio do 1ºCEB situa-se na freguesia de Nevogilde, é geograficamente marcada pela presença do mar e fica muito próxima da Foz do Douro e está inserida numa região de alta qualificação das famílias, onde a maioria dos encarregados de educação tem um nível de escolaridade médio/alto, sendo que na sua maioria são licenciados, apresentando uma taxa de desemprego baixa. Por tal, a maioria das crianças vive numa família estável. Através da análise do Projeto Educativo é possível constatar que ambas as instituições se localizam em zonas cujas suas realidades são bastante comerciais, sendo que as

suas atividades económicas centram-se no comércio, instituições bancárias, pequenas empresas e na prestação de serviços.

Após análise dos documentos Projeto Educativo, Regulamento Interno e Plano Anual de Atividades podemos concluir que ambas as instituições se regem pelo Decreto-lei nº 75/2008 de 22 de Abril (regime jurídico de autonomia, administração e gestão das escolas).

Relativamente ao Projeto Educativo, da instituição A centra-se nos objetivos, nas funções, nos princípios e finalidades para toda a comunidade educativa, para que atuem de acordo com as finalidades propostas neste. Verifica-se assim que o Projeto Educativo da instituição em causa tem vindo a desenvolver um trabalho de forma a responder às necessidades da sua população educativa, e assim responder a quatro grandes problemas: insucesso escolar, indisciplina, abandono escolar e criação de redes de parceiros. “ Promover o sucesso, prevenir a exclusão”, “ A escola, como garantia de um futuro promissor, deve estar preparada para educar na diversidade, e isso significa educar com tolerância e respeito à idiosincrasia dos indivíduos e dos grupos que a compõe. É isso, precisamente, que torna a escola pública um espaço social complexo, aberto e educativo para jovens cidadãos que nela socializam e aprendem a conviver.” (In PE,2004:15), enquanto, que o agrupamento de escolas da instituição B, tem vindo a desenvolver um trabalho de forma a responder às necessidades da sua população educativa. Ora vejamos:

“Desenvolvimento do sentido de responsabilidade dos alunos numa perspetiva de melhorar o sucesso escolar e educativo, tendo em conta o desenvolvimento da motivação para estudar e aprender e o desenvolvimento pessoal e social...” (PE,2004:16).

O agrupamento tem vindo a desenvolver um trabalho que tem como eixo prioritário a inclusão social, as normas de convivência e disciplina, a autonomia e a responsabilidade, os hábitos de leitura, o sucesso escolar e, ainda, a coresponsabilização da família.

O regulamento interno é outro documento no qual as duas instituições regulam e impõe as regras do funcionamento e organização de uma escola de forma a ser cumprido por toda a comunidade educativa. É neste documento que se encontra os objetivos propostos a serem atingidos e é importante que toda a comunidade educativa o cumpra e o siga; as atividades de enriquecimento curricular estão contempladas neste documento. É fundamental que todos os elementos que façam parte de uma determinada comunidade educativa tenham acesso ao regulamento

interno e o cumpram de modo a favorecer a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo e adotem atitudes e comportamentos de amizade, amabilidade e abertura nas relações com todos os elementos que dele façam parte. Devem preservar as instalações e os equipamentos escolares, manter um ambiente limpo e saudável e cooperar na manutenção da ordem e da disciplina, respeitar e aceitar as sugestões, ideias, críticas e bens de todos os elementos da comunidade educativa. Qualquer problema, sugestão, ideia deve ser partilhado com o superior hierárquico com o objetivo de melhorar a qualidade do serviço e pedir a este a autorização para a fixação de convocatórias, cartazes avisos ou outros tipos de textos e ainda para a utilização das instalações, materiais, espaços ou equipamentos escolares. Outro dos documentos importantes a analisar para o contexto educativo, é o Plano Anual de Atividades no qual está inserido algumas propostas de atividades a serem realizadas ao longo do ano letivo corrente de modo a ser desenvolvido com as crianças.

As instituições onde decorreram o estágio de pré-escolar e 1º CEB escolheram uma diversidade de atividades de forma a promover o sucesso escolar das suas crianças.

### **Caracterização física da Instituição**

As instituições onde decorreram os estágios profissionalizantes possuem ótimas condições físicas, relativamente à instituição A, uma vez que o pavilhão onde este se encontra foi feito de raiz e recentemente, há cerca de quatro anos. O pavimento utilizado nas salas é confortável, resistente, lavável, antiderrapante e cada uma das salas dispõe, ainda, de uma banca com lavatório de fácil acesso às crianças.

O espaço interior é bastante ventilado, bem aquecido, e ainda assim as salas são bastante amplas, com um espaço muito significativo para que todos possam trabalhar, brincar e aprender dentro dela, têm bastante luminosidade vinda do exterior, e são compostas por uma grande janela o que permite a entrada de luz natural. Existe ainda um pavilhão pré-fabricado utilizado para as aulas de Expressão Motora e uma outra sala destinada aos professores/ educadores, a biblioteca e os Serviços Administrativos e dispõe ainda de uma cantina. No Jardim de Infância a equipa pedagógica é constituída por duas educadoras e duas auxiliares de ação educativa para cada uma das salas do pré-escolar, e ainda uma animadora sócio- cultural que apoia as crianças nas horas livres. A instituição B, assemelha-se bastante às condições físicas da instituição do pré- escolar sendo composta por quinze salas, nove delas

disponibilizadas para o 1º CEB e seis delas para o pré-escolar; é composta por um refeitório, onde é servido os almoços às crianças e aos docentes, dispõe de casas de banho, uma biblioteca, um pavilhão onde são realizadas as aulas de expressão motora, uma sala de professores, uma cozinha para professores, um posto médico, um gabinete de direção e ainda um amplo espaço exterior onde as crianças podem brincar à vontade.

## **Funcionamento das Instituições**

No que concerne as rotinas diárias a Instituição A onde decorreu a prática pedagógica abre as 7h30 da manhã e encerra as 19 horas. Relativamente ao horário das atividades letivas da EPE inicia-se as 9h e termina as 12h30, a parte da tarde inicia-se às 13h30 e termina as 15h30 (ver anexo- VII).

“O tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade” (ME, 1997:42).

Segundo Zabalza a rotina, enquanto fixação da sequência temporal das condutas ou dos modos de realização de alguma delas, “desempenha também o papel facilitados na adaptação do tempo e dos processos temporais, da sucessão temporal (1992:168)”; importante aprendizagem para enfrentar a realidade diária; a criança aprende a existência de rotinas e o seu encadeamento sequencial, ou seja, o que acontece antes, o que acontece depois, o que se faz no começo e o que se faz no final.

“É necessário ter claro que as rotinas são aprendizagens, são algo que as crianças devem aprender, todavia, estas aprendizagens podem ser reformuladas de acordo com as necessidades das crianças”. (Zabalza,1992:169)

É fundamental que em qualquer pré-escolar existam horários fixos que façam parte da rotina, pois são momentos que para a criança são cruciais para que esta perceba os acontecimentos pelos quais vai passar ao longo do seu dia-a-dia no Jardim. Cabe ao educador criar e desenvolver estratégias para que a criança se sinta bem, segura, compreenda acontecimentos e atribua significado aos mesmos. Os horários das rotinas devem-se manter fixos sempre que possível, embora caso seja necessário o educador pode e deve alterar o horário das mesmas, em função das necessidades de cada criança nunca esquecendo que qualquer momento da rotina deve fazer sentido para a criança (ver anexo-VIII).

No Jardim de Infância onde decorreu o estágio, as rotinas eram, algo muito presente para toda a comunidade. A rotina é algo que faz parte de toda a comunidade escolar (crianças, educador, auxiliar) e por isso deve ser sempre pensada, refletida e deve ainda fazer sentido, pois é a vivência diária na vida de toda a comunidade educativa. As crianças uma vez que não tem a noção de tempo para elas é fundamental que as rotinas sejam impostas e não saiam se possível do habitual, pois é muito importante que a criança perceba quando e o que vai acontecer ao longo do dia.

Tal como na EPE, também o 1ºCEB tinha as suas rotinas diárias. Este iniciava-se às 9h e sempre com a escrita do sumário no quadro, de seguida e durante os primeiros noventa minutos era dedicado ao português e os outros noventa minutos à matemática. A parte da tarde, iniciava-se às 14h e geralmente abordava-se o estudo do meio e a expressão plástica. Contudo, havia crianças que participavam nas atividades extra curriculares e para essas as aulas terminavam às 17h30.

É muito importante que em qualquer uma das valências existam rotinas diárias.

## **Os recursos materiais**

As instituições dispunham de diversos e modernos materiais para que tudo correspondesse às necessidades, estas possuíam computadores em cada uma das salas, com acesso à internet, uma impressora, uma fotocopiadora, aparelhos áudio visuais, blocos lógicos, sólidos geométricos, mapas, globos, entre outros materiais didáticos. É de salientar que todas as áreas das salas (ver anexo-IX) eram adequadas à necessidade e interesses das crianças e, dispunham de materiais essenciais, diversificados e de qualidade para o desenvolvimento das atividades/ brincadeiras (ver anexo X). Todos esses materiais encontravam-se ao dispor e acessíveis às crianças para que elas promovessem assim a sua autonomia.

### **3.1.2 Caracterização teórico-real dos grupos**

#### **Caracterização do grupo dos quatro anos**

O grupo da sala dos quatro anos onde decorreu a prática pedagógica na EPE, era composto por vinte e cinco crianças, sendo catorze delas do sexo masculino e onze do sexo feminino. Dos catorze rapazes quatro frequentavam pela primeira vez o

Jardim de Infância e dez pela segunda vez. Do grupo de raparigas duas frequentaram pela primeira e nove frequentaram pela segunda vez. É de salientar que o grupo era ainda composto por vinte e três crianças de raça branca, uma de raça negra e uma de etnia cigana. As crianças na maioria tinham quatro anos (vinte) embora algumas já tinham feito os cinco anos (cinco). Todas as crianças nasceram no ano de 2008.

Segundo Piaget no que diz respeito ao domínio cognitivo este defende que as crianças aos 4 anos de idade se encontram no estágio Pré-operatório – as crianças desenvolvem um sistema de representações e usam os símbolos para representar pessoas, lugares e acontecimentos. A linguagem e o jogo simbólico são manifestações importantes deste estágio.

Durante o estágio foi possível observar/ verificar que o um grupo dos quatro anos era bastante participativo, e com muito interesse nas aprendizagens em geral e com bastantes capacidades para atingir os objetivos propostos para esta faixa etária, a maioria das crianças aprende com facilidade e com muita dedicação, embora haja duas crianças que se destacam pelos conhecimentos um pouco acima da média, assim como também existe duas ou três crianças com algumas dificuldades de aprendizagem e que precisam de ser mais estimuladas em diferentes áreas, contudo não existe nenhuma criança com NEE (necessidades educativas especiais). Neste grupo de crianças só duas delas é que entraram este ano no Jardim de Infância tendo as outras vinte e três transitado do ano anterior.

Segundo as Orientações Curriculares o jogo simbólico é a “expressão e comunicação através do próprio corpo” (ME, 1997:60).

A linguagem e o jogo simbólico são manifestações relevantes e importantes deste estágio, sendo a criança capaz de explicar, através de um discurso cuidado e conciso, o que está a fazer (ver anexo XI).

O jogo simbólico foi muito visível neste grupo de crianças, o jogo, as brincadeiras de faz de conta (ver anexo-XII) é algo que as crianças fazem muito e vão aprendendo brincando, embora haja uma ou duas crianças que por vezes demonstraram mais dificuldades neste jogo simbólico, não por falta de estímulo mas sim, por dificuldades de aprendizagem.

Através da observação direta, verificou-se que no grupo de crianças existia uma grande ligação entre elas, ou seja, nesta fase as crianças já se tornam menos egocêntricas e começam a gostar de brincar em conjunto, partilhar objetos, e juntas fazer brincadeiras de faz de conta, assim, como a imitação de situações que fazem parte do dia-a-dia delas. As crianças faziam comentários como: “ olha eu sou a mãe



e eu é que faço a comida” (uma das brincadeiras que mais gostavam e procuravam), contudo uma situação que se observou muitas vezes, foi o facto do grupo da sala dos quatro anos procurar muitas vezes a área da biblioteca.

Segundo as Orientações Curriculares, “o clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio de expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação. (ME,67:1997)

No que concerne o domínio do desenvolvimento da linguagem, verificou-se que as crianças conseguem dialogar/ exprimir corretamente como podemos comprovar numa citação de uma criança “ sabes eu ontem não vim para a escola, mas não foi porque não me apeteceu ou porque estava com preguiça, mas foi porque fiquei doente” (ver anexo-XIII) contudo todas as elas demonstravam níveis um pouco distintas. Verificou-se ainda que a maioria das crianças consegue manter um diálogo, utilizando vocabulário rico e coerente, denotou-se, ainda que um número reduzido de crianças, demonstravam algumas dificuldades ao nível da linguagem (ver anexo-XIV), muitas das vezes até se tornava complicado compreende-las. Nesta faixa etária, as crianças ainda não sabem ler, então conseguem arranjar a alternativa do reconto se já conhecerem anteriormente a história, pode-se então comprovar esta situação com um reconto feito por uma criança “ Era uma vez uma menina, que fez uma festa e deitou o lixo todo no chão, mas depois veio a mãe e ralhou com ela” (ver anexo-XV). Foi ainda possível observar que na área da biblioteca as crianças pegavam nos livros e inventavam as histórias para contar aos amigos.

O grupo de crianças visto se encontrar na mesma faixa etária, o nível de desenvolvimento cognitivo é praticamente o mesmo, embora fosse notável que existia um grupo de crianças com um elevado desenvolvimento para a idade em que se encontravam, mas no geral o grupo conseguiu acompanhar tudo o que era realizado no Jardim. Durante o estágio quando se explorou o tema a reciclagem uma criança no dia a seguir foi brincar para a área das construções e fez um comentário relacionando o que tinha aprendido com a brincadeira que estava a desenvolver dizendo: “este camião está velho e por isso vai para a reciclagem para aproveitar o material e fazer um camião novo” (ver anexo XVI) quando se explorou os sete grupos da roda dos alimentos uma outra criança numa brincadeira na área da casinha comentou “ Sabes a massa que estou a cozinhar pertence ao grupo dos hidratos de carbono e de sobremesa vou fazer laranja porque pertence ao grupo das frutas e devemos comer às



refeições”, foi então notável que as crianças conseguiam relacionar as aprendizagens com situações ou brincadeiras do seu dia a dia.

No que diz respeito ao desenvolvimento motor “as crianças entre os 3 e os 6 anos de idade fazem grandes progressos nas competências motoras – tanto as competências motoras grossas, como correr ou saltar, como as competências motoras finas, como abotoar e desenhar.” (Papalia, Olds, Feldman, 2001:286)

Neste grupo de crianças todas se movimentavam livremente, sozinhas com bastante facilidade, corriam, saltavam, e tinham bastante equilíbrio, conseguiam praticar jogos onde trabalhavam com o corpo e conseguiam dançar com bastante facilidade (ver anexo XVII). Praticavam ainda aulas de expressão motora no Jardim de Infância e todas conseguiam atingir os objetivos propostos (ver anexo XVIII).

No concerne o domínio das expressões a motricidade fina esta era uma competência onde se denotou que a maioria das crianças conseguia exprimir-se através do desenho, e demonstrava facilidade no contorno, recorte e na colagem (ver anexo XIX) embora ainda muitas delas tenham de aperfeiçoar esta competência (ver anexo XX). Ao nível do desenho, denotou-se uma grande evolução desde o início do projeto até ao final do ano letivo, a maioria do grupo demonstrou um significativo aperfeiçoamento nesta competência, no final do projeto já era visível que a maioria das crianças conseguia representar de uma forma pormenorizada objetos ou figuras humanas fazendo a boca, olhos, nariz, tronco e dedos (ver anexo XXI) e faziam diversos comentários como: “já consigo fazer a minha mãe com olhos, nariz e boca”, “já sei cortar mais direitinho”. No que diz respeito ao manuseamento de plasticina e massa de ash todas manipulavam com facilidade e representavam diversos elementos que lhes são familiares (animais, alimentos, objetos), “fiz uma cenoura mesmo igual à verdadeira”, “olha o meu ovo está lindo” (ver anexo XXII). Ainda neste grupo é de salientar que todas as crianças conseguiam escrever o nome.

Relativamente ao desenvolvimento pessoal e social foi notável por parte de todo grupo, o respeito, o cumprimento de regras, o respeito pela opinião dos outros, a ajuda na resolução de problemas, a entre-ajuda como se pode comprovar com um comentário de uma criança “anda cá eu aperto-te os cordões” (Ver anexo XXIII), assim como a opinião para solucionar eventuais problemas e a participação ativa e constante nas atividades, como se pode verificar no comentário de uma criança “podíamos usar cartão porque é mais forte e já não cai”, nas planificações e problemas que poderiam surgir. São crianças com bastante autonomia, que conseguem comer sozinhas, ir à casa de banho sozinhas, vestir e despir a roupa, calçar e descalçar os

sapatos, assoar o nariz, e algumas conseguem já apertar os cordões. Este grupo mostrou-se bastante heterogéneo. Apesar de ser um grupo numeroso de crianças, todos são participativos, ativos nas tarefas que lhes são propostas onde as regras se encontram presentes em todas as ocasiões.

### **Caracterização da turma do 3º ano de escolaridade**

A turma do 3º ano onde decorreu o estágio do 1ºCEB, era composta por vinte e seis crianças, sendo catorze delas do sexo feminino e doze do sexo masculino.

Das vinte e seis crianças da turma frequentavam desde o 1º ano vinte e cinco crianças à exceção de uma criança que entrou na mesma apenas no segundo ano. A maioria dos alunos que constituíam a turma do 3º ano de escolaridade, eram bastante interessados, participativos e ativos mostrando, assim, elevadas capacidades nas suas aprendizagens. Contudo, é de salientar, que havia uma criança na sala que apesar de frequentar o 3º ano, não tinha capacidades para acompanhar o resto da turma, pois esta criança, tinha um nível de aprendizagem mais tardio relativamente às outras crianças, precisando de uma ajuda constante, encontrando-se dependente de um adulto para o ajudar; o seu nível de concentração era muito reduzido devido aos problemas que tem, o que dificulta ainda mais o seu desenvolvimento.

Durante a prática pedagógica no 1ºCEB, foi possível observar que no que diz respeito às aprendizagens escolares, a maioria das crianças como já referi anteriormente eram muito empenhadas, participativas e autónomas, conseguiam acompanhar com facilidade tudo o que era lecionado, demonstravam um nível de aprendizagem muito significativo. Porém, um aspeto extremamente importante que se fez sentir, desde o início do ano nesta turma em questão, foi o facto de existir um número, ainda que reduzido, de crianças que tinham um poder de concentração muito reduzido e distraíam-se com bastante facilidade. Este grupo de crianças, que se desconcentrava com bastante facilidade, muitas das vezes não cumpria as regras da sala de aula, não respeitando as normas e acabava por prejudicar o resto da turma.

Outro aspeto relevante e observado nesta turma foi relativamente ao ritmo das crianças, este não era de todo homogéneo, pois havia umas que demoram imenso tempo para conseguir acabar uma atividade, todavia, é de realçar que a maioria das crianças que demoravam mais tempo a terminar as atividades devia-se ao facto de serem muito perfeccionistas e quererem fazer uma letra ou até mesmo um trabalho bem feito.

Os trabalhos escolares eram levados a cabo pelas crianças, com muitíssima responsabilidade e empenho, pois era notável na realização de tudo o que era pedido inclusive nos trabalhos de casa, pois a maioria dos alunos eram apoiados e ajudados pelos seus familiares, que se preocupavam com a aprendizagem dos seus educandos.

A escola onde decorreu o estágio profissionalizante, promove, assim, acima de tudo a formação pessoal e social, e como tal era notável o bom relacionamento entre o grupo de crianças e a professora, estes eram bastante apoiados pela mesma o que fez com que estes criassem laços muito fortes entre si e entre toda a comunidade educativa.

No que concerne a área disciplinar do português, a maioria dos alunos conseguia ler e interpretar um texto, embora existisse um número reduzido de crianças que liam com bastante dificuldade, pois para estas situações, veio-se a desenvolver um trabalho, de forma, a incentivar e a promover o gosto pela leitura. A maioria conseguia redigir um texto, diálogo ou uma composição com bastante facilidade, embora deveriam aumentar o seu vocabulário lexical. Os erros ortográficos é outro problema encontrado na maioria das crianças, e que se veio a desenvolver um trabalho no sentido de combater tal fragilidade.

Relativamente à área da matemática, foi notável que, a maioria das crianças aprendia e assimilava bem o que era dado, a tabuada era algo que sabiam bem o que facilitava os seus cálculos de multiplicação. Era um grupo que gostava de novos desafios, o que por vezes um problema ou um novo conteúdo despertava e incentivava para irem mais além. Pensa-se mesmo que, a matemática era a área que a maioria dos alunos mais gostava de trabalhar.

A área do estudo do meio, despertava sempre muito interesse por parte dos alunos, pois nesta falava-se de várias questões e um pouco diferentes daquelas que eram lecionadas no português ou na matemática. Era uma área onde as crianças aprendiam conteúdos muito diferentes uns dos outros, mas onde podiam dar a sua opinião ou compreender questões ou problemas do seu dia-a-dia. A descoberta do corpo humano foi algo que as fascinou (ver anexo-XXIV) e as deixou deslumbradas, adoravam dar a sua opinião e contar as suas histórias relacionadas com o corpo. Foi sem dúvida uma área em que a maioria das crianças se sentia mais à vontade e motivada para aprender, pois gostavam de fazer experiências e aprender com elas.

A turma era composta por crianças, cujo, o seu espírito crítico estava sempre muito presente, pois gostavam de comentar, apreciar e até mesmo criticar qualquer questão ou situação proposta, eram bastante curiosas e gostavam de ir mais longe. A

criatividade era outro aspeto que caracteriza esta turma, pois quer em composições, histórias ou até mesmo nas suas obras de arte (ver anexo- XXV) eram muito imaginativos conseguindo mesmo criar trabalhos muito originais.

Foi, sem dúvida, uma turma que apesar de ter pequenas fragilidades, tem grandes potencialidades para ir mais além, o que a professora cooperante aproveita para trabalhar e estimular as qualidades e fragilidades de cada uma das crianças, nunca desistindo de nenhuma.

## **Caracterização Sociofamiliar do grupo e da turma**

Para se compreender melhor as crianças procedeu-se a uma caracterização do seu meio sociofamiliar, recorrendo-se às fichas de anamnese de cada criança. Esta análise serviu então para se perceber os tipos de famílias, a constituição do agregado familiar, a profissão dos encarregados de educação, o grau de escolaridade, a situação económica entre outros.

Após análise das fichas de anamnese, pode-se verificar que na instituição A a maioria das crianças residia na Freguesia de Paranhos e Águas Santas (ver anexo XXVI), estas eram na sua maioria filhos únicos ou tinham apenas um irmão (ver anexo XXVII). Constatou-se ainda que a maioria das crianças, pertenciam a uma família nuclear, havendo uma minoria que vivia em regime de monoparentalidade (ver anexo XXVIII). Relativamente às habilitações literárias dos pais, pôde-se constatar que na sua maioria era médias/ altas (ver anexo XXIX), foi possível ainda, verificar que no universo total, os pais na sua maioria tinham uma ocupação profissional, embora fosse também notável que havia um número significativo de desempregados (ver anexo XXX).

No que refere a instituição B, a maioria das crianças vivia no Concelho de Matosinhos, estas tinham um ou mais irmãos. Verificou-se que as crianças pertenciam a uma família nuclear, a habilitação dos seus encarregados de educação era alta sendo na sua maioria licenciados, estes tinham na sua maioria empregos efetivos, cujo, os seus salários são acima da média.

Percebe-se assim que as duas instituições demonstravam algumas diferenças, pois enquanto, que a instituição A era procurada por crianças cujo, o seu meio social era médio baixo, o contrário acontecia na instituição B, em que era procurada por alunos cujo seu nível de vida era médio/ alto.

## 3.2 Intervenção nos contextos

No decorrer deste capítulo, demonstram-se algumas evidências sobre os factos mais significativos que se foram vivenciando ao longo de toda a intervenção educativa na EPE e no 1ºCEB. Ao longo de toda a prática, foi necessário reger-se por um processo pedagógico, pelo qual um profissional de educação deve guiar a sua prática/ação através do observar, planificar, agir e por fim avaliar.

### 3.2.1 Observar

Quando se refere a um contexto de educação, pelo qual o profissional de educação terá que desenvolver toda a sua prática é, antes de mais, essencial que este, observe o grupo em questão, o contexto onde está inserido e a sua funcionalidade. Foi, então, que ao dar início à intervenção educativa: observou-se de forma intensiva e contínua os contextos, os grupos e as práticas pedagógicas da educadora e professora cooperante.

Segundo Cristina Parente, a observação permite-nos “(...) obter informações sobre os interesses e necessidades das crianças; (...) obter dados exatos, precisos e significativos, capazes de informar o professor ou educador sobre as necessárias modificações a implementar” (2002:169).

Para o profissional de educação, é essencial que na sua prática primeiramente observe sempre o grupo, pois só assim poderá perceber as necessidades, interesses, motivações e capacidades das crianças com quem irá desenvolver a sua prática pedagógica, pois só através de uma observação minuciosa do contexto que o rodeia, poderá mais tarde planear, agir e avaliar.

“[...]A observação é contextual, pois não se avalia a criança mas as aprendizagens das crianças no contexto educacional que se criou, o que requer que, antes de se observar a criança se observe o contexto que se criou.” (Oliveira-Formosinho, 2002:32)

Ao longo de toda a prática pedagógica, a observação foi algo que se evidenciou sempre e em qualquer situação, pois só assim se poderia planear o que se iria posteriormente desenvolver/ ensinar. É de salientar que antes de qualquer planificação, deve haver uma observação por parte do educador/ professor, assim, para que a estagiária também o pudesse fazer, utilizou-se sempre diferentes

instrumentos de observação, como: incidentes críticos, registos diários (Ver anexo XXXI), check-lists, reflexões escritas ( ver anexo- XXXII) e observações diretas; estas foram sempre uma mais-valia no processo pedagógico, pois só assim, permitiu que se planeasse de forma adequada e mediante o que foi observado e respondendo assim aos interesses e necessidades dos grupos. No estágio em EPE, foi notável um extremo interesse por parte do grupo em brincar nas áreas e na manipulação de objetos/ materiais - foi numa observação direta se apercebeu que o grupo de crianças procurava muitas vezes a área da colagem. Contudo, as crianças comentavam muitas vezes que não havia revistas que chegassem. Ora, através desta observação, foi possível perceber que a disponibilidade de materiais nesta mesma área era muito reduzida para que pudessem desenvolver um trabalho significativo.

Relativamente ao estágio no 1ºCEB, a estagiária teve exatamente a mesma oportunidade de observar constantemente o grupo em questão. Ao longo desta experiência em estágio, várias foram as observações minuciosas feitas aos alunos e através da observação direta, foi notória a necessidade que as crianças tinham em trabalhar em grupo, uma vez que eram muito competitivas e que não sabiam trabalhar em equipa sendo cada um por si, não gostando de partilhar ideias ou cooperar umas com as outras.

A partir destes dois exemplos pode-se comprovar que, através da observação direta e minuciosa, verificou-se a necessidade de se dinamizar a área da colagem e trabalhar em grupos com as crianças.

A observação na EPE permitiu que se percebe-se o elevado interesse do grupo, em participar e realizar atividades para o projeto lúdico da sala, pois todas estas permitiam que a criança desenvolve-se novas competências e desenvolvessem diferentes domínios quer ao nível da linguagem, motricidade fina ou mesmo do conhecimento do mundo, a observação e os registos de observação permitiu verificar o que as crianças já tinham adquirido, e quais as suas dificuldades (ver anexo XXXIII).

O mesmo aconteceu ao longo do estágio no 1ºCEB, uma vez que as crianças mostravam muito interesse em trabalhar novos conteúdos, através de jogos didáticos e dispositivos pedagógicos (ver anexo-XXXIV) realizados pela estagiária; esta teve sempre em conta os interesses dos alunos e, por tal, para cada conteúdo pensava-se em novas formas e novos dispositivos pedagógicos para lecionar - estes facilitavam a absorção de novos saberes e as aprendizagens significativas por parte dos alunos, uma vez que eram formas mais lúdicas e motivadoras de lecionar os conteúdos.

“Um bom professor é aquele que encara cada aula como um desafio, expressando a sua profunda paixão em poder interagir num contexto educativo, conquistando desta forma um avanço significativo na aprendizagem dos seus discípulos”. (Ramalheiro, citado por Cardoso, 2013:69)

### **3.2.2 Planificar**

Ao longo de toda a prática pedagógica em EPE deu-se desde sempre voz ativa à criança, para que esta demonstrasse os seus interesses, motivações, saberes e vontades. Após as observações efetuadas, e de acordo com as mesmas, planeou-se a intervenção educativa, podendo afirmar que esta foi realizada com a colaboração das crianças. Assim como a observação, o educador deve ter sempre como um porto seguro, a escuta ativa, isto é, incutir na criança a autonomia no processo de construção do conhecimento.

“A escuta tal como a observação deve ser um processo contínuo no quotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento das crianças, seus interesses, motivações, relações, saberes, intenções, desejos, mundos de vida, realizada no contexto da comunidade educativa procurando uma ética de reciprocidade”. (Oliveira-Formosinho 2002:33).

No que concerne o 1º CEB, a planificação foi sempre realizada tendo em conta o programa. Contudo, não foi pela existência deste documento oficial, que não se teve em conta os interesses, necessidades e vontades dos alunos, bem pelo contrário: tentou-se sempre ir de encontro às dificuldades, motivações e interesses das crianças, conseguindo assim conciliar sempre com o programa.

“Um professor de excelência acredita que tem a responsabilidade de motivar os seus alunos a serem cada vez melhores”. (Cardoso, 2013:69) De acordo com este autor, cabe ao professor motivar os seus alunos e, como tal, tem inteiramente o dever de criar estratégias, proporcionando momentos que motivassem os alunos, cativando a atenção dos mesmos.

Como já se referiu anteriormente, durante o estágio profissionalizante em EPE, o grupo participava ativamente em todas as planificações e coube à estagiária adotar uma prática que encorajasse a participação do grupo, de forma ativa e autónoma, reforçando sempre positivamente as suas intervenções, assim quer nas atividades da qual faziam parte do projeto da sala, quer em atividades propostas fora deste, os interesses das crianças eram sempre tidos em conta. Segundo Oliveira-Formosinho



“planificar é dar à criança poder para se escutar e para comunicar a escuta que fez de si. É um processo humanizante – a criança sabe que lhe é garantida a escuta de si e dos outros (...).” (2002:33)

É de referir que na elaboração de uma planificação é extremamente importante ter em conta uma intencionalidade educativa que permita dar resposta a eventuais ocorrências inesperadas que possam surgir e, agindo assim de uma forma mais eficaz. Remete-se, então, para a importância do currículo emergente.

Na instituição cooperante na qual se desenvolveu a ação, a planificação era feita semanalmente e de acordo com os interesses do grupo, onde estes eram sempre tidos em conta. Pôde-se verificar que, a grande parte das atividades planificadas, essencialmente as que faziam parte do projeto lúdico, foram de encontro aos interesses/ vontades do grupo em questão (ver anexo-XXXV).

As metas de aprendizagem foram um fio condutor para a elaboração das planificações, uma vez que indicam o conhecimento que deve ser adquirido por parte do grupo no final de uma etapa. Durante toda a prática pedagógica e em parceria com as planificações, construiu-se uma rede curricular (ver anexo XXXVI- Rede Curricular), exposta e divulgada na entrada do Jardim de Infância com o intuito de dar a conhecer aos pais e à comunidade educativa o trabalho desenvolvido nesta sala de quatro anos, e, ainda, para que a educadora/ estagiária conseguisse ter uma perceção das atividades desenvolvidas ao longo do tempo, as áreas de conteúdo mais ou menos trabalhadas, verificando, também, a participação das crianças na proposta de atividades.

Durante a prática pedagógica, uma outra situação observada: a realização de assembleias, onde participava todo o grupo de crianças juntamente com a estagiária, estas assembleias foram fulcrais não só para a planificação mas também como irá ser referido mais à frente fulcral para a avaliação, para se perceber o que o grupo já sabia, o que ainda queria saber, o que queria fazer e como queria fazer. As assembleias surgiam do seguimento das opiniões das crianças relativamente às atividades planificadas e realizadas da semana anterior.

No estágio em 1ºCEB apesar da planificação ser sempre orientada por um programa imposto, no qual se devia reger pelo mesmo, a estagiária teve sempre em conta os interesses e motivações dos alunos, uma vez que aproveitou esses para introduzir novos conteúdos e lecionar as aulas de uma forma mais lúdica mas sempre com o intuito de conseguir por parte dos alunos aprendizagens significativas. Tal como na EPE, a estagiária durante a prática pedagógica no 1ºCEB, incentivou a participação



ativa das crianças, reforçando sempre as mesmas positivamente, apoiando e ajudando estas a expor as suas dúvidas.

Durante a ação educativa no 1ºCEB, várias foram as planificações utilizadas pela estagiária, adequando cada uma delas às suas aulas. Primeiramente, utilizou-se a planificação linear na qual consistia numa planificação em grelha (ver anexo- XXXVII) onde se definia os objetivos e, de seguida, partia-se para as atividades. Mais tarde percebeu-se que com a diversidade de atividades e as aulas propriamente ditas exigiam outras formas de planificar, tornando-se mais adequadas e facilitadoras. Aplicou-se, desta forma, um modelo de planificação não linear, na qual se partia de um tema gerador e central (ver anexo- XXXVIII).

Segundo Arends, “uma boa planificação educacional caracteriza-se por objetivos de aprendizagem cuidadosamente especificados (...), ações e estratégias de ensino concebidas para promover objetivos prescritos (...) especialmente do desempenho do aluno.” (2008:94).

Portanto, tornou-se essencial utilizar diferentes tipos de planificação, ao longo da ação, para que se pudesse especificar os principais objetivos, as estratégias mais adequadas a adotar, de forma a potenciar novas e mais aprendizagens.

### **3.2.3 Agir**

Durante o processo da ação é fundamental que o educador/ professor tenha um papel fulcral no desenvolvimento de todo o trabalho. Primeiramente, deverá fazer com que a criança seja o centro da ação ao longo de todo o percurso. É essencial que nesta fase a criança/ aluno se sinta motivado e empenhado no desenrolar de toda a ação, pois só assim poderá desenvolver aprendizagens significativas caminhando para um desenvolvimento de sucesso.

A metodologia utilizada na EPE, onde decorreu o estágio foi o trabalho de projeto, é de salientar ainda, que todas as atividades desenvolvidas na sala foram sempre de encontro às vontades, interesses, características e necessidades do grupo.

As atividades realizadas durante o estágio foram na maioria das vezes relacionadas com o Projeto Lúdico, já existente na sala dos quatro anos desde Janeiro de 2013. No entanto, foram também executadas outras atividades extra projeto, que tiveram desde sempre várias intenções pedagógicas.

Segundo Vasconcelos, “ o Trabalho de Projeto afirma uma criança investigadora, aposta no interface e na migração entre as diferentes áreas do saber e disciplinas para a resolução de problemas” [...] e trabalhar as fronteiras do currículo como

projetos integradores, fazendo com que o currículo funcione como um sistema complexo e interativo” (2012:20).

Defende-se, então, que neste trabalho de projeto a criança tenha sempre voz ativa, e seja participativa ao longo de toda a intervenção pedagógica, pois, como afirma Vasconcelos, a criança deve ter sempre um papel de investigadora, isto é, deve ser capaz de procurar resposta a situações/ problemas de forma a conseguir sugerir hipóteses de resolução para as mesmas.

Quando se iniciou o estágio profissionalizante a sala onde decorreu a prática pedagógica já tinha definido um Projeto Lúdico “O Corpo Humano” e este já se encontrava na fase da execução. Embora o trabalho de projeto já se encontrasse na fase de execução e na quinta etapa (Exploração dos membros superiores e membros inferiores, ver anexo XXXIX) foi importante continuar-se a promover novas atividades para que as crianças adquirissem novos saberes, aprendizagens e novas vivências.

Com o desenrolar do projeto, cada vez mais, o grupo se mostrava curioso e motivado com as coisas que tinha vindo aprender ao qual faziam constantemente perguntas e queriam sempre participar sugerindo sempre novas ideias. No início do estágio, constatou-se que as crianças interagem em grupo para que assim fossem capazes de discutir as suas ideias, soluções e conclusões de forma a ser esta a construir o seu conhecimento. É de salientar ainda que a reflexão ao longo de toda a intervenção era também algo muito presente, para que todos (crianças e adultos) refletissem sobre o trabalho que ia sendo desenvolvido, transversalmente com a reflexão, também momentos de avaliação foram sempre muito presentes ao longo de toda a ação educativa, pois estes momentos de avaliação são cruciais para se perceber o que foi apreendido, as dificuldades encontradas, os objetivos atingir e o caminho a seguir. Ao longo de todo o desenvolvimento do projeto, teve-se sempre em atenção os diferentes ritmos das crianças.

O acolhimento, era um dos momentos, onde as crianças dialogavam e demonstravam tudo aquilo que queriam aprender, o que queriam saber e o que queriam fazer, assim, estes momentos de diálogo eram fulcrais para que as crianças demonstrassem tudo aquilo que queriam fazer e uma vez que a estagiária realizava as atividades, tendo em conta o que o grupo sugeria e decidia, estes mostravam-se muito participativos e interessados em todas as aprendizagens/ atividades. A título de exemplo no decorrer de um diálogo, após um fim-de-semana, uma criança disse que tinha ido à Serra da Estrela e quase que escorregava e partia um pé, mas que não sabia se este teria solução caso partisse o pé (ver anexo XL), algumas crianças ao escutar tal comentário começaram a ficar confusas e a perguntar como se colava um

osso, e foi aqui que houve a necessidade de explorar esta questão. Primeiramente, explicou-se que o corpo era composto por uma parte exterior (ao qual eles já tinham conhecimento) e, por uma parte interior, parte essa constituída por ossos e músculos.

Assim, após este esclarecimento aproveitou-se para explicar ao grupo o que fazer caso se partisse um pé através da leitura de um poema e da construção de um pictograma (ver anexo XLI), no decorrer do diálogo o grupo mostrava-se atento e empenhado de forma a participar e a dar opiniões, uma vez que este, estava tão curioso decidiu-se fazer uma experiência com o gesso (ver anexo XLII), de forma a consolidar o que foi explicado. É fundamental que se estimule atividades como esta anteriormente descrita, pois assim cria-se momentos de cooperação entre o grupo, partilha de ideias e estratégias para se ultrapassar eventuais dificuldades ao nível da aprendizagem, pois a experiência foi uma atividade que serviu de consolidação e onde foi perceptível a compreensão de todas as crianças, mesmo daquelas que demonstravam mais dúvidas, pois nos dias seguintes, através de situações de faz-de-conta brincavam com o gesso, diziam que partiam um osso. Este tipo de atividades é uma mais-valia para o grupo da sala dos quatro anos, pois assim está-se a desenvolver o conhecimento do mundo e o desenvolvimento da linguagem (aprendizagem emergente de se trabalhar com o grupo em questão). Uma interação muito presente e essencial de se referir foi o envolvimento parental no decorrer de todo o projeto, uma vez que este processo já era defendido pela educadora cooperante, a estagiária tentou sempre criar uma parceria com as famílias de forma a envolve-las nas atividades da sala, as atividades em que pedia a colaboração dos encarregados de educação (ver anexo XLIII), ou mesmo aquelas que os pais faziam na nossa sala, eram momentos cruciais para todo o trabalho e para que este envolvimento fosse sempre que possível presente e significativo. Os pais/ família sempre manifestaram um grande interesse em colaborar nas atividades da sala, mostrando-se sempre disponíveis e colaboradores em tudo o que se fazia.

Neste Jardim de Infância havia ainda uma associação de pais, associação essa que também participava bastante com o Jardim, propondo mesmo atividades à sala (ver anexo XLIV) para se desenvolver com as crianças, cuja finalidade era que as atividades fossem da autoria do grupo para que estas adquirissem novas competências e que percebessem que com a sua colaboração poderiam angariar fundos ajudando assim o Jardim e a sala. É de salientar que os pais/ família através de comentários orais ou escritos (ver anexo XLV) se mostravam extremamente

orgulhosos, muito felizes e agradecidos por todo o trabalho que foi desenvolvido com os seus filhos ao longo do tempo.

Durante a prática pedagógica, a estagiária observou que a área da colagem era muito solicitada por parte das crianças. Contudo, verificou-se que estas apenas recortavam revistas e colavam nas folhas; com tal observação, reuniu-se o grupo e perguntou-se o que gostavam ou achavam que se podia alterar na área da colagem, ao que uma criança respondeu dizendo: “que se poderia colocar coisas novas”. O grupo ao ouvir tal sugestão concordou e mostrou-se logo muito interessado em dinamizar esta área e assim, acrescentar mais materiais e construir utensílios para os guardar. Esta dinamização na área da colagem (ver anexo XLVI) foi levada a cabo, através de uma necessidade e interesse das crianças, pois apesar de procurarem esta área não conseguiam desenvolver um trabalho significativo, pois apenas recortavam folhas de revista e colavam. Esta atividade mais uma vez foi ao encontro da vontade das crianças, sendo elas a sugerir o que queriam mudar e acrescentar e desenvolveu-se assim a motricidade fina através da elaboração das caixas (ver anexo XLVII) e dos frascos e sua decoração, a cooperação entre o grupo, a troca de ideias, a organização do espaço.

O Jardim onde decorreu a prática pedagógica dispunha de uma parceria com a Câmara Municipal, e como tal, a Câmara promovia várias ações ao nível da higiene pessoal (ver anexo XLVIII), da postura (ver anexo XLIX) e da alimentação, de forma a elucidar as crianças e a comunidade para a importância destes. A Câmara numa das suas ações da alimentação “O pequeno grande almoço”, propôs aos Jardins de Infância da Cidade um projeto sobre o tema da alimentação. O objetivo deste projeto foi que as salas do pré-escolar fizessem um trabalho que elucidasse as crianças para a sua importância e assim percebessem que tipo de alimentos se devia ingerir em maior ou menor quantidade e porquê e quais os grupos da roda dos alimentos que se devia ingerir em cada refeição. Após o lançamento deste desafio, coube ao grupo e à equipa pedagógica começar a delinear o que se iria fazer. Uma vez que o tema também se adequava ao projeto da sala “O Corpo Humano”, para que o grupo ficasse um pouco mais consciente sobre este assunto, perguntou-se ao mesmo quais os alimentos que se devia ingerir em cada refeição. No entanto, as crianças mostraram-se ainda um pouco confusas, dizendo apenas que os alimentos bons eram os coloridos. Com esta observação denotou-se incertezas que se faziam sentir por parte das crianças, e decidiu-se, então, explorar uma história que falava sobre os alimentos e a roda dos alimentos (ver anexo L). O grupo mostrou-se um pouco confuso sobre o

que era a roda dos alimentos, perguntando “mas os alimentos tem roda?” Com tais questões, surgidas por parte das crianças, foi necessário pesquisar na internet imagens sobre a roda dos alimentos. As crianças mostravam-se tão empolgadas com esta questão que se apresentou um jogo cujo objetivo era que estas colocassem as imagens correspondentes ao grupo correto da roda. É fundamental que todas as crianças tenham a oportunidade de experimentar e fazer as atividades propostas, pois, assim, as aprendizagens tornam-se muito mais significativas. Com esta experiência, as crianças sentiram-se tão motivadas que pediram mesmo para colocar o jogo na área dos jogos e onde muitas vezes o jogavam.

Posto isto, o grupo ao se aperceber que as suas ideias/ interesses eram sempre levados a cabo, sentiam-se tão entusiasmados que constantemente propunham outras atividades, tal e qual como aconteceu ainda nesta temática. No decorrer de um diálogo, uma criança sugeriu que se fizesse uma ementa para a casinha, tendo esta sugestão originado um elevado interesse por parte das restantes crianças. Propôs-se, então, que individualmente, através do desenho, o grupo desenhasse três alimentos de diferentes grupos que fizessem parte da roda dos alimentos (ver anexo LI).

Desta forma, foi-se ao encontro dos interesses das crianças, tendo como base uma intencionalidade pedagógica, promovendo assim, a autonomia do grupo e o desenvolvimento de diversas áreas como a motricidade fina, conhecimento do mundo, desenvolvimento da linguagem, área de formação social e pessoal. É importante referir que a par com as atividades se foi construindo um portefólio sobre o tema “A alimentação”; este portefólio continha todos os trabalhos realizados pelo grupo referentes a este projeto (mais uma vez foi notória a participação dos pais no desenrolar deste trabalho).

Com o decorrer das atividades e devido ao empenhamento do grupo uma criança, foi nossa sugestão fazer-se uma roda dos alimentos igual à que tinham visualizado na internet, ao qual o restante grupo se mostrou bastante interessado e participativo, tendo inclusive sugerido sugestões para a forma como iriam construir a roda dos alimentos. Posto isto, decidiu-se, então, juntamente com o grupo construir-se os alimentos em 3 D com massa de ash, no qual cada criança construiu o seu próprio alimento em 3D (ver anexo-LII) e, desta forma, se construiu a roda dos alimentos. As crianças ao visualizar o resultado final, ficaram tão orgulhosas que tiveram vontade de partilhar e mostrar os seus alimentos às crianças da outra sala. Depois de tudo pronto, o trabalho foi entregue à Câmara para uma eleição do melhor trabalho realizado; essa

eleição foi feita através de um júri e onde estavam a concorrer todos os trabalhos apresentados pelos Jardins de Infância da Cidade, cerca de cem trabalhos.

Após tanta ansiedade do grupo e da equipa pelo resultado recebeu-se a notícia de que o trabalho da sala dos quatro anos tinha ganho o 1º prémio neste projeto, quando se anunciou esta notícia ao grupo de crianças estas ficaram radiantes e orgulhosas de si mesmas (o mesmo sucedeu aos pais/ família que mais uma vez fizeram um reconhecimento público à equipa pedagógica).

Durante o estágio foram ainda vivenciadas três manhãs recreativas organizadas pelas duas estagiárias finalistas, estas foram realizadas com o objetivo de se contar histórias de diferentes formas, através do kamishibai (ver anexo LIII) e através de um fantocheiro. Este tipo de atividades foi bastante oportuno quer para a sala dos quatro anos, quer para a sala dos três, quatro e cinco anos, pois ambas puderam vivenciar o conto de uma história através de dois dispositivos que não conheciam, e para além de ser uma novidade foi uma estratégia para cativar e chamar atenção das crianças. As histórias utilizadas “O meu corpo é uma casa” e “O dia que a barriga rebentou”, eram adequadas ao projeto lúdico da sala dos quatro anos e à sala dos três, quatro e cinco anos. Estas atividades permitiram promover várias áreas tais como: o desenvolvimento da linguagem através do reconto da história, o desenvolvimento pessoal e social, na forma como as crianças partilhavam e trocavam ideias entre si e ainda o conhecimento do mundo, através dos diferentes comentários que faziam relacionando os conhecimentos que adquiriram anteriormente com aqueles que aprenderam no momento.

Relativamente à divulgação e avaliação do projeto lúdico da sala, as crianças numa assembleia, mostraram interesse em fazer um teatro/ musical, sobre o corpo humano, de forma a se apresentar aos pais e à comunidade tudo o que foi desenvolvido no projeto lúdico ao longo do ano. O teatro/musical teve como motivação o teatro que as crianças visualizaram anteriormente na Exponor, cujo, o tema era “Uma viagem ao Corpo Humano”. Durante a assembleia decidiu-se, então, quais as personagens, as músicas e as danças que cada criança queria dramatizar. Desta forma, fez-se uma planificação em grande grupo (ver anexo LIV). A divulgação foi feita na festa final de ano (ver anexo- LV) e os comentários à mesma foram bastante positivos. As crianças ao longo de todo o projeto lúdico, mostraram-se sempre empenhadas; participativas, contribuindo sempre com muitas ideias como se pode comprovar nas planificações sugeridas pelas crianças, a organização do espaço e do tempo foram sempre adequadas às características de cada criança, pois cada uma

tem o seu próprio ritmo. No final deste projeto lúdico as crianças mostravam-se radiantes e orgulhosas de si mesmas relativamente ao que tinham aprendido ao longo deste ano. Pode-se ainda comprovar que o Projeto lúdico, fez com que o grupo tivesse um grande desenvolvimento a todos os níveis (ver anexo LVI).

É por todas estas questões anteriormente descritas, desde a opinião das crianças, a vontade, os interesses, as características, a participação ativa, a cooperação a autonomia, o envolvimento dos pais/ família, da comunidade que se consegue de facto fazer um trabalho bastante significativo, produtivo, desenvolvendo várias competências e assim conseguir-se o objetivo principal da educação pré-escolar, trabalhar-se para uma aprendizagem significativa e de sucesso, promovendo qualidades nos mais novos e também intervindo com os pais/ família, característica esta, fundamental para que os pais/ família e o jardim caminhem de mãos dadas para o sucesso das suas crianças. A estagiária ao longo de toda a prática pedagógica, teve sempre em atenção, que a criança tivesse voz ativa; que demonstrasse os seus interesses; que através da observação verifica-se as necessidades das crianças e que se tivesse em conta intencionalidades pedagógicas; que o grupo fosse capaz de partilhar e cooperar uns com os outros, pois só assim a estagiária teve a perceção e a certeza de que se poderia desenvolver um bom trabalho junto de um grupo de crianças.

No que respeita a intervenção no 1º CEB, esta era realizada alternadamente com o par pedagógico, uma vez que a intervenção era feita de quinze em quinze dias por cada uma das estagiárias. O grupo do 3º ano tal como as crianças do EPE, eram grupos muito participativos, ativos e muito curiosos, no sentido em que gostavam de saber sempre mais e colocar questões nas quais tinham dúvidas ou incertezas.

Inicialmente, as duas estagiárias tiveram a oportunidade de observar o grupo durante duas semanas, com o intuito de perceberem todo o contexto e a dinâmica de uma sala de aula, assim como as práticas pedagógicas, a professora cooperante e as dificuldades dos alunos/ turma.

Tal como acontecia na EPE, também no 1º CEB, havia uma rotina, pois todos os dias as aulas iniciavam com a escrita do sumário no quadro, para que a turma soubesse o que iria ser realizado ao longo do dia. No horário da turma, estavam estipuladas as horas anteriormente pensadas para dedicar a cada uma das áreas curriculares. Existia ainda uma hora fixa para que a turma pudesse ir para a biblioteca da escola realizar diferentes atividades.



Após a percepção de toda a dinâmica numa sala de 1ºCEB, a estagiária começou a perceber-se dos gostos e dos interesses do grupo em questão; através de uma atividade em conjunto com o par pedagógico, foi perceptível perceber que as crianças gostavam muito de trabalhar a área da expressão plástica (ver anexo-LVII) e também aulas mais lúdicas, em que elas pudessem participar ativamente, potenciando a descoberta.

A estagiária, desde logo, decidiu levar para a sala materiais didáticos chamativos, no sentido de entusiasmar e cativar as crianças para a aprendizagem; numa das primeiras intervenções, a estagiária levou para a sala um recurso material (boneco referente ao sistema digestivo) com o objetivo das crianças poderem manuseá-lo e, deste modo, perceberem todo o percurso da digestão. No final de experienciarem e explorarem esse boneco, realizou-se um jogo constituído por cartões que continham perguntas, aos quais as crianças teriam que descobrir o nome do órgão respetivo e seguidamente teriam que escrever o nome desse mesmo órgão no tabuleiro anteriormente construído pela estagiária. Pôde-se desde logo perceber, o entusiasmo e a motivação do grupo durante esta atividade, pois queriam-na sempre repetir, as histórias e as discussões sobre o processo da digestão eram simplesmente entusiastas. (ver anexo LVIII)

Uma outra atividade bastante significativa foi a da reciclagem (ver anexo- LIX) e a da roda dos alimentos. Uma vez que estas atividades já tinham sido realizadas no estágio em EPE com um grupo de quatro anos, a estagiária decidiu, uma vez que este tema fazia também parte do programa do 3º ano realizar com a turma.

A atividade da reciclagem foi sugerida com o intuito das crianças identificarem os diferentes tipos de lixo aos ecopontos correspondentes, e assim, sensibilizá-las para a separação do lixo e a preservação do meio ambiente, já a atividade da roda dos alimentos tinha como objetivo criar-se menus de pequeno-almoço, almoço e jantar com a condição das crianças escolherem apenas um alimento de cada um dos grupos da roda dos alimento.

Esta atividade foi realizada em ambos os estágios com o intuito de se perceber o que cada um dos grupos conseguia atingir. Constatou-se assim que o grupo de quatro anos foi o grupo que conseguiu atingir mais rapidamente e concretamente o que era pedido na atividade, uma vez que as crianças do 3º ano sentiram dúvidas em escolher cada um dos alimentos dos diferentes grupos da roda, bem como na atividade da reciclagem que mostraram algumas dúvidas na identificação dos diferentes ecopontos.



Pensa-se que estas atividades, vivenciadas em dois contextos e em faixas etárias muito distintas foi, de facto, algo muito importante, pois consegue-se compreender que o facto da faixa etária por vezes ser mais velha não significa que consiga chegar mais rapidamente ao proposto.

Ao longo do estágio a estagiária propôs algumas experiências, nas quais as crianças poderiam vivenciar e chegar a um resultado. Uma das atividades experienciais propostas foi relativamente à lecionação do sistema respiratório, quando se pretendeu demonstrar o processo da respiração (ver anexo-LX), através de uma garrafa de água e balões. Desta forma, as crianças tiveram mais uma vez a oportunidade de experimentar fazendo e compreendendo o processo da inspiração e expiração. Nesta atividade foi proposto à turma realizarem a experiência em casa juntamente com os pais, no qual teve resultados brilhantes, pois a maioria das crianças trouxe para sala a experiência que realizou juntamente com os pais e os resultados obtidos, sendo elas mesmo a explicar o processo.

Relativamente à área da matemática, as horas, foi um conteúdo que demonstrava algum grau de dificuldade por parte das crianças. Uma vez que era um conteúdo também a ser abordado e que vinha no programa, aproveitou-se para ensinar e esclarecer a visualização das horas. Inicialmente, contou-se à turma uma história sobre as horas, minutos e ponteiros. Como forma de consolidação após esta história tínhamos (semi) construído um relógio, no qual as crianças tinham que colocar os números, os ponteiros das horas e dos minutos, bem como identificar as horas que a respetiva solicitava. Depois destas atividades realizadas e de modo a praticar o conteúdo abordado, as crianças dirigiram-se para a sala de informática, com a finalidade de realizar um jogo interativo sobre o mesmo. Mais uma vez foi uma atividade que teve um impacto bastante positivo, visto que todas as crianças conseguiram ficar a saber a visualizar as horas e estavam bastante entusiasmadas no decorrer da mesma. (ver anexo-LXI)

O português foi desde sempre uma área curricular, onde a maioria das crianças demonstravam notórias dificuldades, nomeadamente ao nível da escrita e da gramática. Após várias observações e várias correções, a estagiária apercebeu-se que seria urgente começar a combater estas fragilidades. Posto isto, proporcionou a realização de ditados com alguma regularidade e, no final, corrigia-os sempre com a turma para que esta se apercebesse dos seus próprios erros. Pôde-se verificar que esta foi uma atividade benéfica no sentido em que as crianças começaram a ter mais atenção à escrita, uma vez que no primeiro ditado o número de erros foi muito

elevado. No que respeita a gramática, a estagiária tentou sempre que possível criar dispositivos pedagógicos para que as crianças percebessem melhor e se demonstrassem entusiasmadas, o que aconteceu relativamente nos antónimos e sinónimos, pois era um conteúdo que deixava a turma sempre muito confusa. Assim, a estagiária criou o lugar encantado dos antónimos (ver anexo- LXII) e o jogo do bingo dos antónimos (ver anexo- LXIII), cujas atividades consistiam na identificação dos antónimos das palavras.

Um problema que se veio a refletir na turma do 3º ano foi o comportamento inadequado da turma, sendo um dos fatores responsáveis pelo mesmo; a ausência da professora cooperante, deixou a turma um pouco insegura. Face a esta situação, a estagiária refletiu e decidiu criar um jardim comportamental (ver anexo- LXIV) com o objetivo de incentivar e motivar a turma a ter um comportamento adequado dentro da sala de aula. Pôde-se comprovar que a partir desta estratégia, a turma demonstrou-se mais calma, começando a respeitar as regras da sala de aula, uma vez que no final do dia todos queriam colocar o seu nome na flor amarela (flor do bom comportamento).

Por tudo isto, pode-se afirmar que a turma em questão foi capaz de obter aprendizagens mais significativas, quando as atividades eram mais lúdicas e mais ativas, na medida em que conseguiam experimentar e compreender a dinâmica de um dado conteúdo. A estagiária tentou sempre criar diferentes formas de dinamizar as aulas, utilizando diferentes estratégias e recorrendo a diversos recursos materiais, como jogos, dispositivos pedagógicos, adivinhas, experiências, histórias, entre outros, de forma a entusiasmar a turma.

As conversas e as histórias contadas pelas crianças sobre determinados assuntos/ conteúdos foram desde sempre valorizadas e incentivadas pela estagiária, uma vez que através destas conversas também se construía conhecimento e se esclareciam eventuais dúvidas, que pudessem surgir.

Os grupos com quem se vivenciou ambas as experiências de estágio, foram sem dúvida crianças/alunos que continham um grande espírito crítico e eram seres bastante curiosos a todos os níveis, o que permitiu desenvolver um trabalho significativo e enriquecedor para um futuro profissional de educação, em relação a todas as exigências profissionais que lhe são exigidas.

### 3.2.4 Avaliar

Com o passar do tempo, e com todas as modificações que se fazem sentir no ensino, o “tema” avaliação é cada vez mais abordado e discutido. Portanto, é importante refletir-se sobre a complexidade e a importância deste no ensino.

A avaliação consiste em “recolher um conjunto de informações pertinentes, válidas e fiáveis e examinar o grau de adequação entre este conjunto de informações e um conjunto de critérios adequados ao objetivo fixado, com vista à tomada de decisão” (Ketele, citado por Gouveia, 2008:6).

É extremamente importante que um educador/professor avalie no sentido de perceber quais as características de cada aluno, para que assim possa atuar em conformidade com as mesmas e tendo em conta as fragilidades/ qualidades de cada criança

A avaliação não se torna apenas essencial para o educador/professor, mas também para a criança, uma vez que a avaliação, permite à criança compreender as competências que já adquiriu, o que sabe ou não sabe fazer e perceber quais as suas dificuldades/ fragilidades e assim estimular a sua capacidade de auto avaliar-se.

O educador/professor ao observar e ao avaliar as competências adquiridas pelo grupo, está desta forma a realizar uma avaliação formativa, cujo, o objetivo é perceber as aprendizagens alcançadas pelas crianças.

Segundo o Decreto- Lei nº 241/ 2001 de 30 de Agosto, o profissional de educação “avalia, numa perspetiva formativa, a sua intenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e aprendizagens de cada criança e do grupo”. (Decreto- Lei 241/ 2001 de 30 de Agosto, Ministério da Educação)

Durante toda a prática educativa, fez-se uma avaliação prévia aos grupos com o intuito de se perceber o que cada uma das crianças já tinha aprendido e quais as competências emergentes a consolidar, adequando a aprendizagem às suas necessidades e características.

A equipa pedagógica promoveu, desde cedo, nos grupos situações de autoavaliação, tais como: comentários que as crianças faziam relativamente aos seus trabalhos individuais (ver anexo- XI), ao trabalho desenvolvido pelos grupos, e ainda se criavam assembleias na EPE com o objetivo de dialogar com as crianças, nas quais estas se mostravam capazes de dialogar utilizando uma linguagem correta e coerente, comentando e autoavaliando o que conseguiam levar a cabo, bem como as dificuldades encontradas, e as estratégias utilizadas para ultrapassar as mesmas. Este

foi um processo de consciencialização, no qual a criança começou a refletir e a comentar os seus próprios trabalhos (ver anexo- LXV).

Na avaliação existem instrumentos específicos para que seja possível verificar o desenvolvimento das aprendizagens e das competências alcançadas pelas crianças/alunos. Assim sendo, em estágio foi essencial usar este tipo de instrumentos de observação com o intuito de se avaliar as competências adquiridas pelas crianças/alunos através de: grelhas de avaliação e check list (ver anexo LXVI). Ao nível do 1.ºCEB, os instrumentos utilizados para a avaliação dos alunos foram: os testes de avaliação, realizados pela professora cooperante, incidindo numa avaliação sumativa; as fichas formativas (ver anexo LXVII) sobre os conteúdos abordados; e, ainda, as grelhas de autoavaliação (ver anexo LXVIII).

Como forma de reflexão e conseqüente avaliação, a estagiária realizava reflexões semanais (ver anexo LXIX) quer ao nível da EPE, quer ao nível do 1.ºCEB (ver anexo- LXX). Nestes instrumentos de avaliação, refletia-se sobre o desenvolvimento das atividades realizadas durante uma determinada semana, com o principal objetivo de identificar e compreender o que correu bem e o que correu mal, pensando em estratégias de intervenção para colmatar eventuais fragilidades, e, dessa forma, melhorar, cada vez mais, a intervenção educativa (ver anexo LXXI).

Um outro instrumento que pode ser visto como um processo de avaliação é o portefólio de criança, realizada na EPE, pois representa uma série de trabalhos desenvolvidos pela mesma, devendo estes serem: significativos; escolhidos pela criança ou pelo educador; devem demonstrar progressos da criança a nível do saber e do conhecimento; deve existir registos e comentários da criança, e a sua autoavaliação sobre tudo o que desenvolveu. Durante a experiência em estágio em EPE, o portefólio da criança foi um instrumento utilizado e observado em contexto sala, no qual todas as crianças tinham um portefólio, com os objetivos e finalidades que acima se referiram. A estagiária construiu ainda um portefólio juntamente com uma criança da sala dos quatro anos, sendo um instrumento fundamental, pois assim se percebeu toda a dinâmica e a importância deste.

Pensa-se que é fundamental numa sala de pré-escolar existir o portefólio da criança, pois para além de estarem registados e comentados os trabalhos significativos de cada uma delas, permite que elas próprias, e o educador, consigam perceber a sua evolução ao nível dos seus conhecimentos e criando assim a sua autonomia no sentido de poder ela também fazer as suas escolhas e explicar o porquê de as fazer. (ver anexo LXXIV)

Segundo Vasconcelos, no trabalho de projeto “depois (e ao longo de todo o processo) avalia-se o trabalho, a intervenção do grupo, o grau de entreaajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas” (2012:20).

O Trabalho de Projeto foi também um momento que serviu de avaliação, pois permitiu avaliar-se tudo o que foi realizado e desenvolvido ao longo de todo o trabalho, no qual, se fez um balanço bastante positivo.

Foi fundamental para a estagiária compreender e trabalhar com instrumentos de avaliação, pois através da sua utilização, percebeu a extrema eficácia, que estes trazem no que concerne o procedimento de avaliar a criança. Inicialmente sentiu-se algum receio na utilização deste tipo de instrumentos, mas com o passar do tempo, foi-se aperfeiçoando esta dinâmica e já a meio das práticas, estes instrumentos eram imprescindíveis para se ter uma perceção do todo o trabalho desenvolvido e as aprendizagens adquiridas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de estágio profissionalizante teve como principal objetivo perceber e prepararmo-nos para uma dupla profissionalização, no sentido de compreendermos a ligação e a ponte existente entre a EPE e o 1ºCEB.

Como tal, foi fundamental para nós, enquanto estagiárias, experienciar estas duas vivências quer na EPE quer no 1ºCEB, de forma a compreender o papel do educador/ professor perante um grupo de crianças.

É através da experiência vivenciada em campo que se consegue compreender o verdadeiro trabalho de um profissional de educação, pois é em campo que o professor, através da realidade, das experiências e vivências que tem em mãos, consegue adequar a sua prática e agir em conformidade com os ideais que defende. Como refere Roldão, “[...] é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de refletir sobre essa realidade, de comunicar experiências, e sobretudo de perceber que a aprendizagem de um professor nunca termina” (Roldão,2004:36), estando este, assim, em constante aprendizagem e, conseqüentemente, desenvolvimento e evolução.

Por tal, é de facto essencial que haja uma comunicação e uma articulação entre a EPE e o 1ºCEB, no sentido de coexistir uma cooperação, interação e comunicação

entre os dois contextos, pois pode-se, assim, criar uma ligação ecológica, que irá, com toda a certeza, beneficiar a criança, e o educador/ professor em questão.

“não se pretende que a educação pré-escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que se perspetive no sentido da educação ao longo da vida, contudo, a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte” (Despacho nº5220/97, n.º2).

Desta forma deve haver uma continuidade, entre a EPE e o 1ºCEB, cabendo ao educador/professor criar a ponte entre estas duas valências, de forma a que aprendizagem adquirida anteriormente pela criança tenha continuidade ao longo da sua escolaridade.

Um profissional de educação com dupla habilitação terá que se consciencializar da importância de refletir sobre as intencionalidades da sua prática educativa para, assim, existir uma articulação entre estes dois níveis de ensino.

Durante toda a prática pedagógica, a estagiária cresceu quer a nível pessoal, quer a nível profissional, adotando, sempre, uma postura proactiva, empenhada e “apaixonada” por todo o processo educativo desenvolvido. Cada dia era visto como um novo desafio, uma nova oportunidade, um caminho a percorrer e tendo sempre em mãos a responsabilidade de se tornar uma educadora/ professora “fascinante”, entusiasta e, acima de tudo, inesquecível.

“Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão a diferença no mundo. As suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e inconscientes dos seus alunos.” (Cury, 2003:74)

Cabe a um professor que diz ser ou querer ser “fascinante”, estimular a criança a pensar, a descobrir, a descodificar dúvidas e partir à descoberta, pois só assim desafiará os seus alunos a irem mais além e a serem os próprios os detentores do seu próprio conhecimento, não sendo, assim, o professor, apenas, um mero reproduzidor da informação – “as informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração” (Cury, 2003:75).

Aos olhos dos professores, o ensino, nos dias que correm, é cada vez mais um desafio para estes, no sentido em que se deparam cada vez mais com problemas, devendo este ser capaz de contrariar as adversidades com que se depara.

De acordo com Cardoso, “educar não é mais do que a arte de seduzir. Dito de outro modo, estimular, motivar, reconhecer, encorajar a aventurar-se a ir mais além, a olhar alto, e a varrer novos horizontes é a tarefa mais nobre com que se defrontam os educadores do presente e do futuro.” (2013:21) Cabe ao professor adotar estratégias diversificadas que cativem e entusiasmem as crianças ao longo de todo o processo de

ensino aprendizagem, de forma a que a atinjam o sucesso, desempenhando, assim, o professor um papel fulcral no desenvolvimento das suas crianças.

Quando se iniciou ambos os estágios o medo de falhar, a incerteza, a dúvida e a insegurança eram alguns sentimentos que se faziam sentir, mas, com o passar do tempo tudo foi ultrapassado e mesmo quando existiam situações inesperadas não havia tempo para se sentir medo ou receio, mas sim vontade de dialogar e trocar ideias, de forma a arranjar estratégias eficazes para que aquele acontecimento inesperado pudesse ser ultrapassado com sucesso. Foi este o espírito que se criou ao longo de toda a prática pedagógica, tendo, assim, os medos e as incertezas desaparecendo ao longo do tempo, pois a educadora/ professora cooperante sempre tranquilizaram a estagiária para que esta estivesse segura de si mesma e apoiaram-na/ auxiliaram-na em tudo o que foi necessário. Enquanto futura profissional de educação, o tempo e o ritmo das crianças foi algo que não causou qualquer problema durante a experiência, pois se as crianças necessitassem de mais tempo, de apoio ou ajuda tê-la-iam de imediato, pois cada criança é uma criança e deve-se respeitar os ritmos diferentes de cada uma.

Assim ao longo de toda a experiência vivenciada em ambos os estágios, a estagiária teve em conta o processo educativo imposto a um profissional de dupla habilitação, percebendo, assim, a importância de observar, planejar, agir e avaliar.

“Após a observação minuciosa que tenho vindo a fazer à turma, percebi que esta sentia muitas dificuldades relativamente à questão das horas, e por isso, decidi que um dos temas a lecionar e a insistir seria este. As horas era uma questão que preocupava os alunos, e ao mesmo tempo lhes despertava bastante interesse, uma vez que, faziam constantemente perguntas sobre a visualização das mesmas, assim, por esta mesma razão decidi estimular as crianças na aprendizagem das horas, praticando exercícios no quadro, jogando no computador, construindo o relógio e ainda contando uma história. Posso concluir que não foi fácil ensinar este tema à turma, pois para além de ter utilizado várias estratégias para que todos os alunos compreendessem, cheguei à conclusão que muitos deles continuavam confusos e com imensas dúvidas. Perante esta situação decidi perguntar um a um o que os deixava confusos, e pedi individualmente que viessem ao quadro e trabalhassem as horas no relógio desenhado por mim, posso afirmar que foi uma estratégia muito eficaz, no sentido em que dei oportunidade a todos de exemplificar e esclarecer as suas dúvidas, e nada melhor que praticar para se compreender.” (A.A- excerto de uma reflexão semanal)

Assim, pode-se comprovar através desta reflexão semanal, que foi através de uma observação constante e minuciosa do grupo que se pode atuar em conformidade com o mesmo, adotando-se estratégias diversificadas, que neste caso serviram para combater uma fragilidade da maioria das crianças. Como futura professora/ educadora, pode-se afirmar que a experiência, mais uma vez, serviu de consciencialização à importância de observar, planejar, agir e, por fim, avaliar.



Ao longo de todo este processo profissionalizante, a reflexão foi uma constante, sendo este ato de refletir inerente aos princípios e ideais que sustentam a prática da estagiária. Houve sempre a acuidade de refletir sobre toda a realidade à sua volta, quer ao nível do grupo, quer ao nível da ação/ trabalho desenvolvido pelo educador/ professor cooperante e pela própria estagiária. De acordo com Gonçalves, “refletir constantemente implica, assim, a tomada de consciência do conjunto de circunstâncias e da teia de relações em que o ser humano vive, das quais faz parte, e a partir das quais adquire consciência.” (2010:4)

É através desta reflexão sistemática que é possível perceber as aprendizagens e conquistas das crianças, ao nível do desenvolvimento e aprendizagens adquiridas pelas mesmas. Esta reflexão permite, ainda, refletir sobre eventuais problemas que possam surgir e alterações na prática que possam ser pertinentes. Segundo Neves, “o profissional atua, refletindo, levantando hipóteses, experimentando e corrigindo através do diálogo que estabelece com a realidade e com os outros” (2007:131), sendo assim imprescindível que o educador/ professor esteja em constante reflexão consigo mesmo, com os outros e com o mundo envolvente.

Um educador/ professor não pode, nunca, esquecer, que apesar de ter um grupo, todas as crianças são diferentes, e por tal, deve adequar a sua prática às características de cada criança, e, assim, ajudá-la no seu processo de ensino-aprendizagem.

“Uma outra estratégia que resultou bastante bem foi o facto de ter estado mais atenta aos alunos com mais dificuldades, estimulando-os e dando exatamente a mesma oportunidade que dou aos alunos que constantemente gostam de participar. Durante todas as atividades que lecionei ao longo desta semana, tive o cuidado de chamar e estimular os alunos com mais dificuldades a participar, mais tarde já eram estes que pediam para intervir. Posto isto, cada vez mais, tenho consciência que para ser uma boa profissional de educação, deve-se estar atento a todos os alunos, assim como às suas dificuldades e potencialidades, dando a todos igualdade de oportunidades, pois quando um professor planifica é com a certeza de que o seu objetivo é contribuir para o enriquecimento de todos os alunos.” (Excerto retirado de uma reflexão semanal A.A)

Perante este excerto, comprova-se que durante a prática pedagógica a estagiária teve sempre o cuidado de ajudar e estar atenta às crianças que demonstravam mais fragilidades, e percebeu que ao dar oportunidade a essas crianças, elas vão dar sem dúvida alguma dar mais de si.

“A diferenciação reside, em suma, na adequação das estratégias de ensino encontradas pelo professor para se aproximar das estratégias de aprendizagem de cada aluno” (Cadima, et al 1997:14).



Uma vez que a experiência em EPE e 1ºCEB era muito reduzida devido ao curto tempo de estágio anteriormente vivenciado, foi extremamente importante estar-se atento às crianças e também ao educador/ professor cooperante para que nada passasse despercebido. No entanto, devido ao reduzido tempo destinado aos estágios realizados, é interessante refletir-se sobre o modo com estes se desenvolveram e, simultaneamente, o que se executava, como e quando, de forma diferente. Todos os momentos de intervenção tornaram-se nas primeiras experiências de um futuro profissional, o que permitiu chegar a algumas conclusões, como o facto de: diversas atividades que foram realizadas de uma determinada dinâmica e, possivelmente, poderiam ter sido desenvolvidas de outra forma, tornando-se mais enriquecidas para o ensino e aprendizagem dos alunos. Através destes momentos reflexivos, pode-se também refletir sobre o não pôr em prática de todas as metodologias e recursos que nos foram abordados durante a caminhada para a nossa profissionalização, principalmente no que diz respeito à avaliação das crianças e dos alunos, um parâmetro crucial mas complexo na etapa de um percurso de ensino-aprendizagem, presente em todas as idades.

Posto isto, pode-se afirmar que os estágios profissionalizantes trouxeram diversos contributos enquanto futura profissional, pois foi através desta experiência que se compreendeu e vivenciou toda a dinâmica de trabalho numa sala de educação pré-escolar e numa sala de 1ºciclo. O sentimento de falhar, o medo e receio foi sendo ultrapassado com o apoio da equipa pedagógica e de todos os intervenientes que ajudaram a estagiária e a apoiaram ao longo de toda esta prática, é de referir ainda que a equipa pedagógica foi, sem dúvida, uma mais-valia para a estagiária, pois esta aprendeu muito com a sua ajuda durante toda a ação, conseguindo demonstrar e inculcar estratégias e atitudes fulcrais enquanto profissional, e enquanto pessoa.

Finalizados os estágios profissionais, concluiu-se que ao longo de todo o processo, e com o fluir das aprendizagens, os objetivos propostos foram alcançados, sendo estes previamente estabelecidos e tendo em conta as peculiaridades de cada criança, com o intuito de criar aprendizagens verdadeiramente significativas. Refletindo sobre a prática da estagiária, pode-se verificar que esta trabalhou e se esforçou para atingir todos os objetivos propostos, como a gestão do tempo, a planificação correta das atividades, a reflexão, o contornar de situações inesperadas, a utilização de eventuais estratégias e adoção de uma postura correta face ao grupo de crianças, esta vivência permitiu, assim, que se preparasse para a futura profissionalização.

No que se refere ao grupo de crianças com quem se desenvolveu todo o trabalho educativo, foi notável o enorme crescimento deste, desde o início do estágio até ao final do mesmo, uma vez que adquiriram várias competências ao nível do conhecimento do mundo, do desenvolvimento da linguagem, das expressões, da formação pessoal e, ainda, ao nível da matemática. A evolução no desenho foi algo muito notório no desenvolvimento deste grupo, assim como a forma como se expressavam e utilizavam vocabulário correto e coerente, constituindo-se esta uma aprendizagem muito significativa na maioria das crianças ao longo destes quatro meses.

No fim deste caminho percorrido, pode-se dizer, que o saber é um processo contínuo que jamais será dado por terminado, pois um profissional de educação deve estar em constante formação e aprendizagem, para assim adquirir competências capazes de contribuir para o seu desenvolvimento, quer pessoal, quer profissional, que por conseguinte, se irá refletir no desenvolvimento da criança. O estágio profissionalizante embora fosse curto, foi essencial para a construção da profissionalização, com a certeza de que a estagiária levará para sempre no coração esta experiência, pois ensinou, aprendeu, deu e recebeu, porque um profissional de educação não transmite apenas conhecimentos, mas sim provoca a inteligência, a curiosidade e gosto por ir mais além.

Para se caminhar para o sucesso educativo da criança, é essencial que o educador/professor transmita, dê, valorize e reconheça, pois só assim poderá aprender, receber, ser valorizado e reconhecido. Como tal a estagiária continuará a investir na sua formação ao longo do tempo, sempre com o intuito de saber mais para ensinar mais e melhor, e também terá como objetivo ser um exemplo de educador/professor de excelência, pois o bom professor transmite informação, o professor de excelência transforma a informação em saber e o saber em experiência.

## BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, I. (2001). Professor -investigador. Que sentido? Que formação? *Revista Portuguesa de Formação de Professores*. Ministério da Educação: Inafop
- Álvarez, M. [et al.]. (2004) *O projeto educativo da escola*. Porto Alegre: Artmed
- Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill
- Azcue, J. (2012), *A escola onde se aprende*. 1º ed. Lisboa. Príncipia Editora
- Balancho, M. J. S.; Coelho, F. M. (1986). *Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. 2. ed. Porto, Portugal: Texto
- Becker, F. (2008). *A epistemologia do Professor: o cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: Editora Vozes
- Bodgan, R. e Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora
- Burichovitch (2010). *Mapas Conceituais: estratégias de ensino/ aprendizagem e ferramenta avaliativa*. Rio de Janeiro:Vozes
- Bzuneck J. A. (2000). As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes
- Cabanas, J. (2002), *Teoria da educação: concepção antinómica da educação*, Porto, Edições Asa
- Cadima. A., Gregório,C.,Pires,T. et al., (1997). *Diferenciação pedagógica no Ensino Básico - Alguns itinerários*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Cardona, M. J. (2008). Escola, família e comunidades: encontros e desencontros entre a escola e a família: o caso da educação de infância. *Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Educação para o sucesso: políticas e atores*. Porto: SPCE; Livpsic - ISBN 978-989-8148-21-6. - pp. 246-253
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra & Paz
- Cury, A.(2004). *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Cascais: Pergaminho;
- Davies, Don et all (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: Realidade e Perspetivas*. Lisboa, Livros Horizonte
- Day, C., (2004). *A paixão pelo ensino*. Porto, Porto Editora
- Gonçalves, D. (2010). (Re)inventar um espaço reflexivo in *Saber Educar*, Porto: ESEPF, pp. 1-5
- Gouveia, J. (2008). *Saber avaliar*, texto policopiado.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Katz, L. & Chard, S. (1997). *Abordagem de projeto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Leite, E. Malpique, M. Santos, M. (1989). *Aprender por Projetos centrados em problemas*. Porto: Edições Afrontamento
- Lockart, S. (2011). *Active Learning for Infants and Toddlers: Even the youngest children actively engage the world around them*. Highscope, org;

- Lúcio, Laborinho, (2007). Educar para uma cidadania de sucesso In *IX Congresso da Sociedade Portuguesa Ciências da Educação (Actas)*. Funchal, pp.51-60
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Oliveira-Formosinho, J.; Gamboa, R (2011) – *O Trabalho de projeto na pedagogia – em – participação*. Porto: Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J.; Andrade, F.; Formosinho, J., ed. Lit (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). A Avaliação Alternativa na Educação de Infância. In Oliveira-Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores I: Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora
- P. Perrenoud (2002). *Dez condições para tornar o sistema educativo mais eficaz*. Comunicação apresentada no Curso de Verão- Asa- 2002. Matosinhos
- Papalia, Diane E.; Olds, Sally Wendkos ; FELDMAN, Ruth Duskin (2001). *O mundo da criança*. 8ª ed. Lisboa: McGraw-Hill
- Parente, C. (2002). Observação: Um Percurso na Formação, Prática e Reflexão In Oliveira-Formosinho, J. (org). (2002). *A Supervisão na Formação de Professores I: Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora. Pp.166-217
- Perrenoud, P., (2000), *10 Novas Competências Para Ensinar: Convite à Viagem*, Porto Alegre, Artmed
- Pinheiro, A.; Neves, M.; Pinho, R.; Santos, V.; Oliveira, C.; Marques, M. (2007) O educador como prático reflexivo. *Cadernos de Estudo*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. nº 6, p.129-142
- Quivy, R; V. Campenhoudt, Luc (2008). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva
- Roldão, M. (2004), *Transversalidade e especificidade no Currículo – como se constrói o conhecimento?*, Revista Infância e Educação, Investigação e Práticas
- Sá-Chaves, I. (2000). *Portfólios Reflexivos: Estratégia de Formação e de Supervisão*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Santos, L. (2002). Auto- avaliação. Porquê, o quê e como? in Paulo Abrantes (Cord.) (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens – das concepções às práticas* (pp: 77-84), Ministério da Educação, Lisboa
- Savater,F. (2010). *O valor de educar*. In Castillo,R.; Crato,N.; Damião,H (Orgs.) *O valor de educar, o valor de instruir*. Porto: Porto Editora
- Serra, C. (2004), *Currículo na Educação Pré-escolar e Articulação Curricular com o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto, Porto Editora
- Vasconcelos, T. (coord) & outros (2012). *Trabalho por projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: Direção- Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC)
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso- Planejamento e Métodos*. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman.
- Zabalza, M., (1992). *Didática da Educação Infantil*. Porto, Edições ASA

## **Legislação**

Decreto- Lei nº75/ 2008, 22 de Abril;  
Decreto-Lei 241/2001, 30 de agosto;  
Lei nº5/97- Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar.  
Despacho nº5220/97, nº2

## **Documentos das Instituições**

Plano Anual de Atividades - 2012/2013  
Projeto Curricular de Grupo - 2012/2013  
Projeto Curricular de Turma – 2013/2014  
Projeto Educativo – 2011/2014  
Regulamento Interno – 2012/2013

# **ANEXOS**

## ANEXO I

### Registo de Observação

#### Incidente Crítico – 5

**Data:** 18/04/ 2013

**Criança:** G

**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** Antes de ir para o almoço as crianças estavam sentadas no acolhimento a cantar a música do pai e da mãe para o dia da Família, quando todos começaram a cantar a música para o pai o G começa a chorar num desespero, foi então que a estagiária chamou o G e este não respondeu estando de cabeça para baixo, pegou na mão dele e trouxe-o para junto dela, e disse o G “ Estou muito triste tenho muitas saudades do meu pai”.

**Comentário:** O G é uma criança muito afetiva que necessita de muita atenção, pois o pai do G encontra-se a trabalhar fora do país estando poucas vezes com ele, ao ouvir a canção que era para dedicar ao pai a criança sentiu falta do seu e deu-lhe muitas saudades, foi então que a estagiária disse ao G sabes o pai gosta muito de ti, e foi trabalhar para fora para te dar uma vida melhor, mas logo logo ele volta porque também ele sente muitas saudades tuas e do mano, e nós estamos aqui todos juntos para também te dar carinho.

## ANEXO II

### Registos de Observação

#### Check-list – Matemática

2013-05-02

	Reconhece as diferentes formas geométricas	Contagem do nº das formas geométricas	Associa os números ao cardinal	Noção de + , - ou =	Ordena figuras por tamanho e forma	Faz sequência	Compreende e conta o número de lados das formas geométricas	Desenha formas geométricas corretamente
J	+	+	+	+	+	+	+-	+
MI	+	+	+	+	+	+-	+	+

MR	+	+	+	+	+	+	+	+
L	+	+	+ -	-	+ -	+ -	+ -	+
LI	+ -	+	-	-	-	-	-	+ -
GA	+ -	+ -	-	-	-	-	-	+ -
NC	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
IC	+	+	+ -	+ -	+ -	+ -	-	+
I	+	+ -	-	-	-	-	-	+
MT	+	+	+	+	+	+	+	+
N	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
F	+	+	+	+	+	+	+	+
G	+	+	+	+ -	+	+ -	+ -	+
GF	+	+	+	+	+	+	+	+
M	+	+	+	+	+	+	+	+
T	+	+	+	+	+	+	+	+
AD	+	+ -	+	+ -	+ -	+ -	+ -	+
A	+	+	+ -	+ -	+	+	+ -	+
H	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
R	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
K	+	+ -	+	-	+ -	-	-	+ -
LY	+ -	+	+ -	-	+ -	+ -	-	+ -
IG	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
RF	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
TI	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+

Legenda:

+ Consegue

- Não consegue

+ - Consegue com dificuldades

## ANEXO III/ IV

### Entrevista à Educadora do Jardim de Infância do Paço

**1. Qual a sua formação académica?**

Mestrado em avaliação.

**2. Há quanto tempo é educadora de infância? E no Jardim de Infância do Paço?**

Sou educadora há 30 anos e no J.I Do Paço há 13 anos



**3. Durante a sua formação académica foi-lhe inculcida a importância de envolver os pais/família na educação da criança? De que forma?**

Claro que sim. Quando estava a fazer a licenciatura a própria escola inculciu esta parceria. Quando fui estagiar para um Jardim de Infância o Pio XII, nessa instituição também lá se defendia esta articulação o que fez com que eu ainda tivesse mais vontade de perceber como envolver a família e coloca-la em prática. E depois de tirar a minha licenciatura, fiz uma pós - graduação de dois anos onde foi enriquecido esta vertente sobre o envolvimento parental,

**4. Acha que é importante o Jardim de Infância promover a participação da família nos projetos de sala? Porquê?**

Sem dúvida. Para além de ser uma forma de perceber todo o trabalho que é desenvolvido numa sala de J.I, esta articulação faz com que também a família participe ativamente na educação, no desenvolvimento das crianças e na sua aprendizagem, é ainda uma forma de conseguir uma constante participação e contacto próximo família/ crianças e educadores, pois todos juntos conseguem-se trabalhar para o sucesso escolar.

**5. Como educadora, e na sua sala tem por hábito promover este envolvimento?**

Sempre que possível, em todas as atividades, é de salientar que não só com os pais, mas também com a comunidade, de forma a promover o nosso trabalho e a sensibilizar para determinadas questões

**6. Se Sim de que forma promove o envolvimento parental? E com que frequência?**

Sempre que possível e geralmente em tudo o que se faça, uma mais – valia que se criou este ano, e como experiência foi o e-mail da sala dos quatro anos, onde a educadora e a auxiliar, mandavam semanalmente fotografias ou comentários sobre todo o trabalho desenvolvido nessa semana na nossa sala, e mais tarde recebiamos o feedback dos pais, as crianças também perceberam esta articulação e eram mesmo elas que quando chegavam ao

jardim comentavam que os pais tinham gostado muito do que viram e do que todos juntos fizemos.

**7. Pensa que os pais estão mais participativos devido à criação do e-mail da sala?**

Sem dúvida. Esta criação do e-mail foi muito vantajosa, pois há pais que por vezes não tem tempo ou disponibilidade para se dirigir ao Jardim, contudo não é por isso que participam menos, pelo contrário através do e-mail estavam constantemente em contacto e a par do que se passava na nossa sala, dando muitas das vezes sugestões ou feedbacks, e mostrando a sua disponibilidade para fazer algum trabalho que fosse oportuno,

**8. Existe iniciativa própria da parte desta, chegando a propor atividades ou fazendo sugestões?**

Há pais/ famílias que chegaram a propor ideias embora ainda assim fosse um número muito reduzido de famílias, contudo essas ideias não puderam ser levadas a cabo, devido à falta de tempo e uma vez que esta sugestão foi feita já no final do ano não foi possível levar a cabo, contudo será uma sugestão que não ficará de todo esquecida, pois para o ano vai ser uma das coisas que se irá planificar e tentar sempre que os próprios pais também sugiram ideias.

**9. Até que ponto considera pertinente a promoção do envolvimento parental e que vantagens traz ao processo de aprendizagem da criança?**

Penso que é pertinente a todos os níveis, quer pessoal, social ou intelectual, as vantagens como tenho vindo a referir contribui para uma boa relação entre família/ escola, e assim permitir que todos caminhemos no mesmo sentido, onde a base é a educação e à aprendizagem.

**10. Muitos professores/educadores sentem-se, de certa forma, ameaçados, não se sentindo à vontade com este envolvimento por parte da família nas atividades curriculares. Partilha deste sentimento?**

Claro que não. Ao longo de toda a minha experiência promovi este envolvimento, pois como já referi anteriormente esta é uma das parcerias que para mim faz mais sentido e penso ser muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois defendo que juntamente com os pais/comunidade consegue-se fazer um trabalho mais significativo, e fazer com que as aprendizagens sejam mais enriquecidas e juntos se caminhe para o sucesso escolar.

## **ANEXO V**

### **Reflexão**

No decorrer da primeira semana de estágio, foi-me pedido para refletir sobre esta experiência inicial. Ao longo deste percurso propus-me atingir alguns objetos iniciais tais como, conhecer o grupo com que irei trabalhar ao longo destes quatro meses, perceber as características de cada criança e seus ritmos de aprendizagem, quais as metas propostas para o terceiro ano de escolaridade, conhecer o programa de ensino, compreender o método de ensino da professora cooperante e verificar o papel do professor.

Penso que ao longo dos três dias em campo, consegui atingir os objetivos a que me propus anteriormente. Foi para mim, enquanto estagiária e futura professora desta valência, muitíssimo importante observar que numa turma existem crianças muito diferentes umas das outras, assim como os seus ritmos de aprendizagem muito distintos.

Após estes dias de estágio, pude comprovar o quão fundamental é, para um professor do 1º ciclo estar atento a tudo o que se passa numa sala de aula, pois os comportamentos e ritmos de aprendizagem das crianças são o pilar para que o professor trabalhe para um caminho do sucesso escolar dos seus alunos. É verdade que só através de uma observação pormenorizada por parte do professor ao grupo de crianças, este seja capaz de identificar e perceber quais as dificuldades e necessidades do grupo em questão, pois só assim poderá adequar o seu método de ensino às características de cada aluno. Cabe ao professor encontrar estratégias diversificadas para combater os problemas ao nível da aprendizagem ou até mesmo de comportamento, pois as crianças têm diferentes ritmos de aprendizagem, e um professor não deve nunca desistir de um aluno.

Nesta experiência de estágio e durante uma semana, pude ainda compreender, que um professor não é apenas um elemento de transmissão do

saber, mas também um amigo e conselheiro, e tem ainda um papel fulcral na formação pessoal e social dos seus alunos, pois este pode e deve inculcar e educar a criança a saber ser e saber estar, para que assim saiba viver em comunidade com os outros.

Foi para mim essencial poder estar observar uma sala de 1º ciclo, pois a minha experiência nesta valência era tão reduzida que houve pequenos pormenores, que irão fazer toda a diferença ao longo da minha prática. Hoje sei e tenho consciência que para ser um bom profissional nesta valência, o essencial não é de todo estar atento apenas ao programa mas sim a tudo o que está à nossa volta e principalmente às nossas crianças e aos seus comportamentos e necessidades.

## **ANEXO VI**

### **Grelha de Auto- Avaliação**

CENTRO ESCOLAR X

2013/

	<b>Compreende antónimos</b>	<b>Compreende sinónimos</b>	<b>Compreende a divisão silábica</b>	<b>Identifica adjetivos</b>
<b>Va</b>	+	+/-	+/-	-
<b>T</b>	+	+	+	+/-
<b>F</b>	+	+	+	+
<b>MD</b>	+	+	+	+
<b>S</b>	+	+	+	+/-

<b>M.I.</b>	+	+	+	+/-
<b>MU</b>	+	+	+	+
<b>P</b>	+	+	+	+
<b>JA</b>	+	+/-	+	-
<b>A. F</b>	+	+/-	+	+/-
<b>A. M.</b>	+	+	+	+
<b>MAI</b>	+	+	+	+
<b>MA</b>	+	+	+	+
<b>RT</b>	+	+	+	+
<b>C</b>	+	+	+	+/-
<b>MF</b>	+	+	+	+
<b>MT</b>	+	+	+	+
<b>J. M.</b>	+	+/-	+	-
<b>T</b>	+	+	+	+/-
<b>L</b>	+	+	+	+

<b>R</b>	+	+	+	+/-
<b>A</b>	+	+/-	+/-	-
<b>I. T.</b>	+	+	+	+
<b>I. C.</b>	+	+	+	+/-

+ --» Compreende

- --» Não compreende

+/- --» Não compreende

## ANEXO VII

### Grelha Rotinas

VALÊNCIA / GRUPO	PRÉ-ESCOLAR / 5 ANOS
HORÁRIOS	ATIVIDADES
7h30	Abertura da instituição
9h00	Receção aos pais e crianças
9h15	Presença e Acolhimento
9h30-10h00	Atividade orientada
10h00	Higiene e Lanche

10h15	Recreio
10h30	Atividades livres/Atividades orientadas
11h45	Higiene
12h00-13h30	Almoço
13h30	Acolhimento
13h45-14h45	Higiene
15h	Lanche
15h-15h30	Jogos ou canções
15h30	Saída das crianças/Prolongamento
19h	Encerramento do Instituição

## **ANEXO VIII**

### **Reflexão sobre “ O Tempo”**

2-4-2013

“O tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar).

Alguns autores defendem que as rotinas educativas diárias, organizadoras do ambiente educativo são: fundamentais para as crianças, apoiam os seus interesses, as suas iniciativas: assim como promovem uma organização social forte, ajuda a criança a ter uma noção do tempo assim como a apoia nos momentos de transição.

Segundo Zabalza a rotina, enquanto fixação da sequência temporal das condutas ou dos modos de realização de alguma delas, desempenha também o papel facilitados na adaptação do tempo e dos processos temporais, da

sucessão temporal. Esta é uma importante aprendizagem para enfrentar a realidade diária; a criança aprende a existência de fases, o nome dessas fases e o seu encadeamento sequencial, ou seja, o que acontece antes, o que acontece depois, o que se faz no começo e o que se faz em outros momentos dado da sessão.

É necessário ter claro que as rotinas são aprendizagens, são algo que as crianças devem aprender, todavia, estas aprendizagens podem ser reformuladas de acordo com as necessidades das crianças. ( ZABALZA, 1992:169 )

É fundamental que em qualquer pré – escolar existam horários fixos que façam parte da rotina, pois são momentos que para a criança são cruciais para que esta perceba os acontecimentos pelos quais vai passar ao longo do seu dia a dia no Jardim. Cabe ao educador criar e desenvolver estratégias para que a criança se sinta bem, segura, compreenda acontecimentos e atribua significado aos mesmos. Os horários das rotinas devem-se manter fixos sempre que possível, embora caso seja necessário o educador pode e deve alterar o horário das mesmas, nunca esquecendo que qualquer momento da rotina deve fazer sentido para a criança.

No Jardim de Infância onde me encontro a estagiar as rotinas é algo muito presente para toda a comunidade Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, é importante que o educador e as próprias crianças decidam e definam uma organização do tempo “ porque o tempo é de cada criança. Do grupo de crianças e do educador”. Esta organização deve ser feita em conjunto, para que vá de encontro às necessidades de todos e para que se sintam bem e de forma a fazer sentido para as crianças. É de salientar que o tempo educativo deve respeitar os ritmos e as diferentes atividades em diferentes níveis de interação (individual, criança – criança, criança – adulto, pequeno grupo e grande grupo) e que permita diferentes tipos de aprendizagem.

Na sala onde me encontro a estagiar existem tempos para o pequeno e grande grupo assim como para o trabalho individual ou em grupo, e o tempo

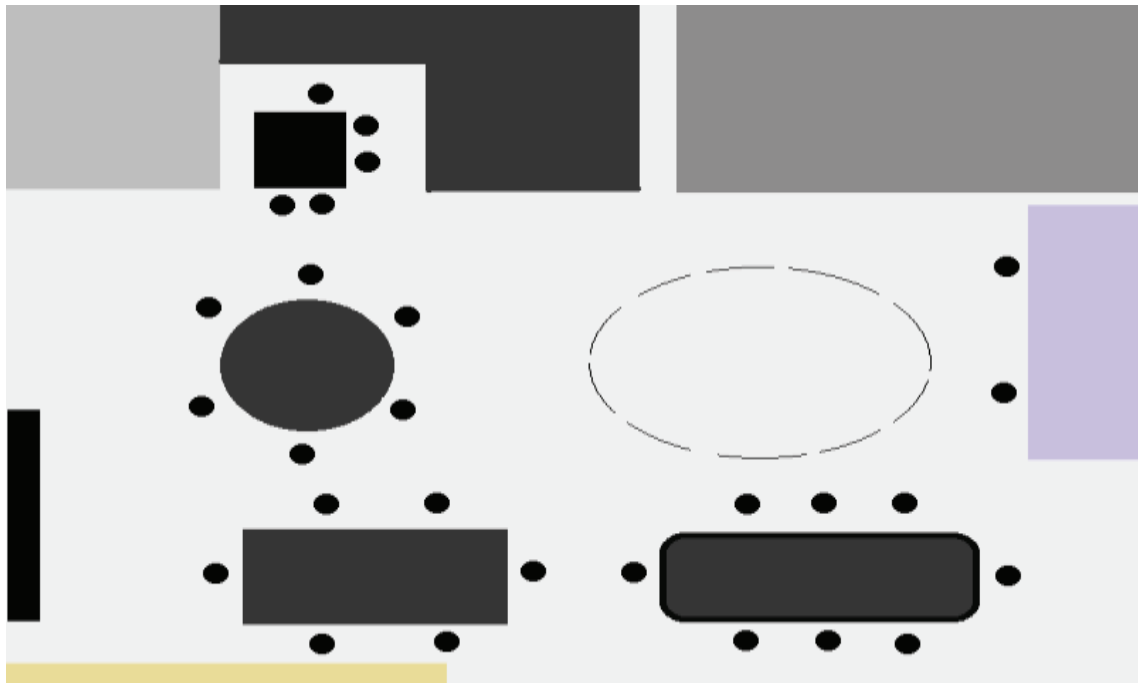


organizado para os diferentes momentos do dia ( rotina). Os trabalhos em grupo ou individual é necessário para que haja uma aprendizagem diversificada fulcral para a a criança.

A rotina é algo que faz parte de toda a comunidade escolar ( crianças, educador, auxiliar) e por isso deve ser sempre pensada, refletida e deve ainda fazer sempre sentido, pois é a vivência diária na vida de toda a comunidade educativa. As crianças uma vez que não tem a noção de tempo para elas é fundamental que as rotinas sejam impostas e não saiam se possível do habitual, pois é muito importante que a criança perceba quando e o que vai acontecer ao longo do dia. Na exepriência que vivenciei no Jardim onde estagiei houve durante uma semana necessidade de se alterar as rotinas, uma vez que tivemos que passar as manhãs num pavilhão a ensaiar para a festa final de ano, pude então aperceber-me que algumas das crianças se mostravam confusas com a noção do tempo e com a troca das rotinas, perguntavam constantemente se não era hora de lanchar, às 11h da manhã diziam “ não vamos almoçar hoje estou cheio de fome já é hora de almoçar”, percebi então que esta troca de rotinas deixou as crianças confusas e inseguras. É fundamental que a rotina seja fixa sempre que possível e quando não o for deve-se explicar sempre às crianças o porquê, quer seja por necessidade delas ou do adulto.

## **ANEXO IX**

### **Planta da Sala da EPE**



## ANEXO X

### Reflexão sobre “ O Espaço”

31-3-2013

O espaço sala é um dos fatores mais importantes na aprendizagem, necessidades, bem – estar e comodidade das crianças assim como dos docentes que nela orientam. “ Pensamos o espaço como um território organizado para a aprendizagem, um lugar de bem – estar, alegria e prazer. Procuramos que o espaço pedagógico seja aberto às vivências e interesses das crianças e comunidades; seja organizado e flexível; plural e diverso; seja estético, ético e amigável; seja seguro; seja lúdico e cultural ( Oliveira – Formosinho, 2007, 2008).

A sala dos 4 anos onde estou inserida é composta por 25 crianças, e é orientada pela a Educadora de Infância Maria das Dores e a auxiliar Manuela Fernandes. A sala é bastante ampla, com um espaço muito significativo para que todos possam trabalhar, brincar e aprender dentro dela, têm bastante luminosidade vinda do exterior, e é composta por uma grande janela que permite a entrada de luz natural. A sala dos 4 anos está dividida por diferentes áreas como a área do desenho, área da colagem, área da casinha, área dos jogos, área da plasticina, área da biblioteca e a área da pintura onde o grupo de crianças usufrui assim de um agradável e amplo espaço para brincar e trabalhar. “ Área” é um termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças. (Orientações Curriculares 1997:49). Na sala as áreas de conteúdo estão devidamente identificadas e cada uma delas

dispõe de um espaço bastante razoável para que possam ser desenvolvidas diferentes atividades/ brincadeiras, e onde as crianças se conseguem movimentar à vontade. O espaço interior é bastante ventilado, bem aquecido, tem um lavatório com água, o mobiliário é baixo de forma a promover a autonomia da criança, os trabalhos das crianças estão afixados por toda a sala nos placares, as áreas estão ainda divididas de forma a separar as áreas mais barulhentas das áreas mais silenciosas e existe também uma interação entre o espaço interior e exterior. Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. (...) O espaço é (...) tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... (Battini, 1982 in Zabalza, 1996:231) Após uma observação mais minuciosa da minha parte pude aperceber-me que de todas as áreas as mais procuradas são a área da casinha e a área dos jogos, embora todas as outras áreas sejam também requisitada pelas crianças. Na área da casinha o espaço é bastante satisfatório para as necessidades das crianças, estas brincam ao faz de conta, a maioria das vezes recorrem à imitação das vivências do dia a dia, assim como imitam os membros da família, esta área dispõe de materiais em muito bom estado, apropriados à área correspondente e tem variados utensílios que fazem parte de uma casinha.

Na área dos jogos/construções as crianças gostam muito de fazer construções de pistas de carros, camiões e aviões, recorrem também à brincadeira do faz de conta. Esta área encontra-se dividida em duas partes a das construções e a dos jogos, esta dispõe de uma mesa onde as crianças apenas podem jogar em cima dela para existir um nível de concentração mais elevado, dispõe de um grande número de jogos bastante diversificados de cariz matemático e de conhecimento do mundo, o que permite ao grupo trabalhar frequentemente a matemática, esta área está situada num local onde existe muita luz natural. A área do desenho é onde se insere as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor, esta dispõe de uma mesa oval grande de madeira e cadeiras para que as crianças trabalhem confortavelmente, é também uma área bastante significativa e de interesse por parte da maioria, pois trabalham e desenvolvem a motricidade fina. Esta é também utilizada muitas vezes para o registo das histórias através do desenho e do reconto. Dispõem de lápis de cor, lápis de cera, lápis de carvão, borrachas, tintas, pincéis, tesouras, colas, afias tudo em muito bom estado. Ao longo das paredes da sala existe placares onde estão expostos os trabalhos feitos pelas crianças ( desenhos, pinturas, colagens, entre outros ). É de extrema importância e cabe ao educador proporcionar às crianças novas experiências e descobertas assim como o manuseamento com diferentes texturas e novos materiais.

É de salientar que a área da biblioteca também é muito procurada por parte das crianças, ainda que o número de livros seja reduzido visto a faixa etária ser de 4 anos e ainda não preservarem muito os livros, os que dispõe são adequados ao grupo. Esta área encontra-se situada num local mais isolado para que possa existir mais silêncio e poder de concentração na leitura, contudo este espaço encontra-se mesmo ao lado de uma grande janela onde há muita luz natural. A maioria das crianças que procura este espaço gosta de ouvir,

contar ou recontar histórias na maioria das vezes lê as imagens ou inventa mesmo uma história. É muito importante nesta fase estimular a criança para o gosto da leitura e mesmo da escrita, pois esta deve ser desenvolvida desde a educação pré – escolar. Contudo e após esta minha observação mais minuciosa em todas as áreas pude aperceber-me que a área da colagem que geralmente está sempre ocupada com crianças é um espaço onde estas também dão muito valor e gostam de estar, assim após a observação do dia a dia comprovei que a única coisa que estas crianças utilizavam para a colagem era revistas e folhas brancas onde colavam as fotografias que recortavam da revista. Foi então aqui que em grupo conversamos e chegamos à conclusão que as crianças gostariam de ter acesso a mais e variados materiais e que pudessem ser trabalhados e utilizados por elas, foi então que em grupo todos deram ideias de materiais que poderiam trazer para a sala, e onde surgiu a ideia de fazer uma caixa e decorar, no qual dentro pudéssemos colocar frascos com diferentes materiais ( botões, apara de lápis, rolinhas, tecidos, etc). A área da plasticina é também uma área que dispõe de uma caixa onde dentro se encontra apenas um tipo de plasticina e moldes para fazer diferentes figuras, este espaço é também procurado por um grande número de crianças e onde estas dão asas à imaginação, fazem muitas vezes construções de objetos reais e acabam muitas vezes por inventar uma história com esses mesmos trabalhos construídos em plasticina.

A área do acolhimento é uma das áreas mais significativas para o desenvolvimento das crianças enquanto se formam como pessoas e cidadãos, esta encontra-se localizada no meio da sala e dispõe de um espaço significativo para que todos possam estar sentados de frente uns para os outros, é aqui que todos trocam e partilham as novidades, as necessidades e os os interesses, geralmente é uma área em que todos estão presentes no início e fim da manhã assim como no início e final de tarde. Para finalizar e tendo em conta que a Área de Formação Pessoal e Social está inserida de uma maneira geral em todas as áreas de conteúdo, permite que a criança tenha respeito por si mesma e pelos outros, assim como contribui para promover nestas comportamentos conscientes, solidários e crescerem formando a sua personalidade percebendo o que devem ou não fazer, o que está certo e o que está errado, e ainda assim saber os seus direitos e saberes. Após a observação pormenorizada em redor da sala e das áreas de conteúdo pude perceber que estas dispõem de materiais adequados às áreas, em bom estado, novos, de fácil acesso e cómodos para que todos trabalhem e brinquem harmoniosamente e confortavelmente, ainda assim existe também vários aquecedores para que o ambiente esteja sempre a uma temperatura agradável, assim como também existe um computador dentro da sala em que está disponível ao educador e aos alunos. A organização do espaço e das áreas é muito importante num ambiente de Jardim de Infância, pois estes acabam por regular o trabalho assim como a brincadeira da criança, pois esta deve se sentir confortável e é nas áreas que existe um desenvolvimento global da criança quer a nível motor, afetivo e cognitivo. É nas áreas de conteúdo que as crianças desenvolvem a sua aprendizagem “ a partir da exploração do mundo que a rodeia” ( Orientações Curriculares 1997:49). Contudo e apesar das áreas de conteúdo terem um papel muito importante no

desenvolvimento e aprendizagem da criança é de lembrar que o educador também tem um papel principal no desenvolvimento desta, pois é o educador que a valoriza os seus trabalhos e ações, que a ensina, que a estimula, que a incentiva, que a encoraja e respeita em todo o seu processo de crescimento enquanto pessoa e aprendiz.

## **ANEXO XI**

### **Registo de Observação**

#### **Incidente Critico – 2**

**Data:** 28/03/ 2013

**Criança:** GF

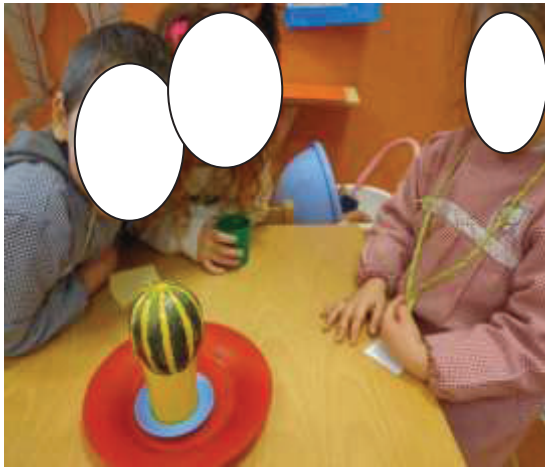
**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** Na casinha o GF vira-se para as outras crianças e diz “ Hoje eu sou o médico e vocês estão todos doentes da barriga porque comeram muitos doces”, ao que as outras crianças disseram “ está bem”.

**Comentário:** O GF demonstrou que apesar de estar envolvido num jogo de faz de conta com outras crianças conseguiu “mandar” no grupo e fazer com que a sua vontade prevalecesse, é uma criança que não tem por hábito ser líder no grupo, no entanto quis impor regras no jogo de faz-de-conta para que todos cumprissem as suas regras.

## **ANEXO XII**



**Fig1- Brincadeiras na Casinha**



**Fig.2- Jogo simbólico**

## **ANEXO XIII**

### **Registo de Observação**

#### **Incidente Crítico**

**Data:** 3/4/2013

**Criança:** M

**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** No acolhimento a estagiária estava a relembrar ao grupo, o que tínhamos falado e aprendido no dia anterior, o M como tinha faltado e muito preocupado porque tinha faltado no sai anterior diz muito aflito: “ Sabes sabes eu ontem não vim para a escola, mas não foi porque não me apeteceu ou porque estava com preguiça, mas foi porque fiquei doente e a mãe não me deixou vir”

**Comentário:** O M é uma criança que gosta muito de aprender e estar atento a tudo, como viu que os outros meninos estavam, a responder e tinham aprendido coisas muito importantes no dia anterior, ele como não esteve presente devido a estar doente, quis explicar de imediato o porquê da sua ausência, é uma criança que se exprime corretamente e com muita coerência no seu diálogo.

## ANEXO XIV

### Registo de Observação

#### Incidente Crítico

**Data:** 3/4/2013

**Criança:** LI

**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** A criança LI foi ter com a estagiária e pediu para ir “fae quiqui”, a estagiária não conseguiu perceber o que a criança queria e disse: “ Repete LI não estou a perceber o que queres dizer”, a LI repetiu mas cada vez a estagiária compreendia menos, pois ela não conseguia exprimir-se, até que ao voltar a pedir a LI para repetir esta começa a chorar

**Comentário:** A criança LI, quando entrou para o Jardim não dizia uma única palavra com três anos, com o passar do tempo foi-se estimulando a LI a dizer as palavras para que esta começasse a falar e a exprimir o que queria dizer ou fazer. Embora já tenha evoluído um pouco, torna-se ainda muito complicado em a compreender, pois tem dificuldades a nível da linguagem o que dificulta a compreensão da sua linguagem.

## ANEXO XV



**Fig.3- Reconto de uma história feita pelas crianças**

## ANEXO XVI

Áreas de conteúdo presentes:



**Data de nascimento://2008**

**Data de realização do trabalho: 21/02/2013**

**Data de escolha do trabalho: 03/03/2013**

**Escolha realizada por: estagiária**



**Comentário:** "Estou a construir uma pista e um camião, o camião é para transportar os carros velhinhos que vão para a garagem para reciclar"

**Indicadores de desenvolvimento presentes:**

- Articula o que aprende com brincadeiras de faz de conta
- Práticas de faz de conta;
- Faz construções;
- Transformação de objetos

**Proposta de intervenção:** proporcionar e incentivar o Francisco para atividades de faz de conta onde possa pôr em prática os conhecimentos adquiridos e matéria abordada na sala



**Reflexão:** O Francisco conseguiu assimilar a matéria dada naquele dia “ A reciclagem”, e numa brincadeira de faz de conta conseguiu inseri-la de uma forma bastante correta e com sentido.

## **ANEXO XVII**



**Fig.4- Ensaios de Dança/ Movimento**

## **ANEXO XVIII**

### **Avaliação da Sessão de Movimento**

A Sessão de Movimento foi realizada com um grupo de trinta crianças visto que dez crianças da sala dos 5 anos ainda fazem as aulas de educação física juntamente com o grupo da minha sala. Devido à junção das crianças das duas salas desde o início da aula foi notável uma desconcentração e excitação por parte de todo o grupo, assim como o facto de se aperceberem que seria a estagiária (eu) a dar a sessão de movimento. Antes de iniciar a aula expliquei a todos a importância de me ajudarem e colaborarem neste desenrolar da sessão, pois a colaboração e a participação de todos era fundamental para o bom funcionamento e a produtividade da sessão. Após esta conversa iniciou-se então a sessão de movimento, nesta primeira parte o grupo fez o aquecimento onde as crianças tiveram de correr e onde foi pedido exercícios para que trabalhassem a lateralidade e a compreensão do lado direito e esquerdo, embora a maioria conseguisse acompanhar as minhas indicações demonstrando a noção de direito e esquerdo havia algumas crianças que ainda confundiam, e foi então aqui que

coube a mim fazer uma interrupção para explicar esta questão, no entanto o grupo mostrou-se participativo e empenhado. Depois de uma primeira parte e do aquecimento já feito iniciei com a explicação do jogo que propus às crianças, e estas de seguida realizaram formando duas equipas, penso que foi o jogo que mais as motivou e que mais gostaram, pois realizaram-no de forma correta e nenhuma criança demonstrou quaisquer dificuldades, numa segunda parte da aula a estagiária propôs ao grupo fazer um jogo em que todos teriam de estar em roda muito concentrados para que se apercebessem onde o lenço iria cair, este jogo a meu ver não correu tão bem, primeiro porque o espaço era muito pequeno e devia ter dividido o grupo em duas partes e fazer duas rodas o qual não aconteceu, e o facto de ser uma roda muito grande o poder de concentração era mais reduzido e as crianças não compreenderam o objetivo do jogo, outro aspeto menos positivo foi o facto do tempo ser reduzido como já nos restava pouco para terminar houve crianças que não tiveram oportunidade de experimentar (o que não pode acontecer), já no final da sessão fizeram o jogo dos animais, onde cada criança tinha de imitar um animal e as outras competia descobrir, neste jogo houve um grande empenho e as crianças estavam extasiadas, pois é algo que já costumavam fazer e que adoram, pois o facto de adivinharem e acertarem é algo que as deixa muito felizes e orgulhosas de si mesmo aumentando-lhes assim a auto estima.

De uma maneira geral penso que correu bem, pois o grupo apesar de no início se mostrar um pouco desconcentrado no decorrer todos colaboraram participaram e mostraram-se empenhados dizendo sempre que queriam repetir os jogos e no final ainda me vieram pedir para dar mais aulas de sessão de movimento.

## **ANEXO XIX**



**Fig.5- Recorte e Colagem**

## ANEXO XX

### Check-list – Motricidade Fina

2013-04-23

	Consegue recortar pelo risco	Consegue contornar uma imagem/objeto	Pinta dentro do risco	Cola corretamente	Desenha corretamente as imagens
J	+ -	+	+	+	+ -
MI	+	+	+ -	+	+ -
MR	+	+ -	+	+	+
L	+ -	+ -	+ -	+	+ -
LI	+ -	+ -	-	+ -	-
GA	-	+ -	+ -	+ -	-
NC	+	+	+	+	+
IC	+	+	+	+	+
I	+ -	+	+	+	+ -
MT	+	+	+ -	+	+ -
N	+	+	+	+	+
F	+ -	+	+	+	+ -
G	+ -	+	+ -	+	+
GF	+ -	+	+ -	+	+
M	+	+	+ -	+	+ -
T	+ -	+	+ -	+	+ -
AD	-	+ -	+ -	+	+ -
A	+	+	+	+	+
H	+ -	+	+ -	+	+ -
R	-	+ -	+ -	+	+ -
K	-	+ -	-	+ -	+ -
LY	-	+ -	-	+ -	+ -
IG	-	+ -	+ -	+	+ -
RF	+ -	+	+	+	+
TI	+ -	+	+	+	+ -

+ Consegue

- Não consegue

+ - Consegue com dificuldades

## ANEXO XXI



Fig.6- Desenho da figura humana

## ANEXO XXII



Fig.7- Construção dos Alimentos em massa de ash

## **ANEXO XXIII**

### **Registo de Observação**

#### **Incidente Critico – 1**

**Data:** 27/02/ 2013

**Criança:** L

**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** Ao final da manhã uma criança muito aflita pedia para lhe apertarem os cordões, como todos os adultos se mostravam ocupados a realizar atividades e sem tempo para responder de imediato à necessidade da criança a L diz-lhe: “ Anda cá que eu ajudo-te apertar os cordões, eu já aprendi há muito tempo foi a mãe que me ensinou e agora vou ser eu a ensinar-te.”, a estagiária que estava por perto diz-lhe a L “ Ângela já ensinei a A apertar os cordões”

**Comentário:** Esta atitude por parte da L foi algo que de uma certa forma que surpreendeu a estagiária, visto a L ser uma criança pouco comunicadora e não sendo muito dada aos outros, contudo mostrou uma atitude de entre ajuda para com a colega, mostrando interesse em a ajudar e ensinar algo que ela própria já sabia fazer.

## **ANEXO XXIV**



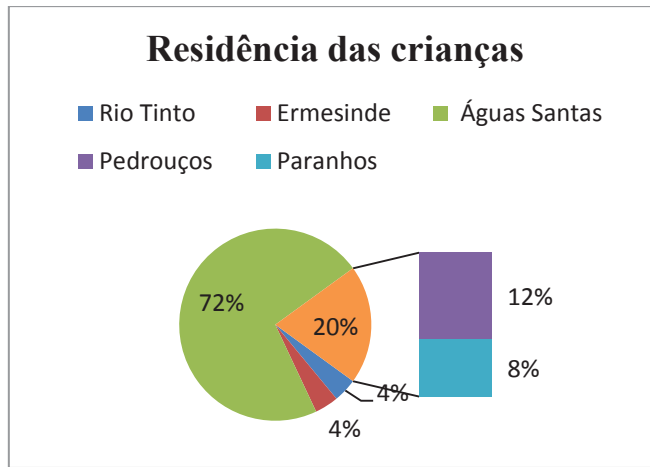
**Fig.8- Participação na Aula de Estudo do Meio**

**ANEXO XXV**



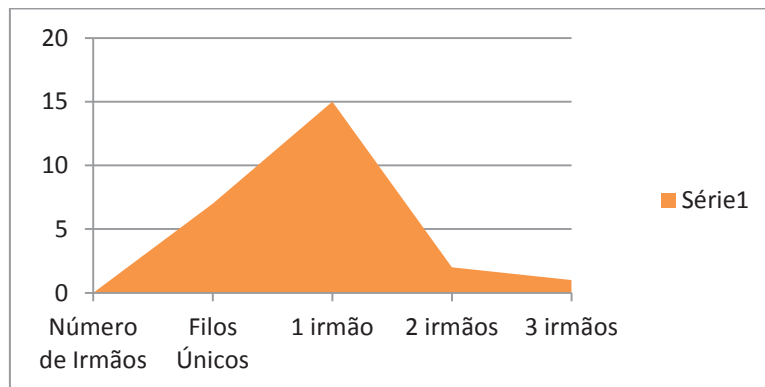
**Fig.9- Construção da Maquete**

**ANEXO XXVI**



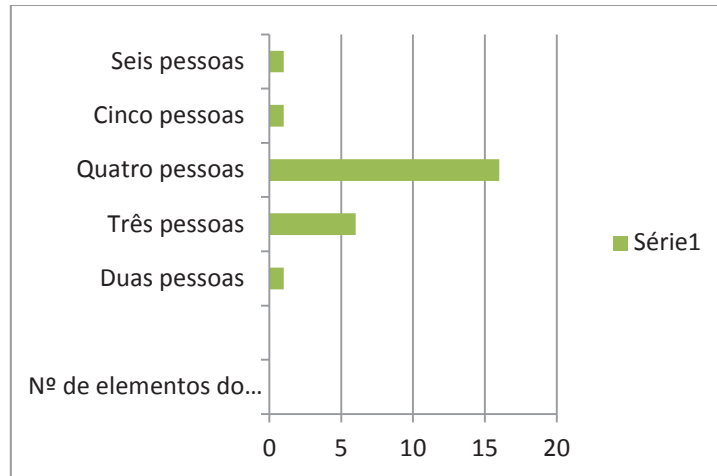
**Fig.10- Gráfico Área de Residência das crianças**

## ANEXO XXVII



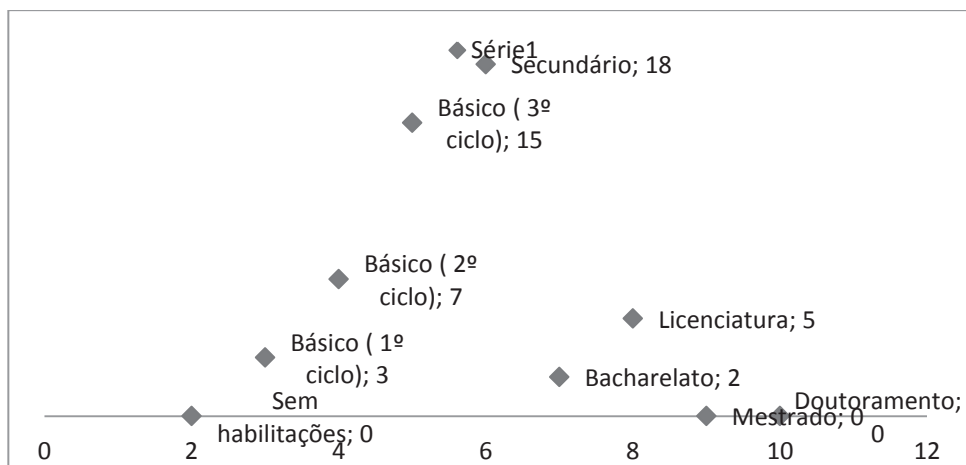
**Fig.11- Gráfico do número de irmãos**

## ANEXO XXVIII



**Fig.12- Gráfico do agregado familiar**

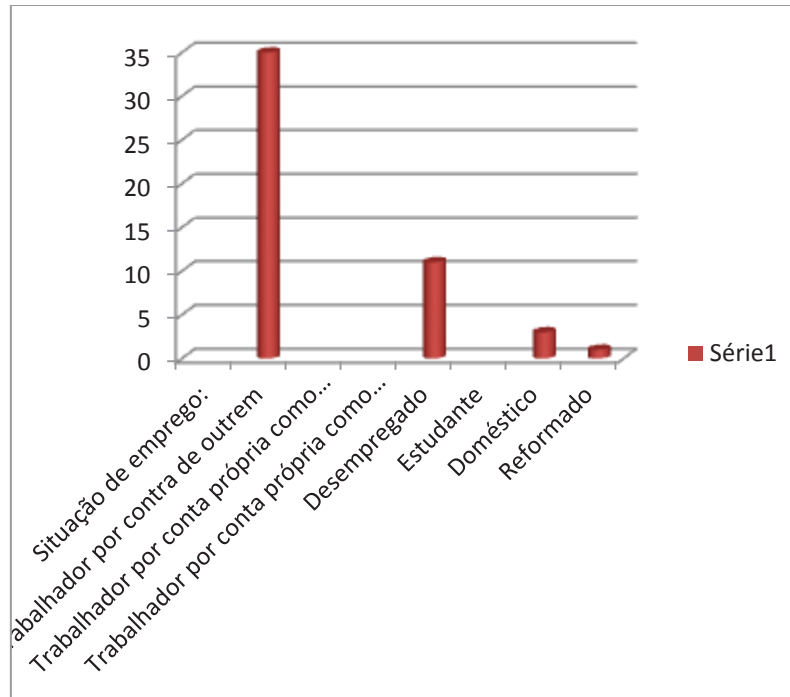
## ANEXO XXIX



**Fig.13- Gráfico Formação Académica dos pais**

## ANEXO XXX





**Fig.14- Gráfico Situação de Emprego**

## ANEXO XXXI

### Registo de Observação

#### Descrição Diária - 1

**Data:** 4/03/ 2013

**Criança:** F

**Observadora:** Estagiária

**Idade:** 4 anos

**Descrição:** O F estava na área do desenho e chamou a estagiária para ir à beira dele, quando ela chegou perto diz o F: “ Ângela adivinha o que fiz no meu desenho”, e a estagiária respondeu “Meninos a brincar”, e diz o F “ Claro que não, senta-te ai que te vou explicar, são meninos que fizeram uma festa, mas quando acabou a festa estava tudo espalhado no chão e os meninos como eram muito arrumadinhos como os meninos da nossa sala apanharam tudo e puseram o lixo no ecoponto verde, amarelo e azul”.

**Comentário:** O F é uma criança que mostra ter um grande conhecimento do mundo e de tudo o que o rodeia, o facto de terem falado da separação do lixo, e o facto de que quando à festas nas ruas, as pessoas deitam tudo para o chão, o F quis mostrar que

afinal há meninos que tem regras e conhecimento da separação do lixo. O F é uma criança que consegue articular o que é aprende no dia a dia e relacionar esses conhecimentos com factos que ele próprio narra através do desenho ou reconto. A estagiária terá de estar atenta a eventuais comentários que o F faça para o incentivar a relacionar as coisas que aprendeu com aquilo que faz.

## **ANEXO XXXII**

### **Reflexão Semanal 1ºCEB**

Mais uma vez, foi-nos solicitada para esta semana, uma reflexão sobre as limitações e as estratégias adotadas na sala de aula, se por um lado as dificuldades servem para definir metas para o futuro, as estratégias contribuem para o desenvolvimento favorável das aulas.

No decorrer desta semana, uma limitação superada foi a gestão do tempo, pois na semana anterior a turma não conseguiu alcançar os prazos estipulados pelas estagiárias para concretizar as atividades propostas, acabando assim por não se fazer um melhor aproveitamento do tempo e deixando outras crianças impacientes pela espera.

Ao início da semana, sentia-se uma maior preocupação com esta problemática, pois o facto de ainda existir muitos conteúdos para se abordar, fez com que o par pedagógico se sentisse um pouco pressionado em prosseguir com os mesmos. Uma vez que na semana anterior, as crianças sentiram algumas dificuldades na aprendizagem das horas, o par pedagógico sentia-se receoso com a compreensão por parte das crianças relativamente à banda desenhada, contudo, e apesar de algumas crianças terem tido algumas dificuldades na construção do texto, com a explicação e exemplificação já se mostraram mais esclarecidas. Posto isto, pode-se afirmar, que um dos fatores que ajudou a contornar esta situação, foi o facto da estagiária Filipa sugerir a atividade para que as crianças, a pares, criassem uma banda desenhada e no final tivessem de a apresentar à turma, o entusiasmo pela apresentação e pela criação da banda desenhada à turma, foi de facto notável.

Através da observação pormenorizada e de algumas evidências anteriormente aferidas, constatou-se que uma dificuldade que se faz sentir na turma é a compreensão e a confusão dos antónimos e sinónimos. Como tal, a estagiária irá abordar estes dois conteúdos para a próxima semana, esta decidiu ainda que a sua planificação será realizada por tema, e no qual abordará estes dois conteúdos que, se por um lado, desperta bastante interesse nas crianças, por outro lado, deixa-as muito confusas. Um bom profissional da educação, deve adequar a sua intencionalidade

pedagógica tendo em conta as limitações, as dificuldades, os interesses e as capacidades das crianças em que está inserido, o objetivo é desenvolver competências significativas nas mesmas.

Por último, considera-se que a semana foi positiva, visto que os conteúdos, previamente pensados e planificados a abordar, terem sido lecionados e, pela devida preocupação que existiu por parte da estagiária na compreensão dos mesmos.

### ANEXO XXXIII

#### Quadro de avaliação das crianças E.P.E

	FPS	C. M	PLAS T	DRAM	MUSI	DANÇA	MOTO RA	LING	MAT	TIC
A										
AD										
F										
GA										
H										
I										
LI										
L										
MI										
MR										
M										
MT										
N										
RF										
J										
R										
TI										
T										
K										
LY										
NC										
IC										
G										
GF										
IG										

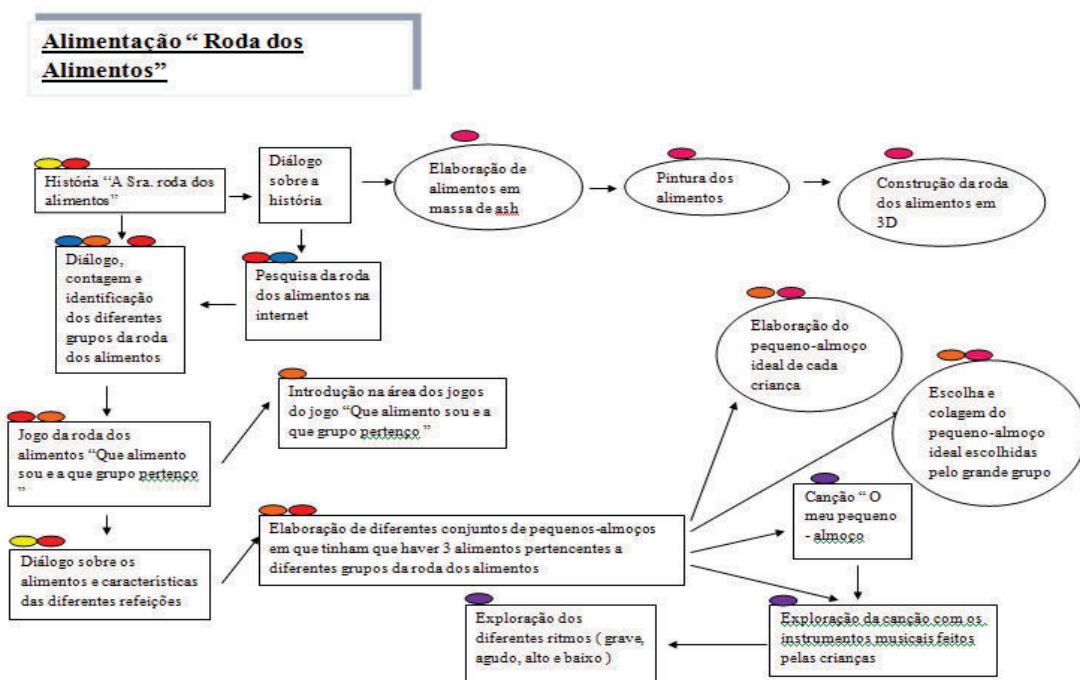
### ANEXO XXXIV



Fig.15- Dispositivo Pedagógico Kamishibai

## ANEXO XXXV

### Planificação Semanal E.P.E



## ANEXO XXXVI

### Rede Curricular

## ANEXO XXXVII

### Planificação em Grelha 1ºCEB

**CENTRO DE ESTÁGIO:** CENTRO ESCOLAR DE NEVOGILDE

**PROFESSORA SUPERVISORA:** DOUTORA DANIELA GONÇALVES

**ANO DE ESCOLARIDADE:** 3º ANO

**ESTAGIÁRIAS:** FILIPA MACHADO; ÂNGELA ALEXANDRE

**PROFESSORA COOPERANTE:** ANA SOFIA BORGES

**DATA:** 26/09/2013

### Eixo estruturador: Expressão Plástica “O Outono”

Conteúdos	Descrição da atividade	Materiais	Duração da atividade	Objetivos
O Outono (Comemoração da estação do ano)	De forma a iniciar a atividade, as estagiárias terão um diálogo com o grupo sobre as estações do ano no qual irão perguntar: - Quais são as estações do ano que conhecem? - Quais as características das estações do ano? - Qual a estação do ano em que nos encontramos? - Quais os frutos característicos do outono?	Recursos Materiais: Tesouras Papel Materiais reciclados de diversas cores	10 min	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar as estações do ano;</li><li>• Reconhecer as características de cada</li></ul>

	<p>De seguida, serão distribuídas folhas com a imagem de uma folha de outono para as crianças recortarem-na com a tesoura e decorá-la a gosto. Os materiais reciclados serão disponibilizados pelas estagiárias e serão distribuídos por filas, onde todas as crianças terão acesso aos mesmos.</p> <p>Após terminarem a decoração das folhas, as estagiárias irão explicar ao grupo que este trabalho será levado para casa para que, em conjunto com os familiares, criem quadras, poemas ou rimas alusivas à estação do ano o outono.</p> <p>Cada criança terá que, posteriormente, apresentar à turma o resultado do seu trabalho, explicitando-o. Depois, uma a uma, irá decorar a árvore, já existente na sala, cuja finalidade é concretizar o placar do Outono.</p>	<p>(tecidos, botões, aparas de lápis, papeis de revistas)</p> <p>Recursos Humanos:  Professora  Cooperante  Alunos  Estagiárias</p>	<p>20 min</p>	<p>estação do ano;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular a criatividade da criança;</li> <li>• Identificar as cores correspondentes a cada estação do ano;</li> <li>• Desenvolvimento da linguagem;</li> <li>• Construção de rimas</li> </ul>
--	---	---	---------------	--

## ANEXO XXXVIII

### Planificação por tema 1ºCEB

#### Áreas Disciplinares:

**Estudo do meio-** O meio ambiente e os cuidados a ter com o corpo

**Português-** Compreensão oral e escrita de um texto

**Expressão Plástica-** Construção de objetos com materiais reciclados

#### Atividades a realizar:

- Leitura de um texto;
- Diálogo com a turma sobre a importância de reciclar;
- Identificação dos diferentes ecopontos;
- Jogo das adivinhas;
- Ditado;
- Diálogo com as crianças sobre os cuidados a ter com o corpo;
- Apresentação de imagens sobre órgãos saudáveis e não saudáveis;
- Ficha de trabalho do manual de estudo do meio;
- Construção dos ecopontos.

#### Estratégias avaliativas:

- Interpretação do texto;
- Ditado;
- Jogo das adivinhas;
- Identificação de imagens;
- Resolução da ficha do manual;
- Construção dos ecopontos com materiais reciclados;
- Ficha de auto-avaliação.

#### A Reciclagem, o Meio Ambiente e

#### Oportunidades de Intervenção:

- Diálogo sobre a importância da Reciclagem;
- Distinção dos diferentes ecopontos;
- Ditado;
- Diálogo sobre os cuidados a ter com o corpo e o meio ambiente;
- Comentar as imagens;
- Construção dos ecopontos para sala;
- Realização da ficha do manual

#### Transitado de outras sessões:

- Conhecimento dos órgãos;
- Conhecimento dos ecopontos.

#### Eventualidades/ Precauções:

- A estagiária deve ser explícita e soletrar corretamente as palavras;
- A estagiária deve acompanhar as crianças na construção dos ecopontos e sugerir ideias caso seja necessário;
- Caso os grupos feitos para a construção dos ecopontos não resultarem a estagiária deve intervir e trocar as crianças

#### Objetivos de aprendizagem:

- Escutar para aprender e construir conhecimentos;
- Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos;
- Compreensão de um texto;
- Interpretação de um texto;
- Escrever palavras corretamente;
- Reconhecer a importância do ar puro;
- Compreender a importância da Reciclagem;
- Capacidade de construir objetos em 3D

### **Descrição da atividade**

De forma a iniciar a aula a estagiária irá ler à turma o texto “ A menina Reciclagem”. Após a leitura do texto, irá ser colocado no quadro as imagens dos ecopontos, no qual as crianças terão que ser capazes de identificar os respectivos ecopontos (ex: o ecoponto azul é destinado ao papel, o amarelo ao plástico, o verde ao vidro e o vermelho às pilhas. De seguida, a estagiária terá um diálogo com a turma sobre a importância de reciclar, e onde lhes questionará: - Porquê que uma das personagens do texto nos chama atenção para a separação do lixo?; - Porquê que a menina separava o lixo em vez de ir brincar?; - A reciclagem contribui para um meio ambiente saudável porquê e de que forma?.

Depois de respondidas as questões, a estagiária explicará a importância de separar o lixo e o que esta separação contribui para um meio ambiente saudável, irá explicar o porquê dos diferentes ecopontos e a definição dos 3 r (reduzir, reutilizar e reciclar). O objetivo deste diálogo é consciencializar os alunos para a importância de reciclar e de contribuir para um mundo mais saudável. Após o diálogo com as crianças a estagiária irá lançar um desafio à turma, este, consiste na descoberta da resposta a adivinhas, todas as crianças terão a oportunidade de participar uma vez que irá ser distribuído um cartão com uma adivinha a cada grupo de crianças, este desafio servirá como consolidação e consciencialização sobre a importância e a necessidade de se fazer a separação do lixo.

Terminadas as atividades descritas anteriormente, irá ser distribuído ao grupo uma folha com o texto “ A menina Reciclagem”, onde será pedido aos alunos que o levem para casa com o objetivo de o estudar, pois no dia a seguir irá ser feito um ditado sobre o mesmo, o objetivo deste é combater os erros na escrita de palavras ou frases observados neste grupo de crianças.

De modo a iniciar a aula de estudo do meio, a estagiária terá um diálogo com as crianças, inicialmente lembrará os aparelhos do corpo que foram lecionados anteriormente, e explicará que todo o nosso corpo é uma máquina perfeita, máquina essa que necessita de cuidados e por sua vez, também o meio ambiente necessita de estar e ser bem cuidado, pois só assim poderemos ter saúde e sermos saudáveis. Mais uma vez o objetivo deste diálogo é consciencializar as crianças para a importância de preservar o ambiente e essencialmente cuidarmos do nosso corpo, de forma a não aparecer eventuais doenças, irá ainda ser questionado o porquê de não



se dever fumar, o porquê de não se deitar lixo para o chão, o porquê de ter bons hábitos alimentares, o porquê de se dever andar a pé entre outras questões. Terminado o diálogo, irá ser projetado no quadro, algumas imagens com órgãos saudáveis, órgãos com doenças derivadas do tabaco ou de bebidas alcoólicas entre outras, o objetivo é que as crianças identifiquem essas imagens e percebam o porquê de estarem ou não afetados com algumas doenças. Depois de terminados os comentários e o diálogo sobre o tema acima descrito, e devido à importância da separação do lixo e ao facto da nossa escola ser uma eco escola, e não existir, ainda, na sala de aula ecopontos, a estagiária irá propor aos alunos a construção destes. Para a construção dos ecopontos irá dividir-se a turma em três grandes grupos, cujo objetivo é que cada um dos grupos construa com materiais reciclados os ecopontos para colocar na sala de aula.

Para finalizar os temas lecionados, irá ser distribuído a cada aluno uma ficha de auto-avaliação, para que a estagiária perceba o que foi adquirido, o que aprenderam melhor, o que tiveram mais dificuldade para assim ter uma melhor percepção de como correu as suas aulas.

## **ANEXO XXXIX**

### **Descrição do Projeto 5º etapa**

#### **5º Etapa: Membros Superiores e Membros Inferiores**

Com o desenrolar do nosso projeto cada vez mais o grupo se mostrava curioso e motivado com as coisas que tinham vindo aprender. No acolhimento no decorrer de um diálogo após um fim- de- semana o F disse “ Sabes Ângela este fim de semana fui à Serra da Estrela estava tanta neve que escorreguei e quase parti um pé”, ao ouvir isto a estagiária aproveitou para falar sobre os membros superiores e inferiores e disse : “ Ai sim F e tu sabes que temos dois tipos de membros os superiores e os inferiores”, ao qual o F responde de imediato: “ Sei e eu quase partia um membro inferior”, algumas crianças ao ouvir isto ficaram muito confusas e perguntaram “ Mas o que é membros superiores e inferiores?” E foi a partir daqui que houve a necessidade de explorar esta questão. Como já sabíamos que o corpo tinha uma parte exterior com a qual tínhamos que ter muitos cuidados ( lavar as mãos, lavar o corpo, lavar os dentes) , tínhamos também de ter muito cuidado com a nossa pele e protegemo-nos do sol ( protetor solar ) para não apanharmos doenças graves ( protetor solar) e aproveitando a deixa do F e a dúvida das crianças aproveitamos para explicar que tal como tínhamos que ter cuidado com a parte exterior do nosso corpo tínhamos também que

ter muito cuidado com a parte interior, parte essa que era constituída por ossos e músculos. A educadora aproveitou para relembrar ao grupo o que lhe tinha acontecido há um ano atrás ao qual o T disse “ partiste um pé”, e no decorrer do diálogo a estagiária aproveitou para falar da importância de adquirirmos bons hábitos corporais para evitar quedas e evitar dores nos ossos.

A sessão sobre a Postura foi uma atividade e uma mais - valia para o desenvolvimento do nosso projeto e uma vez que estávamos a falar sobre os ossos e a importância destes aproveitamos para os explorar mais aprofundadamente e explicar que o conjunto de todos os ossos formava o nosso esqueleto. No decorrer da exploração dos ossos a estagiária pediu ao grupo que observasse o Óscar ( corpo desdobrável ) para identificarem os ossos dele, o F, o M e o A apontaram e identificaram os ossos.



**Fig.15- Construção do esqueleto**

A estagiária aproveitou e explorou os poema “ Os ossos”, este poema falava sobre a importância dos ossos e qual a solução de caso quebrássemos um osso “ Há solução sim senhor! Tala, gesso ou uma muleta!”. No fim da leitura do poema em conjunto explorou-se o poema e a explicação deste.

Com a continuação da exploração dos ossos decidimos levar para a sala um puzzle sobre um esqueleto, explicamos ao grupo que fazia parte daquele esqueleto as diferentes articulações, e exploramos ainda os ossos principais e aqueles que têm um nome mais engraçado ( rádio, bacia, úmero ) fazendo a destrição entre o nome dos ossos e o nome dos objetos, as crianças ao mostrarem-se tão entusiasmadas disse o G “ Podemos por este jogo na biblioteca para jogarmos quando nos apetecer?”, pusemos então o jogo na biblioteca e fotocopiámos ainda as peças do puzzle e montamos um amigo para a nossa sala, a MI disse: “ Vamos dar-lhe um nome como demos ao Óscar e ao Osvaldo”, e todos em grupo decidimos que poderíamos dar um nome mas a condição seria que começasse pela letra “O” como os outros dois nossos amigos, ao qual o grupo decidiu e deu-lhe o nome de “ Otávio”. A atividade da construção do puzzle permitiu ao grupo compreender que o nosso corpo é composto por ossos e a importância destes, assim como a existência e importância das articulações, o facto desta atividade ter sido mais dinâmica e em grande grupo

permitiu que todos estivessem muito observadores e participassem na construção do nosso esqueleto, ensinamos ainda o nome de alguns ossos, a maioria das crianças decorou rapidamente pois o facto de serem iguais ao nome de alguns objetos chamou atenção e as crianças acharam engraçado. Desenvolveu-se ainda a exploração de letras ao pedir que dessemos um nome ao nosso amigo esqueleto.



**Fig.16- Construção do esqueleto feito pelas crianças**

## **ANEXO XL**

### **Comentário de uma criança**

No fim da leitura do poema em conjunto explorou-se o poema e a explicação deste, dizendo a I.C. “ Como se cola o osso com gesso?”, e foi então com esta pergunta que decidimos levar para a sala um pouco de gesso e fazer a experiência com as crianças.

## ANEXO XLI

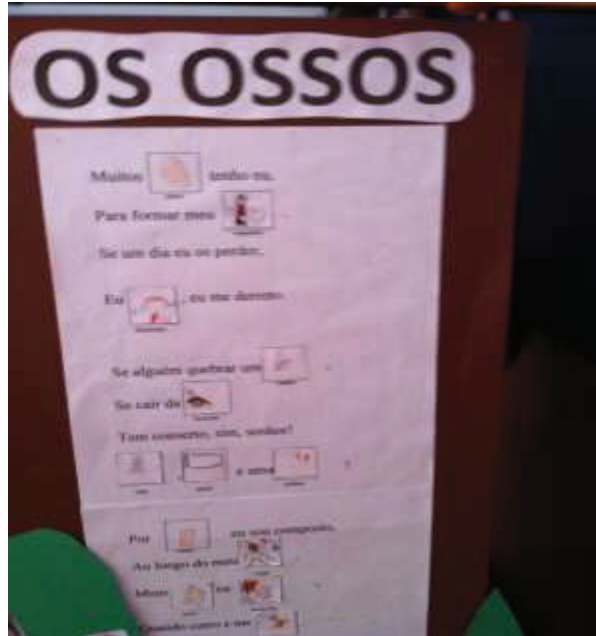


Fig.17- Construção do Pictograma do poema “Os ossos”

## ANEXO XLII

### Descrição do Projeto- Execução

Decidiu-se levar para a sala um pouco de gesso e fazer a experiência com as crianças. Na experiência foi servida como exemplo a boneca da casinha e depois experimentamos no braço da LI, as crianças estavam muito curiosas e muito observadoras, antes de colocarmos o gesso estivemos a ver como é que ele era composto e verificamos que era parecido com uma ligadura mole, depois de colocado á volta do braço não ficou duro como era suposto ficar, e sugerimos então que lêssemos as instruções, ficamos a saber que tínhamos que por água e depois secaria e ficaria duro, ao experimentar visualizamos que foi o que aconteceu. Esta experiência foi bastante benéfica para a compreensão de como há solução caso se parta um osso, as crianças puderam experimentar o gesso no seu braço e tocar nele tendo a percepção de que este era duro.



**Fig.18- Experiência com o gesso na boneca**



**Fig.19- Demonstração do estado do gesso**

## ANEXO XLIII

Trabalho para os pais realizarem com as crianças em casa ( Envolvimento Parental)



Fig.20- Ficha sobre a Roda dos Alimentos



Fig.21- Jogo com a Roda da Reciclagem



## ANEXO XLIV

Áreas presentes:



### Descrição da Atividade nº3

**Nome da atividade:** Decoração dos Vasos para a feira da Páscoa

**Data:** 4 de Março de 2013

**Objetivos:**

- Participar na recolha de dados
- Demonstra que compreendeu a informação transmitida
- Cooperação em atividades para a comunidade
- Capacidade de escolha e preferências

**Recursos:**

**Materiais:** - vasos, cola, cartolina, tintas, tecido, enchimento

**Humanos:** Educadora, Auxiliar de Educação e Estagiária

**Estratégia:** Visto que se tratou de uma atividade sugerida pela associação de pais das crianças deste Jardim de Infância e no qual estes queriam a participação dos seus educandos, a forma mais criativa e de modo a cativar as crianças na participação desta atividade foi a decoração dos vasos feitas pelos seus filhos utilizando diferentes tipos de materiais e explicando que os vasos decorados por eles iriam ser comprados pelos pais para oferecer às madrinhas no dia de ramos.

**Descrição:** A atividade da decoração dos vasos teve a finalidade de ser decorada pelos mais novos e mais tarde ser vendida na feira da Páscoa, com o objetivo de angariar algum dinheiro e também para que os pais dos meninos comprem o vaso que pertence aos seus filhos e para que depois estes ofereçam às madrinhas, no dia de ramos.

Para iniciar esta atividade houve um diálogo com as crianças para explicar a finalidade dos vasos e explicar que os meninos tinham de o decorar a gosto. Foi então que foi feito um quadro de dupla entrada onde estava do lado esquerdo o nome das crianças

e em cima as diferentes cores e diferentes flores, no qual os meninos tinham que colocar um círculo na fila do seu nome e na casa da cor que escolheram.

O grupo de crianças antes de fazer a decoração dos vasos, fizeram o enchimento das flores que eram feitas de tecido e encheram-nas com algodão

As crianças mais tarde pintaram o vaso consoante a cor escolhida, assim como colaram as flores no vaso e fizeram ainda o enchimento das flores.

**Avaliação:** A atividade decorreu com entusiasmo e de forma criativa por parte das crianças, mostraram-se em todos os momentos motivadas e interessas e iam sugerindo de uma forma natural as suas preferências e gostos pela decoração escolhida para o seu vaso.



**Fig.22- Decoração dos vasos para o dia das madrinhas**

## **ANEXO XLV**

### **Comentários dos Pais através do e-mail**

Olá Boa Tarde

A toda a equipa da sala Laranjinhas, mais uma vez gostei das notícias (neste caso da Foto) e aproveito para enviar votos também de uma PÁSCOA FELIZ para todas vós.

Um beijo grande

Olá, boa tarde,

Confirmo a receção dos 1º e 2º e-mails.

Fico muito, muito, muito contente por saber o que estão a fazer.

Parabéns pelo projeto, é muito interessante.

Fiquem bem, fico a aguardar mais notícias.

Beijinhos da mãe do Rodrigo Mendes



Olá Boa noite

Fantástico...o trabalho que fazem diariamente com os nossos filhos e incrível, todos os dias eles aprendem coisas novas e chegam a casa com entusiasmo para nos contar o que aprenderam de novo...e com estes emails conseguimos ter realmente a noção do trabalho magnifico que fazem...parabéns...

## ANEXO XLVI

### Descrição da Atividade nº7

Áreas presentes:



**Nome da atividade:** Dinamização da área da Colagem

**Data:** 3 de Abril de 2013

#### Objetivos:

- Sensibilizar as crianças para tornar a área da colagem uma área com maior qualidade
- Dar opinião sobre como fazer a mudança
- Cooperação em grupo
- Respeito pelo outro
- Discussão de ideias

#### Recursos:

**Materiais:** - caixas, frascos, lãs, botões, apara lápis, papeis, tintas, papel crepe, pinceis

**Humanos:** Educadora, Auxiliar de Educação e Estagiária

**Descrição:** Na área da colagem verifiquei várias vezes através da minha observação direta que esta era uma área muito solicitada pela maioria do grupo de crianças, contudo e com o passar dos dias fui-me apercebendo que as crianças nesta área apenas realizavam atividades de recorte de revistas e colavam em folhas brancas. Foi então aqui que reuni o grupo e achei necessário perguntar que área gostavam de modificar ou acrescentar materiais, ao qual me responderam de imediato “ queremos coisas novas para a biblioteca” disse o M, após ouvir este comentário as outras crianças concordaram e perguntei de que forma poderíamos modificar ou acrescentar coisas se não podíamos nem tínhamos dinheiro, e as crianças e eu demos então a ideia de que poderíamos construir uma caixa com cartão e arranjar frasquinhos e dentro colocar outro tipo de materiais como: botões, apara de lápis, lãs, tecidos, etc. As crianças em pequenos grupos construíram a caixa, pintaram e colaram papel crepe. As crianças trouxeram de casa diferentes materiais que colocaram nos frasquinhos e decoraram estes, é de salientar que a forma como decoraram os frascos

foi muito interessantes pois quiseram decorar os frascos por foram com os materiais que iam ter dentro de cada um deles, para ser de fácil percepção o material que estava dentro de cada um.

**Avaliação:** Esta atividade apesar de partir de uma observação direta de minha parte e de achar que seria uma mais valia para o grupo melhorar esta área, penso que foi importante e enriqueceu de facto a aprendizagem e a diversidade de atividades que se podem desenvolver na área da colagem, uma vez que as crianças até a procuravam mas a diversidade de materiais era bastante limitada. Esta atividade permitiu ainda para sensibilizar as crianças para algumas necessidades observadas, contribuírem e cooperarem em grupo com ideias/ opiniões, e ainda para respeitar as diferentes opiniões e discutir ideias em grupo.



**Fig.23- Dinamização da Área da Colagem**

#### **ANEXO XLVII**



**Fig. 24- Decoração dos utensílios da Área da Colagem**

#### **ANEXO XLVIII**

## Descrição da atividade nº 11

**Nome da atividade:** Ação com a Enfermeira sobre Higiene Corporal

**Data:** 21 de Maio de 2013

**Estratégia:** Experimentação das rotinas de higiene na boneca Sofia

### Objetivos:

- Compreender a importância da higiene corporal
- Incentivar as crianças a fazer a sua higiene corporal
- Perceber as consequências da ausência da higiene
- Alertar para eventuais doenças que possam surgir pela falta de higiene

### Descrição:

Esta atividade surgiu no âmbito de um projeto do centro de saúde com o Agrupamento de Escolas de Pedrouços, tendo como objetivo sensibilizar as crianças para a importância da higiene corporal, assim como ter em conta os aspetos negativos que pode trazer para o nosso corpo com a ausência desta. A Enfermeira através de um diálogo com todo o grupo, questionou o que era para eles a higiene corporal, e que cuidados de higiene deveríamos ter desde que acordávamos até nos deitarmos. Falou assim da importância da higiene e dos passos que deviam ter ao longo do dia. Após o diálogo a enfermeira trouxe consigo uma boneca e pediu às crianças que lhe dessem o nome, ao que decidiram chamar-lhe Sofia, a Sofia foi uma estratégia que a enfermeira arranjou para que as crianças pudessem experimentar de perto as fases da higiene corporal. Esta explicou ao grupo que todos teríamos de ajudar a Sofia na sua higiene, foi então que chamou as crianças uma a uma para fazerem uma fase da higiene, por exemplo umas lavaram o cabelo à Sofia, outras lavaram o corpo, outras lavaram-lhe os dentes, outras pentearam-na, etc. Já no fim de todos terem participado e a Sofia ter feito tudo sobre a sua higiene oral a enfermeira fez novamente um diálogo para perceber se o grupo compreendeu a importância desta e se as crianças também a faziam.

### Avaliação:

Penso que foi uma atividade bastante interessante e enriquecedora para as crianças, assim como a pertinência do tema que contribui também para a

autonomia da criança e para que esta comece a compreender a importância destes cuidados e que o deve fazer todos os dias. Ao longo da atividade o entusiasmo e a motivação das crianças era notório devido aos comentários que iam fazendo e ao facto de estarem constantemente a pedir para participar “ posso ser eu”, “ eu quero fazer”. Esta ação foi também positiva para que as crianças se consciencializassem para os problemas que poderiam surgir caso não tivessem uma higiene corporal adequada.



**Fig.25- Participação das crianças na atividade sobre a Higiene**

## **ANEXO XLIX**

### **Descrição da atividade nº 5**

**Nome da atividade:** Encontro com a Fernanda Ribeiro

**Data:** 7 de Março de 2013

**Estratégia:**

- Visualização de vídeos sobre as competições nas quais a Fernanda Ribeiro participou, fotografias da Fernanda Ribeiro, Medalha de Ouro que a campeã ganhou

**Objetivos:**

- Compreender a informação acerca de uma boa alimentação
- Participar ativamente no diálogo em grande grupo
- Compreender a importância de fazer desporto
- Cuidados a ter com o nosso corpo
- Importância e cuidados que se deve ter com a nossa Postura

**Descrição:**

Áreas presentes:



Esta atividade veio em prol de um projeto entre a Câmara Municipal da Maia com o Agrupamento de escolas de Pedrouços, visto sensibilizar as crianças sobre a importância de fazer uma boa alimentação, assim como ter em conta vários aspetos favoráveis à saúde como por exemplo a postura adquirir.

A Fernanda Ribeiro visitou sala a sala de forma a dar a conhecer alguns aspetos importantes para as crianças crescerem saudáveis e ter em atenção a importância de uma boa alimentação, contudo e para completar esta ação houve também a presença de um Técnico de Saúde que veio mostrar às crianças do Jardim de Infância a importância de adquirir uma Postura correta, este mostrou um powerpoint e fez um jogo com a comunidade educativa. No final as crianças cantaram a canção que aprenderam ao longo da semana “ A Postura”, no final tiraram uma fotografia com a Fernanda Ribeiro e pediram autógrafos à Campeã olímpica.

#### **Avaliação:**

Na minha opinião e como futura educadora penso que é muito importante e interessante criar este tipo de ações com a comunidade educativa de forma a sensibilizar sobretudo os mais novos, pois estes estão em constante aprendizagem e conseguem de uma forma simples e lúdica compreender melhor certos comportamentos que devem adquirir principalmente na faixa etária em que se encontram.

As crianças mostraram-se muito entusiasmadas com o facto de terem a presença de uma figura pública e o facto de esta ter ganho um prémio tão importante na área do desporto como o da medalha de ouro.

A sessão da postura também foi bastante produtiva e positiva para o grupo das crianças pois ajudou estas a compreender melhor a importância de ter em conta hábitos de uma boa postura, e as consequências de adquirir maus hábitos.



**Fig.26- Participação das crianças na atividade sobre “ A Postura”**

## **ANEXO L**

### **Descrição do Projeto**

#### **6ª Etapa: Alimentação**

Uma vez que demos por terminado as partes constituintes do corpo, como os órgãos, os ossos, os membros e visto mais uma vez este Jardim de Infância estar inserido num projeto em parceria com a Câmara Municipal sobre “ O pequeno grande almoço”, a questão de uma boa alimentação e a importância da presença de alguns alimentos nas nossas refeições particularmente no pequeno – almoço era algo muito importante e que as crianças já tinham vindo a ser lucidadas para tal preocupação. Foi então que um dia o I levou para o lanche da manhã batatas fritas, com esta situação, o M quando chegou à sala e ainda no acolhimento disse: “ Sabes hoje o I trouxe batatas fritas e isso não se pode comer só em dias de festa e não ao pequeno – almoço”, como este, outros meninos tinham reparado em tal situação e fizeram comentários semelhantes. A alimentação era algo que nos preocupava a todos e foi aqui que os adultos decidiram então explorar uma **história “ A Senhora Roda dos Alimentos”** para elucidar as crianças.



**Fig.27- Diálogo sobre a Roda dos Alimentos**



Esta história falava sobre a importância dos alimentos e dos diferentes grupos a que cada um destes pertencia, após a leitura **exploramos a história** e fizemos questões ao qual a MT responde” Ao pequeno – almoço devemos beber leite e pão e não batatas fritas”, e diz a N.C “ e devemos comer cereais e fruta”, no decorrer deste diálogo começamos a explicar que existia então uma roda dos alimentos e que essa se **encontrava dividida em sete grandes grupos**: água, frutas, laticínios, hidratos de carbono, gorduras, legumes e leguminosas e proteínas. No final da exploração da história fomos **pesquisar á internet** mais coisas sobre a roda dos alimentos e depois de vários diálogos e para concretizar melhor o que tínhamos visto, apresenta-mos ao grupo um **jogo**, este consistia numa roda grande e cartões com diferentes imagens de alimentos.

As imagens foram distribuídas por todas as crianças e uma a uma levantava-se dizia que alimento representava e depois de dizer a que grupo pertencia ia tomar o seu lugar na roda que tinha sido desenhada no chão.



**Fig.28- Jogo da Roda dos Alimentos**

## **ANEXO LI**

### **Descrição do Projeto- Execução**

Visto a importância dos alimentos que ingerimos ao pequeno - almoço foi dito às crianças que neste, se devia e era  **muito importante comer três alimentos de três grupos diferentes** (laticínios, hidratos de carbono e frutas). No decorrer deste diálogo a MT disse: “Gostava de fazer uma **ementa** com menus de pequeno- almoço”, e diz a N “ E ficava na nossa casinha”, a educadora e as estagiárias perguntaram “ E como fazemos a nossa ementa se não sabemos escrever?” ao qual o M responde “ Fazemos com desenhos”, e foi então através de **desenhos e pinturas que cada criança fez o menu** que costumava comer ao pequeno- almoço com três alimentos de três grupos diferentes. Durante esta atividade denotou-se algumas dificuldades, pois a condição imposta anteriormente era que os menus tivessem três alimentos da roda, mas os três de grupos diferentes, o que algumas das crianças acabaram por desenhar alimentos do mesmo grupo, contudo e após esta observação tentamos que as crianças ultrapassassem esta dificuldade e explicamos como o poderiam fazer

perguntando “ então o leite e o iogurte fazem parte de que grupo?”, e assim foram se apercebendo de que realmente tinham repetido.



**Fig.29- Construção da Ementa para a área da casinha**

No final juntamos os 25 menus e o grupo quis fazer uma capa preta para por dentro os menus e ficar assim “ **a nossa ementa**” na **área da casinha** como tinha sobrado ainda imagens de diferentes alimentos as crianças quiseram **ainda fazer colagem com as imagens, foi feito em grande grupo a escolha dos alimentos e depois em pequeno grupo colaram.**

## **ANEXO LII**

### **Descrição da Atividade nº 8**

Áreas presentes:



**Nome da atividade:** Construção da Roda Dos Alimentos com massa de ash

**Data:** 15 de Abril de 2013

#### **Objetivos:**

- Construir objetos através da modelagem
- Experimentar criar objetos tridimensionais
- Identificar objetos através da comunicação visual e utilizar nas suas composições plásticas
- Consolidação de conhecimentos sobre uma determinada matéria

#### **Recursos:**

**Materiais:** - massa de ash, tintas, cartão, papel crepe, cola

**Humanos:** Educadora, Auxiliar de Educação e Estagiária

**Estratégia:** Visto que se tratou de uma atividade sugerida pelas crianças a estratégia a utilizar foi a utilização da massa de ash, pois as crianças como tinham dito que



queriam fazer os alimentos com plasticina e colocar na sala, a estagiária e a educadora deram a ideia de ser com massa de ash uma vez que já estavam muito habituados a trabalhar com plasticina, era uma oportunidade para eles trabalharem pela 1ª vez com a massa de ash,

**Descrição:** A construção dos alimentos em massa de ash teve como finalidade dar às crianças a oportunidade de trabalharem e modelarem com um material diferente daquilo que já estavam habituadas a fazer. Esta atividade surgiu no âmbito da exploração da Roda dos alimentos e os seus diferentes grupos. Inicialmente quando as crianças mostraram vontade de fazer os alimentos em plasticina surgiu a ideia de em vez de ser a plasticina trabalhar com a massa de ash e estas aceitaram com muito entusiasmo. A atividade foi realizada em pequenos grupos e entregou-se várias imagens alimentos a cada grupo, de seguida deu-se massa de ash a cada criança e estas começaram a trabalha-la, os comentários foram variados “ cheira bem” disse a N, “ é macia” disse o L, “ é fácil de trabalhar” disse o F, estas mostravam-se muito empenhadas e escolheram assim os alimentos que queriam construir. Houve ainda crianças que construíram mais que um alimento. Após a modelagem explicamos que teria de ficar um dia a secar e só depois se poderia pintar e assim foi. No dia seguinte as crianças mal chegaram à sala pediram para pintar os seus alimentos, foi curioso que todas pintaram com as cores reais dos alimentos sem pedirem ajuda ou perguntarem a cor, após concluída a construção e a pintura o grupo mostrou vontade de construir uma caixa para ficar guardado aquele precioso trabalho de que elas tanto gostaram. Foi então que passamos à construção da caixa, primeiro perguntamos se poderíamos guardar os alimentos à sorte ou se tinham que estar divididos, e o M respondeu: “ Não podemos por à sorte temos que dividir por sete grupos”, e assim em grande grupo perguntei quais os respetivos nomes dos grupos da roda e onde colocava cada alimento ( mostrei alimento a alimento e as crianças disseram o nome do grupo a que pertencia) foi então que de seguida desenhamos e dividimos a roda em sete grupos com marcadores, após este trabalho e uma forma de consolidação de conhecimentos colamos os alimentos com cola quente dentro da caixa e nos diferentes grupos, no final as crianças pediram para decorar a caixa com tintas e papel crepe.

**Avaliação:** Na minha opinião esta atividade foi muito enriquecedora, pois as crianças trabalharam pela primeira vez uma massa de modelar que até aqui nunca a tinham manuseado, pintaram os alimentos com a cor real de cada um, consolidaram e demonstraram ainda conhecimentos que tinham aprendido anteriormente relativamente aos diferentes grupos da roda dos alimentos. Através da minha observação direta pude concluir que fizeram esta atividade sem qualquer dificuldade e com bastante destreza no qual me deixou de certa forma surpresa, porque nem sempre é fácil para crianças de 4 anos modelar objetos/ alimentos em 3 D e estas conseguiram sem qualquer problema, outro fator que me deixou de certa forma surpreendida foi o facto de terem pintado os alimentos com as cores corretas, pois é notável que por exemplo nos desenhos que por vezes realizam não pintam as coisas com as cores corretas ( por ex: o cabelo de cor verde, as mãos de azul) mas que nesta atividade o fizeram corretamente e sem perguntar a ninguém de que cor se

pintava, outra mais valia foi a construção da caixa para se guardar os alimentos pois esta permitiu que em grande grupo todos fossem dizendo o nome dos grupos da roda e os alimentos correspondentes a cada um. Foi uma atividade bastante positiva e para além de ir ao encontro do que as crianças tinham pedindo no final o resultado foi brilhante ( no dia da Família os pais visualizaram este trabalho na nossa sala e os comentários foram fantásticos).



**Fig.30- Construção dos Menus**



**Fig.31- Construção dos Alimentos com massa de ash**



**Fig.32- Construção da Roda dos Alimentos**

## **ANEXO LIII**

### **Descrição da atividade nº 4**

Áreas presentes:



**Nome da atividade:** Utilização do Kamishibai para contar a História “ O Corpo Humano é uma casa”

**Data:** 6 de Março de 2013

**Estratégia:**

- Utilização do Kamishibai para contar uma história

**Objetivos:**

- Compreender as diferentes formas de contar história
- Conhecer as diferentes partes do corpo
- Demonstrar que compreendeu a história
- Demonstrar que adquiriu conhecimentos

**Recursos:**

**Materiais –** História “ O Corpo Humano é uma casa”, Dispositivo Kamishibai

**Humanos-** Estagiárias

**Descrição:**

A atividade do conto da história “O Corpo Humano é uma Casa”, surgiu no âmbito da sala dos quatro anos ter como projeto lúdico “O Corpo Humano”. A utilização do dispositivo kamishibai foi uma ideia que me surgiu juntamente com a estagiária da sala dos 5 anos para de uma forma mais lúdica contarmos às crianças de ambas as salas uma história sobre o tema que estas andam abordar “ Corpo Humano”. A escolha da utilização deste dispositivo teve em conta dar a conhecer às crianças e ao resto da comunidade educativa outras formas lúdicas de contar histórias, assim como estas perceberem a importância de ouvir e estar com atenção às mensagens e às morais das histórias.

**Avaliação:**

N a minha opinião foi sem dúvida para mim uma das atividades mais gratificantes ao longo desta semana, pois para além de ter corrido bastante bem as crianças adoraram a utilização deste dispositivo, conseguiram compreender a história muito bem respondendo acertadamente a todas as perguntas colocadas, tiveram curiosidade em compreender como funcionava o kamishibai e o facto de este servir para contar histórias foi algo que as cativou bastante. A atividade correu muito bem e fez um grande sucesso, tendo em vista já futuras atividades com a utilização deste.



**Fig.33- Dispositivo Kamishibai**



ser o vírus”, e diz o B “ e podíamos ser o glóbulo vermelho, e de imediato diz o C “ e eu quero ser uma fruta”, e o G “ eu quero ser um glóbulo branco”, **e foi ao longo desta assembleia que as crianças foram mostrando o seu interesse na concretização deste teatro**, após estas ideias foram surgindo outras, em que cada uma quis escolher qual a personagem que ia ser, dando mesmo algumas sugestões sobre os adereços A F diz: “ podíamos colocar uma estrela brilhante no glóbulo branco, já a N diz: “ e podíamos levar um chapéu no fato do glóbulo branco”, após todas estas ideias das crianças, houve a H que disse: “ o nosso teatro podia ter algumas músicas do teatro da Maria , aproveitando todas estas ideias e interesses destas crianças perguntou a educadora “ e quando vamos fazer o teatro e para quem vamos representar?”, e diz o F “ Podia ser na festa final de ano para os nossos pais”, ao longo de todo este diálogo foram-se assentando ideias e fizemos todos juntos **o registo**, como não sabemos escrever perguntamos de que forma poderíamos registar e diz o M “ Fazemos desenhos”.

No final da assembleia e depois de terem decidido **o que** íamos fazer, **como** íamos fazer, **quem ia ser o quê, quais as músicas**, e os **adereços** começamos então a **distribuir tarefas** e a concretizar os nosso fatos, ensaiar as músicas, a construir os adereços para que no final deste projeto tudo pudesse brilhar e mostrar o fantástico trabalho que estas crianças desenvolveram ao longos destes dois períodos.



**Fig.35- Canção: Os 5 sentidos**

**Canção/ Dramatização : Serafim constipadinho (Quem não se alimenta com alimentos coloridos, fica débil, os vírus atacam e o Serafim ficou doente)**





**Fig.36- Teatro musical “Volta ao corpo humano”**



**Fig.37- Canção/ Dança Vírus**

## **ANEXO LVI**

### **Grelha de avaliação do projeto “ O Corpo Humano”**

**Procure caracterizar o projeto em termos das competências adquiridas no que diz respeito ao grupo de crianças**

**Aprendizagem:** Aquisição maior ou menor de saberes e competências relativas a problemáticas enfrentadas no projecto.

O projeto lúdico “ O Corpo Humano” surgiu no âmbito de um interesse constante das crianças sobre este tema, estas mostravam alguns saberes sobre o assunto, contudo também se constatava ainda um grande desconhecimento sobre esta temática a desenvolver. Ao longo de várias conversas com as crianças foram surgindo várias questões às quais houve necessidade de resposta para produzir o conhecimento de todo o grupo. No dia da alimentação o A retratou-se a si próprio através do desenho e

este já com ossos, membros superiores e inferiores e comentou: “ Este sou eu a crescer forte e saudável”, já a E desenhou a mãe grávida e comentou: “ Esta é a minha mamã grávida, mas como é que a minha irmã entrou na barriga da minha mãe não sei!”, após estes comentários as crianças foram fazendo várias associações com o passar do tempo como : “ Depois das férias de Natal o I e a M ainda não vieram para a escola, porque devem ter comido alimentos que não são saudáveis e ficaram doentes”. Foi aqui que as crianças se mostravam cada vez mais curiosas, interessadas e pediram para irem pesquisar na internet sobre o nosso corpo e tudo o que nele existia. Após todo este processo de interesse por parte do grupo pretendeu-se que as crianças aprendessem como era constituído o corpo e tudo o que ele fazia. Assim houve uma aquisição, em quantidade e qualidade, dos saberes intrínsecos ao Projeto, tendo sempre em conta os saberes das crianças: “ o que queremos aprender?”, “ o que vamos fazer?”, “ por onde vamos começar ?” e “ como vamos aprender?”.

Relativamente aos saberes, destacam-se alguns: “ Construção de um corpo articulado; como este mexe, em quantas partes está dividido o nosso corpo, quais as partes do corpo que mexem e ainda na exploração desta surgiu a dúvida por parte do L: “ Como é que sabemos se a mão está no sítio certo?”, foi então aqui que houve necessidade de explorar o lado direito do lado esquerdo com a explicação de que a mão direita era a mão com que nós escrevíamos à exceção do F que era canhoto, explorou-se a cabeça e as suas partes constituintes como a face e o crânio, as crianças mostravam-se cada vez mais curiosas sobre este funcionamento, foram feitos vários jogos para que estas se consciencializassem os seus saberes relativos a esta parte do corpo tão importante “ a cabeça”. Após colocarem os elementos constituintes da cabeça surgiu a necessidade de explorar os cinco sentidos e a sua importância, ao qual disse a J “ Os olhos é para nós vermos”, e o M disse “ os ouvidos é para ouvir”, a L “a boca é para comer”, e disse o F “ se não tivéssemos estes órgãos não conseguíamos comer, ouvir nem falar” e assim se explorou os cinco sentidos. O coração foi também um órgão bastante explorado desde a sua importância à sua função. Os membros superiores, membros inferiores, músculos e ossos foram também explorados ao longo de todo este projeto, desde experiências, demonstrações físicas, pesquisas na internet e leitura de poemas e histórias, por último e não menos importante trabalhamos ainda o tema “alimentação”, neste construiu-se alimentos em massa de ash ao qual as crianças quiseram expor depois de prontos, fizemos ainda um jogo com a roda dos alimentos, e construiu-se ainda uma ementa com menus de pequeno - almoços de três grupos diferentes da roda, depois de feitas todas as atividades sobre alimentação construiu-se um portefólio com tudo o que foi feito sobre esta temática e é ainda de salientar que este última parte do projeto “ a alimentação” teve também como parceria um projeto com a Câmara Municipal da Maia com todos os Jardins de Infância da cidade, ao qual o nosso trabalho ganhou o prémio por ter sido considerado o melhor trabalho de todos os Jardins de Infância, isto só veio comprovar a qualidade do trabalho destas crianças e a vontade das mesmas para trabalhar cada vez com mais qualidade. Ainda e para terminar o projeto explorou-se a questão que foi feita inicialmente pela N.C. “ Como é que a minha irmã foi para a barriga da minha mãe”, foi também numa visita da Professora Cristina à nossa sala que o M apontou para a



árvore genealógica e disse “ Sabes Professora Cristina eu tenho uma irmã e é menina”, o grupo ao ouvir isto quiseram todos partilhar o seu número de irmãos e se era menino ou menina. Inicialmente explicamos que os meninos pertenciam ao grupo do masculino e as meninas pertenciam ao grupo do feminino, aproveitamos depois de já estarem todos mais consciencializados sobre esta questão decidimos fazer o registo de todas as crianças que tinham irmãos através do diagrama de venn, este exercício fez com que o grupo compreendesse o que era um conjunto e a interseção, depois destes exercícios as crianças já diziam pela sala “ eu sou menina sou do grupo do feminino, e tu és menino és do grupo do masculino”, ainda e para terminar de forma a dar resposta à pergunta da N.C “ Como a minha irmã entrou na barriga da minha mãe isso eu não sei”, exploramos a história “A mamã pôs um ovo”, o grupo conseguiu assim compreender de uma forma simplificada como nascem os bebés ao quala Í.C. disse: “ Já vou dizer à mamã que sei como a mana entrou na barriga dela”.

No decorrer de todo este projeto os saberes tiveram sempre um suporte científico, através de livros, internet, experiências práticas, vídeos, etc.

Ao longo do projeto, foram adquiridas diferentes competências, tendo em conta a intencionalidade e interesse do grupo, englobando sempre as diferentes áreas de conteúdo e as metas de aprendizagem. É de salientar que este projeto não se centrou apenas em conhecimentos teóricos, mas também em adquirir e desenvolver outras competências nas crianças como irei referir mais à frente e tendo em conta as áreas de conteúdo.

### **Saberes e competências adquiridas, segundo as áreas de conteúdo e os seus domínios:**

#### **Área de Formação Pessoal e Social:**

No desenrolar de todo este projeto, as competências relativas a esta área de conteúdo foram desde sempre muito estimuladas e presentes neste grupo de trabalho quer a nível pessoal quer a nível social. Ao longo de todo o processo deu-se “voz ativa” às crianças, de acordo sempre com os seus interesses e necessidades, estas sugeriam ideias, davam opiniões e respeitavam os colegas. Nas diferentes atividades desenvolvidas todas as crianças sem exceção experimentavam sem receio, propunham sugestões, falavam num grupo que lhes era familiar, aceitavam as ideias de todos e cumpriam tudo o que era falado em assembleias ou conversas informais. Nas atividades de escolha o grupo já sabia que a escolha eleita seria aquela que tinha sido ditada pela maioria, algumas crianças como a M já dizia muitas vezes “ Ganhou o teatro musical para a festa final do ano, porque a maioria dos meninos votou no teatro musical”, outro comportamento muito notável neste grupo de crianças era os comportamentos de entre- ajuda comentando o F “ Não consegues recortar o coração direitinho, eu ajudo-te J”, foi assim que quer em grande e em pequeno grupo ao longo do projeto foram desenvolvidas e estimuladas competências a este nível para que todos cooperassem no desenrolar das atividades e do produto final.

## **Conhecimento do Mundo**

A área do conhecimento do Mundo foi sem dúvida uma das áreas mais trabalhadas e estimuladas no desenrolar de todo este projeto, as crianças adquiriram diferentes saberes e conhecimentos relativamente ao Corpo Humano e tudo o que nele existe. Conseguiram compreender a dinâmica de tudo o que foi explicado/ ensinado e ficaram com um conhecimento básico do que é o Corpo Humano e como este funciona.

## **Linguagem Oral e Abordagem à escrita**

Esta competência foi também bastante trabalhada e presente em todas as atividades visto ser uma necessidade emergente deste grupo, uma vez que o diálogo esteve sempre presente em tudo o que se fazia, as crianças expressavam-se livremente e sempre que o pretendiam, o registo escrito também esteve presente a maioria das vezes, pois para este trabalho o registo era algo de muito importante para que tudo ficasse registado e nos pudéssemos guiar por ele de modo a realizar o que foi estipulado anteriormente.

## **Domínios da Expressão e Comunicação**

### **Expressão plástica**

O domínio da expressão plástica foi também a área mais trabalhada e com maior progresso a nível do desenvolvimento das competências deste grupo, ao longo da vivência de todo o projeto, muitas foram as atividades desenvolvidas em redor deste domínio, o desenho correto da figura humana correspondente à realidade ( cabeça, tronco, membros superiores e inferiores) foi algo de progresso notável nestas crianças, pois no início do ano havia um grande numero de crianças que não conseguiam desenhar a figura humana com estas características, e pode-se comprovar que no fim deste projeto já todas o conseguem fazer, as próprias crianças repararam nesses pormenores ao qual disse o M “ a L já desenha a irmã com braços e pernas”, o contorno, a colagem e o recorte foram também muito trabalhados e presentes em muitas atividades ao longo do trabalho de projeto

### **Expressão Musical**

Em todo este projeto e visto o gosto das crianças por este domínio diferentes músicas foram ensinadas como: “Canção dos cinco sentidos”, “ os dez dedos”, “serafim constipadinho”, “postura adquirir”, “o meu pequeno- almoço” entre outras, foi também desenvolvida aulas de expressão musical com instrumentos e canto.

### **Expressão Dramática**

No decorrer deste projeto as crianças fizeram várias dramatizações que foram realizadas através de brincadeiras de faz de conta ( exemplo: Na área da casinha a MI dizia : “ Dói-me tanto a barriga foi de comer muitos doces, agora o meu corpo está doente vou chamar o médico que era o F”), utilizou-se ainda a dramatização através de vários dispositivos de conto de história como Kamishibai e o fantocheiro, para contar a história sobre “ O Corpo Humano é uma casa” e “ O dia em que a barriga

rebentou”, as crianças também mostravam bastante interesse por este domínio.

### **Expressão motora**

Durante o projeto trabalhou-se com o grupo a lateralidade, isto é a percepção do lado direito e do lado esquerdo, mesmo quando foi para o grupo se consciencializar qual a mão e pé direito e o esquerdo, desenvolveu-se ainda vários jogos onde todas as crianças tinham que respeitar as regras, era uma competência importante a trabalhar com o grupo, uma vez que algumas crianças não compreendiam a importância de num jogar existir regras, foi também um domínio bastante presente no decorrer do projeto.

### **Matemática**

A matemática foi desde cedo uma competência a desenvolver ao longo de todo este trabalho, pois as dificuldades do grupo eram notáveis e combater estas tornava-se fundamental para o desenvolvimento e progresso da maioria. Ao longo do projeto foram desenvolvidas diferentes atividades ao nível deste conteúdo como associar números ordinais a números cardinais, contagem, noção de interseção, divisão, escolhas através de votação e contagem de votos, noção de conjunto, formas geométricas, exploração de diferentes tamanhos (maior, menor ou igual).

**Autonomia:** Capacidade maior ou menor de as crianças implicadas no projeto gerirem espaços de autonomia existentes no contexto em que se movem.

Penso que a nível deste parâmetro, a capacidade das crianças de se auto-organizarem era bastante visível, pois eram elas muitas das vezes que diziam quem fazia o quê e quem ia fazer cada atividade, após uma definição prévia, eram elas que definiam quem fazia o quê sem ser necessário a intervenção do adulto de relembrar o que deveriam fazer, havia crianças como a M que dizia” F tu não vais pintar agora os alimentos, agora é o meu grupo”. Eram as crianças que escolhiam as atividades que queriam realizar e escolhiam e procuravam os materiais/ recursos com os quais iam trabalhar. Observei que todas respeitavam as regras impostas na sala e respeitavam-se uns aos outros existindo uma grande entre ajuda como já referi anteriormente. (exemplo: Não consegues recortar eu ajudo-te).

**Cooperação:** Capacidade maior ou menor de trabalhar em grupo e partilhar experiências e saberes.

Em campo observei que este parâmetro foi sem dúvida um dos mais presentes ao longo de todo o trabalho, as crianças traziam livros, filmes, objetos e partilhavam com o grande grupo, trocavam ideias e partilhavam experiências e saberes que tinham vivenciado e aprendido anteriormente ou em grande grupo , houve um dia em que o T trouxe um filme sobre o corpo humano e disse: “ Podíamos ver este filme é muito importante para aprendermos coisas novas sobre o nosso corpo”, o A trouxe um livro e disse: “ Este livro fala sobre o Corpo Humano podemos trabalhar com ele” e apresentou o livro a todas as crianças. Durante as atividades de todo o projeto a capacidade de trabalhar em grupo e partilhar experiências e saberes era algo que já

estava bastante interiorizado no dia a dia destas crianças.
<b>Eficácia:</b> Capacidade maior ou menor de, isoladamente ou em grupo, contribuir para que sejam conseguidos resultados considerados positivos no processo.
Através da minha observação direta e após vários diálogos com a minha educadora cooperante, ambas consideramos que o grupo de crianças conseguiram resultados bastante positivos quer em grupo quer individualmente, e que a grande maioria conseguiu atingir os objetivos propostos quer ao nível das aprendizagens quer ao nível das construções. O grupo mostrou desde o início do projeto um grande empenho, dedicação e vontade de aprender e saber sempre mais, levando a cabo a concretização das diferentes atividades e tudo aquilo que foi anteriormente estipulado fazer e sempre procurando fazê-lo com empenho, dedicação e cuidado.
<b>Implicação:</b> Sentimento de pertença e responsabilidade maior ou menor que as crianças terão em relação ao projecto em que trabalham.
No que concerne o parâmetro da implicação as crianças demonstravam um grande sentimento de pertença sobre o projeto, estas traziam constantemente de casa materiais para serem explorados em grupo, partilhavam experiências e saberes. Quando construíram os três amigos o Osvaldo, o Óscar e o Otávio ( bonecos/ personagens que construíram sobre o corpo humano e que estavam expostos na sala), diziam às pessoas que entravam na nossa sala “ Sabes não podes estragar o Óscar, o Osvaldo e o Otávio porque eles são nossos amigos e ajudam-nos a compreender o que se passa no nosso Corpo”. Quando era ensinado algo de novo e as crianças aprendiam no desenrolar do projeto, revelavam um interesse e gosto por saber mais e ir mais além, usavam e articulavam o conhecimento aprendido no seu quotidiano e gostavam ainda de demonstrar aos outros o que de novo aprenderam.
<b>Negociação:</b> Capacidade maior ou menor de lidar com situações conflituais surgidas no decurso do projecto
A capacidade de negociação era algo que tinha vindo a ser trabalhado e inculcido nestas crianças desde o início do ano letivo, uma vez que começaram o projeto um pouco mais tarde esta competência já estava inculcada no grupo. Durante o projeto houve de facto momentos em que a negociação foi muito importante e eficaz para levar a cabo o que se pretendia fazer, assim as crianças aprenderam a gerir os conflitos sozinhas e a repensar nas suas atitudes que por vezes não eram as mais corretas, embora em situações extremas fosse necessária a intervenção do educador estas eram visivelmente reduzidas.

**Procure caracterizar o projecto em termos de critérios de qualidade adquiridas no que diz respeito à equipa pedagógica**

<p><b>Adequação:</b> Capacidade maior ou menor de resposta do projecto às necessidades identificadas no grupo com que se trabalha.</p>
<p>Na minha opinião e após a vivência direta neste projeto, penso que este está adequado ao grupo em questão visto que as crianças foram sempre ouvidas no Projeto e foram estas que demonstraram interesse pelo tema trabalhado, a educadora, a estagiária e a auxiliar procuraram sempre desenvolver e realizar atividades que fossem de encontro às necessidades e interesses de todos ( ex: Desenhei a minha mãe com a minha irmã na barriga, mas não sei como ela entrou lá!, “). No desenrolar do projeto houve várias assembleias cujo objetivo era que as crianças dissessem o que queriam fazer, como queriam fazer e o que gostavam de aprender. Podemos então afirmar que há uma adequação do projeto ao grupo uma vez que foi de encontro aos interesses e necessidades demonstradas por todos.</p>
<p><b>Eficácia:</b> Qualidade e/ou quantidade de efeitos (previstos ou imprevistos) para os quais o projecto poderá estar a contribuir ao longo do seu processo de desenvolvimento.</p>
<p>Na minha opinião o Projeto Lúdico foi fundamental a vários níveis, penso também que foi eficaz em tudo o que se fez e se produziu. Permitiu arranjar estratégias para as necessidades de todo o grupo, ao nível das atividades a realizar, ao nível da intencionalidade educativa. Em conversa com a educadora ambas partilhamos da opinião que é muito enriquecedor e pertinente estudar termos científicos de forma a transmitir ao grupo conceitos corretos. Pensamos que foi de uma extrema importância a pesquisa e recolha de informação desde livros, internet, vídeos, imagens e jogos para se trabalhar todo este tema “ Corpo Humano”.</p>
<p><b>Flexibilidade:</b> Agilidade maior ou menor revelada pelo projecto em recorrer a diferentes metodologias que se estejam a revelar mais adequadas às características do contexto e problemas que o projecto procura enfrentar.</p>
<p>A flexibilidade é um dos parâmetros fundamentais e que se deve ter em conta no decorrer de um projeto, pois muitas das vezes o que é planeado não é exatamente como se tinha planeado, devido às necessidades ou interesses que possa surgir no grupo e durante as atividades, pois muitas vezes temos mesmo de modificar a metodologia que tínhamos anteriormente planeado. Contudo e ao longo de todo o trabalho a equipa pedagógica tentou utilizar sempre as metodologias mais adequadas ao contexto que estava inserido, no entanto dar resposta aos problemas foi também uma preocupação durante todo o processo, mesmo por vezes não tendo sido planeado.</p> <p>Por exemplo: Na construção do corpo humano todas as crianças iam participando, mas como em grande grupo algumas delas não estavam a conseguir interiorizar alguns conhecimentos houve a necessidade de se trabalhar em pequenos grupos.</p>
<p><b>Negociação:</b> Capacidade maior ou menor que é encontrada no projecto de identificar</p>

<p>e compatibilizar diferentes interesses e valores presentes na população abrangida pelo projecto.</p>
<p>No processo de todo o trabalho do nosso projeto lúdico a negociação foi algo de muito presente, pois muitas vezes as crianças sugeriam diferentes ideias para serem concretizadas, uma vez que nem todas poderiam ser postas em prática ao mesmo tempo tentava-se chegar a um acordo e negociar com todo o grupo.</p>
<p><b>Partilha:</b> Capacidade maior ou menor que um projecto revela de proporcionar espaços de intervenção pelos quais os diferentes atores nele implicados se sintam responsáveis em práticas desenvolvidas cooperativamente.</p>
<p>Considero que este parâmetro esteve sempre presente ao longo da realização do projeto lúdico, visto que a equipa pedagógica estabeleceu uma ótima relação, onde as ideias eram partilhadas com todos e onde em grupo se decidia o melhor a fazer e de forma a criar e proporcionar atividades benéficas e produtivas para todo o grupo. Não havia destrinça na equipa pedagógica, em campo todos trabalhavam para a mesma finalidade e sempre com a mesma intenção, éramos de facto uma verdadeira equipa onde cooperávamos em conjunto e ativamente, onde nos sentíamos responsáveis em desenvolver práticas.</p>
<p><b>Pertinência:</b> Grau de relevância que as propostas do projecto assumem para a qualidade de vida das crianças abrangidas.</p>
<p>Na opinião de toda a equipa pedagógica e como já referi anteriormente, tudo o que foi desenvolvido e concretizado ao longo do nosso projeto lúdico foi de interesse e necessidade das crianças, foram aproveitadas todas as sugestões ditas por elas de forma a motivar o grupo. Assim selecionamos as aprendizagens mais adequadas para as características deste grupo e faixa etária com o objetivo de alargar o conhecimento de todos. A equipa tentou sempre que as aprendizagens fizessem sentidos para todos.</p>
<p><b>Reflexibilidade:</b> Estímulo maior ou menor que o projecto dá à ocorrência de actividades de auto e hetero-avaliação do processo em curso.</p>
<p>No decorrer do projeto existiram dois momentos de avaliação, inicialmente e antes de se partir para a execução do mesmo fez-se uma avaliação para perceber o que as crianças já sabiam, o que ainda queriam saber, o que queriam fazer e como iam fazer, já no final do projeto na véspera da divulgação deste foi feito em grupo um segundo momento de avaliação para perceber o que as crianças aprenderam, o que fizeram, porquê que fizeram, como fizeram e o que faltou fazer, aproveitamos ainda para saber o que mais gostaram de aprender e fazer e quais as maiores dificuldades que se fizeram sentir ao longo de todo este processo, ao qual disse o T “ Gostei de tudo e como os meninos trabalharam muito tudo foi fácil e bonito de se fazer”.</p>
<p><b>Responsabilidade:</b> Papel mais ou menos relevante que o projecto atribui aos contributos críticos da criança ou grupo de crianças que intervêm no projecto (difusão e uso das informações)</p>



Em conversa com a educadora pensamos que o projeto é sem dúvida uma mais valia para inculcar a responsabilidade nas crianças, primeiro porque ao dar um papel ativo às crianças estas vão se sentir mais seguras e consciencializadas de que tem sobre elas uma maior responsabilidade em participar, sugerir, criticar e concretizar tudo o que envolve o seu trabalho e o trabalho do grupo, são capazes de participar sem receios e de forma voluntária sempre tendo em conta a responsabilidade que assumiram.

## ANEXO LVII



Fig.38- Aula de Expressão Plástica

## ANEXO LVIII



Fig. 39- Participação da turma

## ANEXO LIX



**Fig.40- Atividade Reciclagem**

## ANEXO LX



**Fig.41- Experiência da Respiração**

## ANEXO LXI

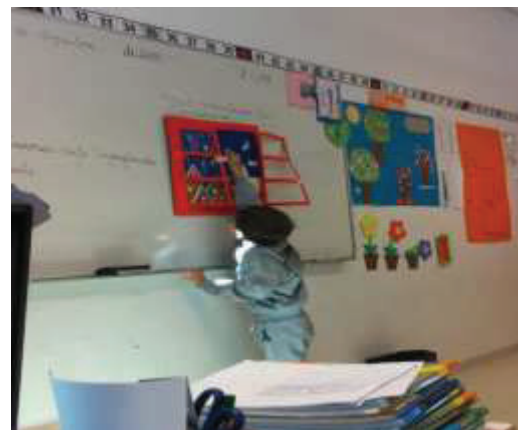
### **Reflexão Semanal 1ºCEB**

Após a observação minuciosa que tenho vindo a fazer à turma, percebi que esta sentia muitas dificuldades relativamente à questão das horas, e por isso, decidi que um dos temas a lecionar e a insistir seria este. As horas era uma questão que preocupava os alunos, e ao mesmo tempo lhes despertava bastante interesse, uma vez que, faziam constantemente perguntas sobre a visualização das mesmas, assim, por esta mesma razão decidi estimular as crianças na aprendizagem das horas, praticando exercícios no quadro, jogando no computador, construindo o relógio e ainda contando uma história. Posso concluir que não foi fácil ensinar este tema à turma, pois para além de



ter utilizado várias estratégias para que todos os alunos compreendessem, cheguei à conclusão que muitos deles continuavam confusos e com imensas dúvidas. Perante esta situação decidi perguntar um a um o que os deixava confusos, e pedi individualmente que viessem ao quadro e trabalhassem as horas no relógio desenhado por mim, posso afirmar que foi uma estratégia muito eficaz, no sentido em que dei oportunidade a todos de exemplificar e esclarecer as suas dúvidas, e nada melhor que praticar para se compreender. Uma outra estratégia que resultou bastante bem, foi o facto de ter estado mais atenta aos alunos com mais dificuldades, estimulando-os e dando exatamente a mesma oportunidade que dou aos alunos que constantemente gostam de participar. Durante todas as atividades que lecionei ao longo desta semana, tive o cuidado de chamar e estimular os alunos com mais dificuldades a participar, mais tarde já eram estes que pediam para intervir. Posto isto, cada vez mais, tenho consciência que para ser uma boa profissional de educação, deve-se estar atento a todos os alunos, assim como às suas dificuldades e potencialidades, dando a todos igualdade de oportunidades, pois quando um professor planifica é com a certeza de que o seu objetivo é contribuir para o enriquecimento de todos os alunos.

## ANEXO LXII



**Fig.42- Lugar encantado dos antónimos** **Fig.43- Identificação dos antónimos**

**ANEXO LXIII**



**Fig.44- Bingo dos antónimos**

**ANEXO LXIV**



**Fig.45 – Jardim Comportamental**

**ANEXO LXV**

**Registo de Observação**

**Descrição Diária– 4**

**Data:** 16/05/ 2013

**Criança:** MI

**Idade:** 4 anos

**Observadora:** Estagiária

**Incidente:** A MI vai à beira da estagiária que estava ajudar outra criança e diz “ Ângela olha para aqui vê só como desenhei a mãe e o pai mesmo bem”.

**Comentário:** A MI é uma criança que não desenhava até este momento a figura humana completa, com cabeça, olhos, nariz, boca, membros superiores e membros inferiores, ao conseguir desenhar ficou tão entusiasmada com tal acontecimento que quis partilhar o momento com a estagiária que a elogiou e a incentivou a fazer cada vez melhor, esta vai estar mais atenta às suas produções plásticas para que a MI se sinta motivada e fazer cada vez melhor.

## ANEXO LXVI

### Registo de Observação

#### Check-list – Matemática

2013-05-02

	Reconhece as diferentes formas geométricas	Contagem do nº das formas geométricas	Associa os números ao cardinal	Noção de + , - ou =	Ordena figuras por tamanho e forma	Faz sequência	Compreende e conta o número de lados das formas geométricas	Desenha formas geométricas corretamente
J	+	+	+	+	+	+	+ -	+
MI	+	+	+	+	+	+ -	+	+
MR	+	+	+	+	+	+	+	+
L	+	+	+ -	-	+ -	+ -	+ -	+
LI	+ -	+ .	-	-	-	-	-	+ -
GA	+ -	+ -	-	-	-	-	-	+ -
NC	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
IC	+	+	+ -	+ -	+ -	+ -	-	+
I	+	+ -	-	-	-	-	-	+
MT	+	+	+	+	+	+	+	+
N	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
F	+	+	+	+	+	+	+	+
G	+	+	+	+ -	+	+ -	+ -	+
GF	+	+	+	+	+	+	+	+
M	+	+	+	+	+	+	+	+
T	+	+	+	+	+	+	+	+
AD	+	+ -	+	+ -	+ -	+ -	+ -	+
A	+	+	+ -	+ -	+	+	+ -	+
H	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+
R	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
K	+	+ -	+	-	+ -	-	-	+ -

LY	+ -	+	+ -	-	+ -	+ -	-	+ -
IG	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
RF	+	+	+ -	+ -	+	+ -	+ -	+
TI	+	+	+	+ -	+	+	+ -	+

+ Consegue

- Não consegue

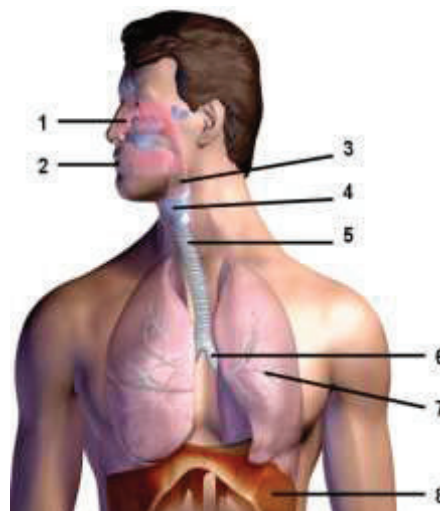
+ - Consegue com dificuldades

## ANEXO LXVII

### Ficha Formativa

CENTRO ESCOLAR x  
ANO LETIVO 2013/ 2014

1. Observa a imagem e identifica os órgãos do sistema respiratório



1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_
6. \_\_\_\_\_

7. \_\_\_\_\_  
 8. \_\_\_\_\_

2. Indica três funções das fosas nasais:

R: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

3. Completa as frases e preenche os espaços em branco:

O ar que respiramos entra pelas \_\_\_\_\_ e passa pela \_\_\_\_\_, pela \_\_\_\_\_, pela \_\_\_\_\_ e chega aos pulmões.

O sangue, ao passar pelos pulmões, recebe o \_\_\_\_\_ do ar e leva-o a todas as partes do nosso corpo.




Na respiração há dois movimentos importantes: a entrada de ar nos pulmões- \_\_\_\_\_ e a saída de ar dos pulmões é a \_\_\_\_\_.

Para sobreviver, precisamos de \_\_\_\_\_ e da \_\_\_\_\_ dos alimentos que são depois transportados pelo \_\_\_\_\_ a todas as células.

Nome: \_\_\_\_\_  
 Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO LXVIII

### Ficha de Auto-avaliação

AUTO-AVALIAÇÃO	SIM 	NÃO 	MAIS OU MENOS 
Já sei como respiramos?			

Já consigo identificar os órgãos do sistema respiratório?			
Consigo distinguir o processo da inspiração do processo da expiração?			
As atividades realizadas pela professora foram enriquecedoras e motivadoras para mim?			
Realizei as atividades que foram pedidas pela professora sem dificuldades?			

Nome: \_\_\_\_\_

## ANEXO LXIX

### Avaliação da Semana de 22 de Abril a 24 de Abril

No início da semana e visto que não tinha sido terminada as atividades planejadas, na semana anterior, em diálogo com as crianças estas refletiram sobre o que tinham feito e o que ainda faltava e gostavam de fazer, foi então que sugeriram fazer uma caixa para colocar os alimentos que tinham feito com a massa de ash. Em grande grupo dividiu-se a caixa em sete grupos ( o da roda dos alimentos ) e cada uma das crianças ia dizendo o nome de cada um deles, e qual a função dos alimentos a que correspondiam cada um deles. Após este diálogo perguntei às crianças como queriam decorar a caixa e onde a queriam colocar, estas mostraram-se de tal modo

entusiasmadas que disseram logo que tinha de ficar num sítio para que todos vissem quando viessem à nossa sala, disseram ainda que queriam decorar com materiais da área da colagem ( papel crepe, tintas, botões), esta atividade foi realizada em pequenos grupos e foi vivenciada com grande alvoroço por parte da maioria das crianças, pois para este grupo o facto de se realizar e utilizar as ideias dadas por eles é algo de grande orgulho e motivador para estes na realização dos seus trabalhos. No decorrer da semana e visto que o dia da Família se aproximava e as crianças já andavam a ensaiar as músicas para este dia, as crianças sugeriram que se escrevesse a letra da música para que no dia da festa os pais soubessem cantar, como as crianças não sabem escrever decidiram fazer o pictograma da música “A Ana quer”, foi então que substituíram as palavras por desenhos feitos por elas, ( desenhos que correspondiam às palavras) pintaram, e ainda colaram numa cartolina para mais tarde colocar no refeitório, esta atividade foi realizada em pequeno grupo e visto que é uma atividade a que este grupo também está muito habituado a fazer, correu com bastante destreza e perfeição como se pode verificar nas fotografias ( anexo), o grupo pediu logo para se expor para todos poderem visualizar. Apesar desta semana ser mais curta conseguimos ainda explorar o poema da mãe e do pai e os diferentes adjetivos, as crianças foram dizendo adjetivos sobre os seus pais e através da palavra pai e mãe construímos e lemos novas palavras que construímos a partir destas. A semana foi curta e mais uma vez a planificação não foi cumprida contudo e apesar de não se cumprir todos os objetivos propostos anteriormente, conseguimos trabalhar alguns que eram importantes para as necessidades e interesses do grupo.

## **ANEXO LXX**

### **Avaliação Semanal 1ºCEB**

Após ter terminado mais uma semana de estágio, foi-nos solicitado a realização de uma reflexão sobre a mesma.

Ao refletir sobre as estratégias adotadas em sala de aula, na semana anterior, pode-se considerar que estas se tornaram eficazes para o bom funcionamento das aulas. Desta forma, perante a existência do “Jardim Comportamental”, as crianças sentiram-se motivadas a demonstrar um bom comportamento, com o objetivo de poderem colocar o seu nome na flor amarela (flor e cor que representa um bom comportamento). Pôde-se também constatar que o recurso a um dispositivo pedagógico, “O Lugar Encantado dos Antónimos”, motivou o grupo de crianças para a compreensão do conteúdo abordado, pois durante esta semana os comentários e as analogias feitas pelas crianças sobre este tema foi uma constante.

Deste modo, para um iniciante profissional, verificou-se que a motivação e a criatividade constituem dois pontos chave para uma aprendizagem significativa e diversificada num grupo de crianças, quebrando a monotonia de atividades e suscitando o interesse e a curiosidade pela inovação.

Como futura profissional, considera-se que a motivação deve estar presente na planificação e na execução das atividades, uma vez que, o interesse e o empenho das crianças pode ser influenciado, positivamente, por este fator.

Desta forma, a motivação está sempre relacionada com um objetivo, uma meta a atingir, o que suscita a curiosidade da criança/ aluno, como podemos concluir com a seguinte afirmação:

“A motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido.” (BALANCHO e COELHO, 1996).

Posto isto, e, após uma reflexão sobre o desenrolar destas duas últimas semanas, mais uma vez, se comprova que o ato de refletir, investigar, criar e motivar o grupo é imprescindível para um caminho de sucesso, repleto de aprendizagens diversificadas e significativas.

Por último, considera-se que a semana foi positiva, visto que os recursos utilizados, criados pela estagiária, na semana anterior, tiveram um resultado positivo no comportamento dos alunos e constituíram uma fonte de aprendizagem nos respetivos.

## **ANEXO LXXI**

Áreas de conteúdo presentes:



**Data de nascimento://2008**

**Data de realização do trabalho: 03/04/2013**

**Data de escolha do trabalho: 07/04/2013**

**Escolha realizada por: Francisco**



**Fig.46- Construção de um avião com plasticina**



**Comentário:** “Fiz um avião Ângela, foi neste transporte que fui visitar a minha prima a Lisboa”

**Indicadores de desenvolvimento presentes:**

- prediz acontecimentos do passado através de uma narrativa.
- produz composições plásticas

**Proposta de intervenção:** proporcionar e incentivar o Francisco a fazer atividades desta natureza para trabalhar a criatividade e o manuseamento da plasticina, assim como estimular a memória de acontecimentos do passado

**Reflexão:** O Francisco consegue modelar um transporte que conhece, e consegue descrever um momento que vivenciou ( a viagem a Lisboa para visitar a prima) .